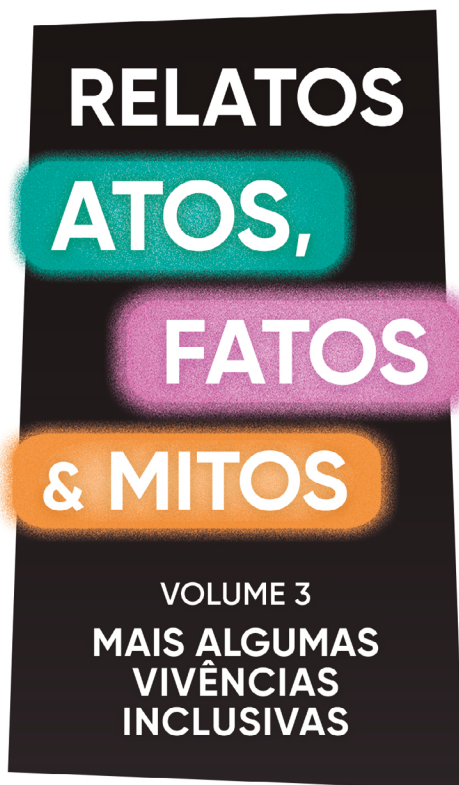


ORGANIZADORA:
Raquel Maria Cardoso Pedroso

RELATOS ATOS, FATOS & MITOS

VOLUME 3
MAIS ALGUMAS
VIVÊNCIAS
INCLUSIVAS

ORGANIZADORA:
Raquel Maria Pedroso Cardoso



EDITORA
UNIFEBE

Brusque, 2025

Editora da UNIFEBE

Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque - UNIFEBE

Rua Vendelino Mafezzoli, 333

Bairro Santa Terezinha

Brusque - SC, Brasil

CEP: 88352-360

Caixa Postal: 1501

Telefone: (47) 3211-7000

Site: www.unifebe.edu.br

E-mail: editora@unifebe.edu.br

Relatos : atos, fatos e mitos : mais algumas vivências
inclusivas / Raquel Maria Cardoso Pedroso (org.). –
Brusque : Ed. UNIFEBE, 2025.
127 p. ; 6.058 KB.

ISBN 978-65-83344-18-2

1. Educação inclusiva. 2. Educação especial. 3.
Aprendizagem. I. Pedroso, Raquel Maria Cardoso.

CDD 371.9

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2025 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidades dos autores e não expressa, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Organizadora:
Raquel Maria Cardoso Pedroso

Participantes da obra:

Adrielli Vilamoski Kormann;
Andréia Hames;
Andréia Rodrigues;
Beatriz Batisti;
Carla Daise Pereira Babolim;
Cristiania do Nascimento Batista;
Daiane Hasse da Luz;
Ediéle Jardim;
Eliane Santos Cunha;
Gabrielle Victoria Pereira;
Gabrielly Souza Soares;
Iasmin Baron;
Joseane dos Santos Garcia;
Julia Gohr;
Julia Nicoletti;
Juliana Aparecida França Vieira;
Jussara Melim;
Karoline Cristina Nunes;
Katia Maurer;
Kauane Marinho da Rosa;

Laura Karina Rodriguez-Mota;
Leila Flores Firmo;
Luana do Amaral de Oliveira;
Maíza Cristina Ferreira Aurélio;
Mariah Wiederkehr Tisse;
Marivani Fatima de Mello Walmarath;
Micaeli Taís Kaefer;
Micaella Mantovani Daneluzi;
Miriam Borges Alles;
Mônica Fischer Bianchini;
Poliana Caroline dos Santos;
Priscila Rocinski Venera;
Raquel Maria Cardoso Pedroso;
Rosiane de Syllos Hutiel Chiqueleiro;
Sabrina Suelen Siqueira dos Santos;
Shéríta Uana Prim, Suéllen de Toffol;
Thaissa Cristine Bertoldi;
Tuani Habitzreuter;
Vitória Silva de Oliveira.



Rosemari Glatz

Presidente da FEBE

Reitora da UNIFEFE

Sergio Rubens Fantini

Vice-Presidente da FEBE

Vice-Reitor e Pró-Reitor de

Administração da UNIFEFE

Sidnei Gripa

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Edinéia Pereira da Silva

Pró-Reitora de Pós-graduação,

Pesquisa, Extensão e Cultura

Produção Editorial

Equipe da Editora UNIFEFE

Arina Blum

João Guilherme Cabral Marchi

Maria Alice Mattoso Camargo

Peterson Paulo Vanzueta

Quédia Cabral Martins

Robson Souza dos Santos

Projeto Gráfico

Peterson Paulo Vanzueta

Diagramação

Peterson Paulo Vanzueta

Capa

Peterson Paulo Vanzueta

Coordenação Editorial

Arina Blum

Rosemari Glatz

Revisão de Texto

Rosana Paza

Supervisão de Design

Arina Blum

Conferência

Quédia Cabral Martins

Titulares Conselho Editorial

Arina Blum

Edinéia Pereira da Silva

Carla Zenita do Nascimento

Angela Sikorski Santos

Sidnei Gripa

Rosana Paza

Wallace Nóbrega Lopo

Jeisa Benevenuti

Ricardo José Engel

Eliane Kormann

Claudio Siegfried Schefer

Anna Lúcia Martins Mattoso

Suplentes Conselho Editorial

Rosemari Glatz

Aline de Souza

Elisiane Mafezolli

Luzia de Miranda Meurer

Fernando Luis Merízio

Rafaela B. Venturelli Knop

Rodrigo Blödmann

Julia Wakiuchi

Josely Cristiane Rosa

Joel Haroldo Baade

Jorge Paulo Krieger Filho

Esta publicação compõe-se de texto avaliado e selecionado nos termos Edital de Chamada Pública para publicação de livros de Nº 56/2024, da Editora da UNIFEFE. Meios de publicação: e-book.

PREFÁCIO

Na atual conjuntura educacional, a diversidade e a inclusão tornaram-se temas centrais no debate social e cultural. Segundo Grippa, Souza e Gomes (2019)¹, a diversidade e a inclusão seguem um movimento mundial por meio de ações políticas, culturais, sociais e pedagógicas em defesa de todos os estudantes, sem discriminação. É um momento em que cada indivíduo é chamado a refletir não apenas sobre sua própria identidade, mas também sobre a importância de construir um ambiente mais acolhedor e equitativo para todos.

“RELATOS: atos, fatos e mitos” (Volume 3) explora o complexo contexto da diversidade e da inclusão, abordando os desafios e as conquistas que moldam essa conversa global. A preocupação em relação às temáticas da diversidade e inclusão em salas de aula brasileiras é embrionária e esteve praticamente ausente ao longo de quase todo o século XX (Akkari; Santiago; Marques, 2013)². Assim, as autoras, vinculadas ao curso de Pedagogia da UNIFEBE, foram desafiadas a escrever suas experiências reais sobre a temática.

Este livro está dividido em três capítulos e cada capítulo aborda as experiências das autoras em relação às temáticas da diversidade e da inclusão com uma impressionante riqueza de detalhes. O capítulo “Atos” nos faz refletir, por meio dos textos, sobre a importância de uma conscientização para ambientes mais diversos e inclusivos e sobre as reais necessidades de mudanças sociais significativas. O capítulo “Fatos” escancara o aspecto multidimensional e multifacetado das temáticas pelos exemplos relatados. Já o capítulo “Mitos” nos mostra que as temáticas são frequentemente mal-entendidas e reforça a necessidade de aprofundarmos os estudos.

Nesse sentido, esta obra, mais do que experiências reais, próprias ou de terceiros, traz relatos cheios de detalhes que nos fazem refletir sobre nossas próprias experiências.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Prof. Dr. Sidnei Grippa
Pró-reitor de Graduação da UNIFEBE

¹ GRIPPA, S; de SOUZA, JCL; GOMES, G. A sala de aula como ambiente da diversidade cultural: percepção dos estudantes universitários. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, p. 138-161.

² SANTIAGO, MC; AKKARI, A; MARQUES, LP. *Educação intercultural: Desafios e possibilidades*. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

APRESENTAÇÃO

Este é o terceiro livro da série “Relato: atos, fatos e mitos”, que surgiu, em 2020, componente curricular de Educação Especial e Inclusiva, durante a pandemia, e teve oportunidade de ser transformado em livro em 2022, com o subtítulo “Vivências Inclusivas”. Na sequência, o segundo volume foi publicado em 2023, juntando turmas dos cursos de Pedagogia e Letras-Inglês com o subtítulo “Outras Vivências Inclusivas”. Este terceiro volume reúne textos de duas turmas do curso de Pedagogia e traz “Mais Algumas Vivências Inclusivas” como subtítulo.

Relato é, talvez, o gênero textual mais antigo, afinal, as pinturas rupestres nas cavernas já representavam formas de relatar experiências. E, hoje, todos construímos narrativas oralmente para relatar acontecimentos vividos ou sabidos de forma direta, ou por meio das mídias. Assim, na Atividade Prática Supervisionada (APS) da disciplina de Educação Especial e Inclusiva, é proposto aos acadêmicos que resgatem histórias de inclusão ou de exclusão que vivenciaram, presenciaram ou tomaram conhecimento de alguma forma para compor um relato. O resultado tem sido relatos comoventes, histórias e situações registradas, que foram observadas ou vivenciadas, as quais envolvem situações de inclusão, de preconceito e de acolhimento, de aceitação, de lutas e de conquistas.

Os textos estão organizados em três capítulos: 1. Atos, 2. Fatos e 3. Mitos e, para introduzir cada um dos capítulos, foi escolhida uma frase sobre inclusão de autoria de mulheres de destaque da atualidade. Dessa forma, o capítulo Atos traz uma frase de Vernã Myers, que é uma consultora de diversidade e vice-presidente de estratégia de inclusão da Netflix; Fatos, traz Melinda Gates, sendo uma cientista da computação e defensora de mulheres e meninas; e Mitos, traz uma frase de Maya Angelou, que é grande poetisa e luta pelos direitos civis e pela igualdade.

Nesta edição, não propositalmente, o livro, composto por um coletivo de mulheres, tem a honra de ter a participação do professor Dr. Sidnei Gripa, único homem na composição do Prefácio. Além disso, traz textos que proporcionam a reflexão, estimulam a pesquisa, a observação e o registro e contribuem para a formação de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Leia os relatos, comova-se, reflita e se divirta. Aproveite! E tenha uma boa leitura!

A organizadora.

SUMÁRIO

<i>Prefácio.....</i>	<i>6</i>
<i>Apresentação.....</i>	<i>7</i>

1 - ATOS

<i>Lembranças dos tempos de escola.....</i>	<i>11</i>
<i>Três crianças.....</i>	<i>13</i>
<i>Desafios da Amizade.....</i>	<i>16</i>
<i>Renan Gabriel.....</i>	<i>18</i>
<i>Simplesmente, Wagner.....</i>	<i>19</i>
<i>Priscila, minha colega surda.....</i>	<i>21</i>
<i>Sarah.....</i>	<i>22</i>
<i>Amabily.....</i>	<i>24</i>
<i>Aprendizado.....</i>	<i>26</i>
<i>Vanessa, no Ensino Médio.....</i>	<i>29</i>
<i>Um Caso de Bullying na Escola.....</i>	<i>31</i>
<i>Em busca de oportunidades.....</i>	<i>32</i>
<i>Referências.....</i>	<i>35</i>

2 - FATOS

<i>A inclusão na minha infância.....</i>	<i>39</i>
<i>Principal sintoma: Amor.....</i>	<i>40</i>
<i>Leonardo e o cromossomo do amor.....</i>	<i>42</i>
<i>Convivência e Contato com a Surdez.....</i>	<i>43</i>
<i>Débora e Guilherme.....</i>	<i>46</i>
<i>Encontros e reencontros.....</i>	<i>48</i>
<i>Meu irmão mais novo.....</i>	<i>51</i>
<i>Valentina.....</i>	<i>53</i>
<i>Angélica, Minha Sobrinha.....</i>	<i>54</i>
<i>Sabrina.....</i>	<i>56</i>
<i>Flora, a filha de Rose.....</i>	<i>58</i>
<i>Victor.....</i>	<i>59</i>

<i>Momentos de Inclusão.....</i>	<i>61</i>
<i>Um cromossomo a mais não importa.....</i>	<i>65</i>
<i>O Amor de Fernando.....</i>	<i>63</i>
<i>Referências.....</i>	<i>67</i>

3 – MITOS

<i>A descoberta da diversidade.....</i>	<i>73</i>
<i>Inclusão na Infância.....</i>	<i>74</i>
<i>Laura e Vitor.....</i>	<i>76</i>
<i>Experiências e Conexões.....</i>	<i>78</i>
<i>Minha prima.....</i>	<i>79</i>
<i>Eduardo e a apraxia de fala na infância.....</i>	<i>81</i>
<i>Uma Conexão.....</i>	<i>83</i>
<i>O Carinho de France.....</i>	<i>84</i>
<i>Kayke.....</i>	<i>86</i>
<i>“Eu sou um milagre”.....</i>	<i>88</i>
<i>Gabriel: autismo nível 1 de suporte.....</i>	<i>89</i>
<i>Paulo, o dançarino surdo.....</i>	<i>91</i>
<i>Convivência com a Síndrome de Down.....</i>	<i>95</i>
<i>Sonho de menina.....</i>	<i>97</i>
<i>O que acha de tentar algo novo?.....</i>	<i>100</i>
<i>Referências.....</i>	<i>102</i>

<i>Sobre as Autoras.....</i>	<i>105</i>
------------------------------	------------

CAPÍTULO 1

ATOS

“Diversidade é quando todos estão convidados para a festa. Inclusão é quando todos são convidados a dançar”.

- Vernā Myers

Vernā Myers é uma consultora de diversidade americana, autora, palestrante, advogada e executiva corporativa em seu cargo de vice-presidente de estratégia de inclusão da Netflix. Myers fez uma palestra no TED em 2014 chamada “Como superar nossos preconceitos? Caminhe corajosamente em direção a eles”.

(Fonte: <https://www.linkedin.com/in/vernamyers>)

LEMBRANÇAS DOS TEMPOS DE ESCOLA

Katia Maurer

Um dia, depois de uma discussão sobre comportamento inclusivo em aula, pus-me a pensar se fui uma criança que incluía outras crianças. E foi então que, ao revisitar minhas memórias, fiquei com vergonha de algumas atitudes que tive no passado.

Lembro-me da adrenalina de voltar às aulas, do primeiro dia da quinta série (hoje sexto ano), quando, por algum motivo que eu desconhecia na época, muitas crianças migravam do turno da tarde para o da manhã. Conhecer pessoas sempre foi empolgante para mim, adoro observar os trejeitos delas.

Não entendo até hoje o porquê de termos de formar “panelinhas” em qualquer ambiente em que estejamos por mais de algumas horas em companhia de várias pessoas. Talvez seja por um instinto primitivo de proteção. Na sala de aula, não é diferente, pois ficamos um ano inteiro num grupo de trinta crianças, ou mais. Isso se não passar vários anos com a mesma turma.

Na minha turma da quinta série, logo me vi enturmada num grupo de meninas, que só havia visto em algumas apresentações de escola. Elas pareciam ser muito legais. Tinham disposição para brincar na educação física e para fazer os trabalhos como eu. Então, nos entrosamos muito bem e formamos um grupo. Mas uma das meninas do grupo não era bem aceita, algumas de nós a rejeitávamos. Até hoje não entendo a razão.

Essa menina sempre procurava se encaixar no que a maioria do grupo queria. Em determinado momento, para excluí-la totalmente do grupo, as outras meninas criaram uma comunidade no Orkut (rede social que naquele tempo era a top das tops) cujo título era “Odiamos Fulaninha”, e lá elas escreviam todo tipo de maldade sobre aquela garota.

Eu não defendi aquela menina em nenhum momento, por algum motivo mesquinho que eu não sei explicar. Mas o tempo passou e essa cena caiu no esquecimento. As meninas daquela panelinha cresceram, mudaram de turma, de escola, de bairro ou até de cidade.

Na oitava série (hoje nono ano), eu acabei me aproximando muito daquela menina que, na quinta série, havia sofrido um tipo de bullying apenas por tentar se encaixar num grupo, e nós nos tornamos melhores amigas uma da outra, éramos inseparáveis.

Um dia, no terceiro ano do ensino médio, estávamos conversando sobre nossa trajetória escolar, e ela, com todo o peso da dor e da vergonha, revisitou aquele episódio do passado. Percebi que, durante todos aqueles anos, aquilo havia ficado guardado no coração. E, para ela, era uma ferida aberta. Porém, eu precisei ser lembrada do acontecido, pois havia tido uma ação neutra e o fato tinha ficado escondido em minha memória.

Eu não sei o que se passava na minha cabeça naquele tempo, para que não tomasse nenhuma atitude em sua defesa. Talvez eu tenha pensado “Isso não é nada”, ou “Isso não vale a pena”, ou ainda “Ela não vai dar bola pra isso”. Ou talvez tenha ficado com medo de que fizessem o mesmo comigo, caso eu ousasse me manifestar. Realmente, não sei dizer que pensamento mesquinho eu havia tido. Mas eu havia me enganado, e muito; pois, nela, aquele trauma ainda estava vivo. Afinal, foi ela quem sentiu todo o mal que aquelas meninas haviam feito e, com o qual, eu havia contribuído com minha passividade. Mas tenho de confessar que, no último ano do ensino médio, quando eu caí na real, aquilo doeu em mim, como dói agora escrever essa lembrança, como se fosse uma faca me cortando. Sinto-me ainda muito envergonhada de minhas atitudes.

Lutar contra o nosso impulso de nos agarrarmos a alguém para nos sentirmos mais confortáveis socialmente pode trazer danos quase que irreversíveis para aqueles que não se encaixam no quadradinho social. Mas nosso “social” deve ser expansivo. Aquela menina foi a minha melhor amiga por anos, hoje ainda é. Mas ela não foi a única na minha trajetória escolar, recordei-me de outros episódios nos quais havia tido atitudes nada inclusivas e situações de passividade diante de abusos. Isso dói em mim, mas preciso considerar que eu era uma criança também, estava descobrindo o mundo e, por mais que tentasse me mostrar forte, tinha muito medo. Como qualquer criança!

Depois daquilo, não me conformei em fazer parte de nenhuma panelinha, pois todos merecem respeito. Hoje, na faculdade e quando estou envolvida em qualquer agrupamento, procuro me misturar sem me prender a qualquer “panelinha”. Percebi que, dessa forma, tenho a chance de conhecer mais pessoas. E aprendi que as diferenças sempre devem ser acolhidas, em vez de serem motivos para as pessoas serem rejeitadas apenas por serem quem são.

TRÊS CRIANÇAS

Miriam Borges Alles

Ao longo de 2021, iniciei meu trabalho como monitora de educação especial na rede municipal, e isso tem sido um grande aprendizado. Trabalho com diversos alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem e, dentre esses, há três alunos que possuem laudos: um deles tem transtorno do espectro autista (TEA) com comorbidade de deficiência intelectual, outro tem TEA com comorbidade de hiperatividade e déficit de atenção e o terceiro tem transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) com transtorno opositor desafiador (TOD). Os alunos com hiperatividade fazem tratamento farmacológico para controlar a impulsividade.

De acordo com Bandejas (2024), o diagnóstico de TEA, muitas vezes, pode vir com comorbidades, as quais são outras condições associadas ao TEA. Essas comorbidades podem ser físicas, psiquiátricas e/ou cognitivas, “sendo as mais comuns: transtornos de ansiedade, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), TDAH, epilepsia e distúrbios do sono.” (Bandeira, 2024, *on-line*).

A primeira criança era uma menina de 7 anos e meio que estava no segundo ano do ensino fundamental. Ela tinha o apoio da família, que estava sempre presente, e fazia acompanhamento com neuropsicopedagoga e psicológica, e fazia também terapia ocupacional. Como a aluna tinha deficiência intelectual, além do TEA, suas conquistas eram pequenas em relação à alfabetização, mesmo assim eram notáveis. Quando a recebemos em nossa turma, a mãe

havia relatado que a nossa já era a terceira escola que ela frequentava em quase dois meses; porque a mãe percebera que as outras escolas tratavam a aluna com indiferença e não a estimulavam. E não era o que ela queria para a filha.

Nas escolas, na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), devem ser trabalhados o desenvolvimento da interação social, com atividades específicas para o nível de desenvolvimento cognitivo e de atividades motoras diferenciadas, com incentivo para que a criança seja estimulada a sempre realizar as atividades propostas ao grupo (todas com total auxílio), pois se percebe que o nível de autonomia, confiança e autoestima tendem a aumentar quando a criança se percebe no mesmo nível dos demais colegas. E era isso que acontecia em nossa escola.

Inicialmente, a aluna não reconhecia as letras de seu nome, nem mesmo as vogais, e, ao longo do ano, ela conseguiu não só fazer esse reconhecimento, mas também realizar a leitura de junção de consoantes e vogais. Nos primeiros contatos, eu percebi que a aluna estava receosa em relação à minha presença para auxiliá-la, por isso tive de conquistar sua confiança. Tive de ter paciência, pois essa conquista não aconteceu tão rápido quanto eu pretendia, mas hoje nós temos um bom relacionamento e uma interação muito mais facilitada.

O segundo aluno também tinha 7 anos e estava no primeiro ano do ensino fundamental. Inicialmente, seu laudo apresentava apenas o transtorno de hiperatividade (TDAH), cujos sintomas eram bem evidentes em seu comportamento, pois o aluno apresenta inquietação constante e perda rápida do foco durante as atividades. E, segundo Bruna (2013), o TDAH, como um distúrbio neurobiológico crônico, caracteriza-se principalmente por essa manifestação de desatenção e de hiperatividade e/ou impulsividade.

Porém, com o decorrer dos meses, foi observado que o aluno começava a apresentar outras características preocupantes e seu rendimento vinha piorando, apesar de sempre aceitar meu auxílio nas atividades. O aluno não estava conseguindo realizar quase nenhuma atividade, todas sempre ficavam inacabadas. Isso havia se tornado

algo sem importância para ele. Assim, com o relato das observações e a preocupação com a queda de seu desenvolvimento escolar, a escola decidiu chamar a família e orientar que o aluno fizesse nova consulta com seu neurologista e para realizar novos testes para, assim, rever a medicação e iniciar um tratamento mais eficaz. Com os testes, a avaliação descritiva do aluno feita por seus professores e mais exames, o diagnóstico de TEA foi fechado.

Durante as atividades na sala de aula, observei que, após a consulta, o aluno recuperou sua capacidade de concentração. A família comentou que ele começou a tomar um novo medicamento e, em razão do seu novo laudo, o médico recomendou terapias ocupacionais, apoio psicológico e exercícios para aprimorar suas habilidades motoras finas.

O terceiro e último aluno é outro menino de 7 anos que também estava no primeiro ano do ensino fundamental. Em nosso primeiro contato, esse aluno não realizava nenhuma das atividades propostas, levantava-se constantemente de seu lugar, agredia física e verbalmente os colegas e professores, destruía seu material escolar e tinha uma baixa autoestima. Sempre que conversávamos com a família sobre seu comportamento, eles justificavam que isso era causado pelo abandono físico e afetivo da mãe, que o deixou assim que ele nasceu. Falavam também que, há algum tempo, o haviam levado em uma consulta com uma psicóloga que disse que o aluno só precisava "de umas palmadas na bunda". Porém, na escola, percebíamos que seu comportamento fugia de seu controle e que aquilo o fazia sofrer; por isso, por meio de esforços da professora do AEE, foi conseguida uma consulta com um neurologista.

A família foi chamada e orientada a levar o aluno para a consulta. Assim, pouco tempo após os exames, o aluno foi diagnosticado com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e transtorno opositor-desafiador, sendo iniciado imediatamente o tratamento farmacológico e o acompanhamento psicológico. Depois de algumas semanas, já era possível observar mudanças: o aluno realizava todas as atividades propostas, tinha um bom convívio com todos os colegas e professores; seu desenvolvimento pedagógico foi avaliado bem elevado e não apresentou nenhuma dificuldade de aprendizagem.

Os três casos relatados aqui foram muito desafiadores para mim. No começo, me senti muito perdida, sem saber o que fazer e como agir, mas com o apoio da professora do AEE e dos demais professores, fomos trabalhando juntos e observando os avanços. Ao final, percebi o quanto foi motivador e recompensador tudo o que fizemos. E eu me senti satisfeita e feliz.

DESAFIOS DA AMIZADE

Gabrielle Victoria Pereira

Victor é um menino disléxico e hiperativo. Ele toma medicamentos controlados para ajudar em sua concentração. E, hoje, aos 16 anos, está cursando o segundo ano do ensino médio. Ele é meu melhor amigo e teve uma vida de muitas dificuldades, principalmente em sua trajetória escolar por conta de suas condições. Foram tantos os desafios que Victor enfrentou que até dariam um belo livro.

Quando eu estava no sexto ano do ensino fundamental, Victor começou a estudar na mesma escola onde eu estudava. Não estávamos na mesma turma, tampouco na mesma série. Mas, como ele é afilhado da minha irmã, eu já o conhecia e éramos muito bons amigos há tempo.

Na escola, como ele apresentava dificuldade em algumas disciplinas, eu comecei a ajudá-lo, fazendo as tarefas junto e estudando para as provas. Porém, ele teve desafios constantes pelo caminho, pois sempre foi uma pessoa muito pontual e muito dedicada. Nunca chegava atrasado e vivia fazendo as tarefas no mesmo dia em que as recebia. Mas ele se distraía com muita facilidade e não conseguia ficar parado.

O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico de causas genéticas, cujos sintomas podem ser caracterizados por falta de atenção, inquietação e impulsividade. Esse transtorno aparece na infância e pode acompanhar o indivíduo por toda a vida; sendo que no período escolar, o desempenho intelectual parece inferior ao esperado; no entanto, esses problemas têm mais relação com comportamento do que com rendimento. O tratamento

indicado é múltiplo, por combinar medicamentos, psicoterapia e fonoaudiologia (se houver transtornos de fala/escrita) e orientação aos pais e professores com o ensino de técnicas específicas (Brasil, 2014).

Quando eu o ajudava, eu buscava sempre fazer com que ele aprendesse a partir da prática, pois qualquer coisa que ele achasse monótona, ele se distraía com algo para mexer. Ele precisava estar sempre em movimento. Então, sempre inventava jogos, encenações, brincadeiras que pudessem ajudá-lo a entender o conteúdo estudado.

Dessa forma, o meu vínculo com a pedagogia começou a se formar. E quando foi o momento de eu escolher meu futuro profissional, não tive dúvidas. Ele já me chamava de professora Gaby. Eu o ajudei até o primeiro ano do ensino médio e vi a evolução dele de perto, pois participei dela e me orgulho de falar isso. Depois que entrei na fase adulta, com faculdade e trabalho, não pude continuar ajudando.

Eu procurava fazer com que ele lesse livros, fazia atividades mais práticas e buscava formas diferentes para que ele aprendesse as coisas e não apenas as decorasse. Assim, as notas dele foram aumentando no decorrer do tempo e ele começou a ser mais responsável. Victor tem o jeitinho dele de perguntar mil vezes o mesmo e de sempre chegar muito adiantado em seus compromissos ou até mesmo de nunca parar quieto; afinal, ele é ele. E ele vive me surpreendendo, quebrando barreiras, se virando sozinho, evoluindo e me mostrando não haver limites.

O Victor do segundo ano do ensino médio não é mais o mesmo do sexto ano do ensino fundamental. Hoje, ele escreve corretamente coisas que, devido a dislexia, tinha muita dificuldade. E eu acredito que os estudos e o incentivo que a gente sempre deu para ele contribuíram sobremaneira para essa superação. Eu consegui mostrar-lhe que estudar pode ser fácil e divertido.

Atualmente, ele tem aula com uma professora particular para terminar o segundo e o terceiro ano do ensino médio. Mas eu ainda continuo auxiliando-o quando ele necessita. Afinal, além de meu melhor amigo, ele também foi meu aluno, ele abriu as portas para minha caminhada pedagógica.

Hoje, o Victor namora, vai bem na escola e se autodesafia o tempo todo. Estou certa de que nossa amizade nos auxiliou nos aprendizados que ambos tivemos. Sou muito grata por ter a oportunidade de ajudá-lo, e por ele conseguir quebrar grandes barreiras e preconceitos. As pessoas são diferentes, algumas têm caminhos mais longos, mas todos podem chegar ao destino que quiserem. O Victor é prova disso. Eu aprendi, aprendo e aprenderei muito com ele. Devemos ter menos preconceito e mais tolerância. Pois todos podemos chegar aonde quisermos, só precisamos de incentivo e coragem!

RENAN GABRIEL

Joseane dos Santos Garcia

Em meu novo emprego, como auxiliar de classe numa creche particular, fui contratada para auxiliar um aluno com TEA de nível 3 de suporte. No início, foi um choque. Foi muito difícil, mas hoje esse menino é meu incentivo para querer ser professora e me especializar para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais.

O nível 3 de suporte indica que a criança com TEA tem graves dificuldades para executar tarefas simples do cotidiano, além de também apresentar um déficit severo de comunicação. Os autistas de nível 3 de suporte podem apresentar "comportamentos repetitivos, como bater o corpo contra uma superfície ou girar, e apresentarem grande estresse ao serem solicitados a mudarem de tarefa". (Garcia, 2024, *on-line*).

Eu o conheci no começo do ano letivo e iniciei o processo de aceitação para que ele pudesse me deixar ajudá-lo. No começo, ele não me aceitava, pois antes de mim tinha outra auxiliar e ela não havia se despedido dele, tampouco alguém de sua confiança havia explicado a ele que ela não voltaria. Dessa forma, o vínculo com a antiga auxiliar não havia sido desfeito. E ele ficava sempre esperando que ela viesse. Foi só quando a coordenadora pediu para ela vir à creche para se despedir dele e falar que não iria mais trabalhar ali, que ele deixou que eu me aproximasse para ajudá-lo.

Fui me aproximando dele e, lentamente, ele foi me deixando ajudá-lo. Hoje, depois de dois meses trabalhando com ele, sinto um amor enorme por ele e tenho certeza de que ele também sente por mim. A confiança que ele tem em mim é gratificante.

Em nossa jornada, cada dia foi uma descoberta e uma conquista nova. Eu comemorava suas vitórias e aprendia sempre com ele. Essa foi uma história de carinho, compreensão, confiança e muito amor.

A experiência com Renan despertou em mim o amor pela profissão de professora. Incentivou-me a concluir a graduação em Pedagogia e continuar na academia, estudando cada vez mais, investindo em especialização em Educação Especial para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais.

SIMPLESMENTE, WAGNER

Micaella Mantovani Daneluzi

No primeiro dia de aula do 3º ano do Ensino Médio, quando entrei numa sala de aula, eu me vi numa situação estranha: escola nova, pessoas novas e, inesperadamente, um garoto peculiar em uma das primeiras carteiras. Ele era baixinho e diferente dos outros; usava meias até a metade da canela, tinha os olhos puxadinhos e o rosto bem redondo. Ficava resmungando palavras e estava sempre com um sorriso de orelha a orelha. O nome dele era Wagner e ele tinha Síndrome de Down.

A Síndrome de Down é marcada pela presença de três cromossomos no par 21. Assim, as pessoas com Síndrome de Down têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maioria da população. Algumas das características observadas podem ser os olhos oblíquos, o rosto arredondado, as mãos menores e o comprometimento intelectual (Migliavacca, 2021).

Wagner tinha uma professora dois, ou monitora, ao seu lado para ajudá-lo. E, após ter passado o choque inicial e de ter me habituado à sua presença em sala, conversei com a professora auxiliar para saber mais sobre ele. Essa era uma situação muito estranha para mim, pois

eu nunca havia tido contato com alguém com deficiência até aquele momento. Nem na escola em que eu estudava antes, tampouco nas proximidades da escola.

Ao final da primeira semana, eu tinha conseguido me aproximar de Wagner nos intervalos, e até já havíamos trocado algumas palavras. Nessas conversas, eu acabei descobrindo que ele tinha um sonho: fazer uma viagem de avião. Devido à nossa aproximação, passei a me sentar na carteira atrás dele. Nenhum dos outros alunos sentava lá e eu queria acompanhar o seu desenvolvimento, queria entender o que acontecia, como ele aprendia. Eu estava fascinada.

Com o passar do tempo, outros alunos passaram a cumprimentá-lo e a se aproximar dele um pouco mais, mas eu ainda me incomodava com o fato de vê-lo sozinho na Educação Física, o professor não se esforçava para incluí-lo. Lentamente, comecei a ficar perto dele também nas aulas de Educação Física. Isso nos aproximou mais e eu descobri uma pessoa cheia de amor, carisma (apesar das limitações e flatulências corriqueiras) e autenticidade para dar e sobrar. Ele era simplesmente ele, não ligava para o que os outros falavam. Isso o tornava um amigo mais que especial.

Mas estávamos em 2020, o ano em que o mundo parou; e, nesse ano, tivemos a pandemia da Covid 19 e eu não pude mais encontrar o Wagner em sala devido às aulas remotas. Acredito que para ele e para a família esse ano deva ter sido muito mais desafiador. Foi um ano difícil para todos, pois não tínhamos uma rotina de estudo, nem professores que estivessem ao nosso lado para explicar o conteúdo que precisávamos aprender. Dava para ter contato por mensagens de texto em aplicativos com muitos professores, mas não com todos; e nem todos os alunos tinham acesso à internet para poder ter aula. Foi um ano muito complicado. Perdi contato com os poucos amigos que havia feito, inclusive com o Wagner. Não sei muito bem ao certo o que houve com ele.

Depois que voltamos à “normalidade”, tínhamos aulas presenciais quinzenalmente. A turma havia sido dividida em dois grupos, e cada um dos grupos vinha à escola em semanas alternadas, para poder manter

a distância exigida por lei, que era importantíssima para o controle da doença. Além disso, todos precisavam usar máscaras o tempo todo. Estávamos todos em choque e com medo, por haver muitas mortes em todo o mundo. Foi nesse momento que pude conversar com os professores e alguns colegas da turma e soube que a família havia se mudado para uma cidade vizinha. Soube também que Wagner havia começado a trabalhar num mercadinho. E, segundo a prima dele, que também estudava na escola, ele estava economizando para fazer a primeira viagem de avião. Ele queria ir para o Rio de Janeiro.

Meu contato com Wagner foi curto, mas foi intenso. Aprendi muito. E agora, cada vez que me lembro dele, sinto coragem e esperança para correr atrás de meus sonhos e, assim como o Wagner, ser simplesmente eu e um dia voar!

PRISCILA, MINHA COLEGA SURDA

Marivani Fatima de Mello Walmarath

Tive uma colega chamada Priscila, que era surda. Ela tinha 7 anos e estudava comigo no primeiro ano. A mãe dela percebeu a surdez da filha, quando Priscila tinha dois anos. Ela tinha perda auditiva profunda. A mãe teve rubéola aos cinco meses de gestação, e é provável que essa tenha sido a causa da deficiência da filha.

A mãe dela ficava, às vezes, junto na sala para ensiná-la, pois Priscila não conseguia entender nada. Ela não conseguia se comunicar com a professora ou com os colegas. Logo, porém, veio uma professora de Curitiba que lhe apresentou a língua de sinais. Essa professora veio para ensinar a língua de sinais para as crianças e para as famílias dos surdos. Mas Priscila continuou tendo muitas dificuldades na escola, pois não tinha intérprete. Ela fez do pré-escolar até a sétima série sem intérprete. Era difícil a comunicação com os professores e com os colegas. Sua mãe foi a primeira mãe a lutar por intérprete na cidade onde morávamos. Ela buscou na justiça o direito de a filha ter intérprete em sala de aula. Então, na oitava série, o juiz deliberou favoravelmente à solicitação da mãe e todos os surdos da cidade passaram a ter intérpretes na sala de aula.

Apesar das muitas dificuldades, ela aprendia, mas também perdia muita informação. Ela poderia ter tido mais conhecimento, se tivesse acesso à informação como os demais alunos.

Tempos depois, ela começou a estudar o dia todo na escola regular e na APAS (que era uma escola para surdos). Foi então que ela começou a ter mais conhecimento, a aprender de verdade. Sua mãe contratou uma professora auxiliar para ensinar à noite e ajudá-la a fazer suas tarefas. Assim, ela concluiu o ensino médio e fez a graduação em Pedagogia.

Da última vez que nos encontramos, conversei com ela sobre o momento em que estamos vivendo. A pandemia, para ela, está sendo muito difícil, principalmente devido ao uso de máscara. Isso dificulta a comunicação por dificultar a expressão facial e não dá para ter o apoio da leitura labial. No período da faculdade, ela não teve muita dificuldade com seus colegas. Eles eram compreensivos e ela pode ter uma intérprete que a apoiou muito. As dificuldades que ela teve foram só no começo da jornada escolar.

Hoje, Priscila é uma pedagoga com pós-graduação em Educação Especial. É casada e tem um filho de um ano e cinco meses que não tem nenhuma deficiência, mas já se comunica em Libras com a mãe. E se sente muito orgulhosa por ter uma profissão e de todas as conquistas que teve.

SARAH

Adrielli Vilamoski Kormann

A inclusão fez parte de minha vida nos tempos de escola. Eu convivia com vários colegas com algum tipo de deficiência ou transtorno, sobre os quais, na época, na maioria das vezes, não se falava. Na escola, eles estavam lá, estudavam e brincavam com todos. Eu não sei dizer o porquê, mas eu não tinha proximidade com qualquer um deles.

Assim, a experiência mais próxima que tenho iniciou-se quando conheci Sarah, a filha da minha vizinha, que tinha apenas 4 meses. Desde nosso primeiro contato, tivemos uma conexão muito forte. Sarah era uma bebê linda, saudável e, um tanto, serelepe.

Com o passar dos anos, pude acompanhar sua evolução e crescimento. Ela era uma menina muito inteligente e, por vezes, agitada. Na época em que ela estava matriculada na educação infantil, por volta dos 4 anos, a professora começou a observar que Sarah tinha um comportamento um pouco diferente das demais crianças da turma. Pois Sarah parecia ter agitação excessiva. Ela não tinha muita noção de seu espaço e isso, por vezes, acabava gerando conflitos com seus colegas. Ela também tinha dificuldade em se concentrar e finalizar as atividades propostas em sala, ficando sempre com muitas tarefas acumuladas. Assim, os pais dela foram chamados à escola para conversar, sendo orientados a procurar especialistas que investigassem os transtornos de aprendizagem, pois sua professora suspeitava que Sarah pudesse ter TDAH.

O TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), “é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e acompanha frequentemente o indivíduo por toda a sua vida.” Segundo a Associação, as principais características do déficit de atenção com hiperatividade são: a desatenção, a inquietude e a impulsividade, que faziam parte dos comportamentos de Sarah. Foi com base na observação dessas características que sua professora suspeitou que Sarah pudesse ter TDAH. (Leme, 2021, *on-line*).

Prontamente, a família foi em busca de especialistas e orientações para entender melhor o assunto, que, até aquele momento, era desconhecido. Precisavam iniciar um processo investigativo. Os laudos demoram a sair, passou-se um ano e Sarah entrou na pré-escola. Ela era uma menina inteligente e capaz, porém certos comportamentos atrapalhavam seu rendimento escolar.

Acompanhei toda essa evolução, bem como o resultado do laudo: Sarah foi realmente diagnosticada com TDAH. Com o laudo em mãos, Sarah iniciou, então, os tratamentos e terapias para ajudá-la em seu desenvolvimento: psicólogos, psicopedagogas e aulas extracurriculares. Sua família fez tudo o que estava ao seu alcance para tornar a vida de Sarah a melhor possível.

Quando Sarah completou 7 anos, sua neurologista sugeriu que os pais iniciassem o uso de medicação, pois mesmo com acompanhamento especializado e as terapias, Sarah continuava apresentando muita agitação e falta de concentração. No início, a família relutou, pois tinha muita preocupação em dar remédio controlado para uma criança; porém, o tempo e estudos sobre o assunto fizeram com que os pais de Sarah mudassem de ideia. Eles passaram a entender que, para o bem de sua filha, era necessária a medicação.

Lembro-me, como se fosse hoje, do primeiro dia em que Sarah tomou o remédio. Além de nós, seus familiares, sua professora também notou a diferença no comportamento e na atenção de Sarah. Percebemos, assim, que o remédio sem dúvidas era muito importante para sua evolução cognitiva.

Atualmente, Sarah tem 9 anos e está no quarto ano do ensino fundamental. Além de ser uma menina linda, ela é extremamente inteligente, com ótimas notas, é esperta e com uma personalidade forte. Sarah me ensinou muitas coisas, e nossa relação é muito linda.

No ano da pandemia, eu acompanhei diariamente as suas aulas *on-line* e vivemos muitas experiências juntas. Para mim, foi extremamente gratificante, pois sempre amei a educação e, sem dúvidas, essa experiência de acompanhar Sarah só fortaleceu a minha vontade de estar aqui na faculdade e no curso de Pedagogia.

Nessa profissão, vou me encontrar com muitas crianças e muitas “Sarahs”, cada uma com sua maneira especial de ser. Afinal, todos somos especiais do nosso jeito. E percebo que, independentemente de deficiência ou transtorno, ou qualquer outra condição, o amor, o carinho e o cuidado são as principais ferramentas para promover o respeito e a inclusão.

AMABILY

Suéllen de Toffol

Conheci Amabily na escola, quando fui auxiliar de sala, no primeiro ano do ensino fundamental. Ela tinha Síndrome de Down e aquele

era seu primeiro ano na escola. Eu auxiliava a professora e auxiliava Amabily, que era a aluna que mais necessitava de ajuda.

Durante os primeiros meses, foi um grande desafio para mim porque ela não aceitava os comandos. Ela passava a maioria do tempo andando pela sala e chorava quando era repreendida. Muitas vezes, ela reagiu de forma agressiva com os colegas e professores. Amabily não tinha atendimento especializado fora da escola, porque a mãe era resistente em levar a filha para a APAE ou para qualquer instituição que pudesse atendê-la. A mãe alegava que não tinha condições nem tempo. Essa falta de apoio especializado dificultava ainda mais o desenvolvimento e a vida escolar da menina.

Foi só quando a professora da sala de AEE interveio e entrou em contato com os profissionais da Associação Amor para Down e conseguiu ajuda com o transporte, que a mãe aceitou levar a filha para os atendimentos necessários.

Depois que Amabily iniciou as terapias, as coisas começaram a mudar um pouco, embora ainda tivéssemos muitas dificuldades, principalmente no comportamento.

Nós não sabíamos como era em casa, se a mãe a estimulava ou não, pois Amabily não falava nenhuma palavra, era não era verbal. Comunicava-se apenas por gestos. Dessa forma, em conjunto com a professora do AEE, foi decidido intensificar os atendimentos da aluna na sala multidisciplinar. Assim, a partir de setembro, quase no final do ano, percebemos uma melhora bastante significativa no comportamento dela. Ela evoluiu muito e já conseguia falar algumas palavras.

Amabily era apaixonada por bonecas, ela adorava andar com uma boneca por toda a escola. Ela trocava as roupas da boneca sem auxílio de ninguém, mas quando era para ela se vestir, não conseguia. Então começamos a trabalhar sua autonomia: vestir-se, calçar sapatos, etc. No começo, ela chorava muito, mas com o passar do tempo, ela não aceitava mais ajuda e fazia sozinha.

Eu poderia relatar muitos outros casos, mas a Amabily foi a primeira criança com necessidades educacionais especiais com quem trabalhei e aprendi muitas coisas. Ver os avanços dela, mesmo

que pequenos, mas muito importantes para a vida, foi gratificante. Nessa experiência, eu percebi o quanto é importante o trabalho da escola e da família nesse processo desde o início. É bem provável que, se ela tivesse recebido tratamento desde o início, e se em casa houvesse continuidade nos estímulos, suas condições tivessem sido muito diferentes.

Na correria da faculdade e com a rotina de escolha de vaga, eu não pude manter contato com Amabily, de modo que não sei como ela está, mas espero que ela esteja bem e feliz.

APRENDIZADO

Maíza Cristina Ferreira Aurélio

Quando eu estava no ensino fundamental, havia algumas crianças que eram diferentes; mas, como eu era criança também, não entendia muito bem o que se passava com elas. Eram crianças com algumas deficiências e foram simplesmente inseridas no meio escolar, sem que tivesse sido feito um processo de acolhimento para serem devidamente incluídas. Elas não tinham noção de como conviver num espaço com tantas outras crianças, e nós não tínhamos ideia de como conviver com elas. Hoje entendo que esse primeiro contato aconteceu de maneira inapropriada.

Lembro-me de uma cena perturbadora, na qual um menino, que diziam ter autismo, saiu correndo atrás das meninas mais novas. Ele era três ou quatro anos mais velho e não tinha consciência de que não podia simplesmente correr atrás das meninas e agarrá-las. Isso era um terror, pois acontecia diariamente com as outras meninas e ficávamos com medo de acontecer conosco também. Vivíamos nos escondendo dele. Mas um dia, quando eu e uma amiga estávamos saindo da escola, ele resolveu sair correndo atrás da gente na tentativa de agarrar uma das duas na rua. Minha amiga, que percebeu o movimento dele antes, saiu correndo e me abandonou. Foi quando ele veio e eu me assustei. Entrei em desespero. Aquilo me deixou traumatizada por algum tempo, de forma que, depois do que aconteceu, eu fiquei com pavor de ficar

sozinha na escola. Eu tinha medo de ele aparecer. Porém, como ele tinha uma idade muito diferente da nossa, a gestão da escola solicitou a transferência dele para uma escola de ensino médio e eu fiquei mais tranquila na educação básica.

Pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) geralmente têm dificuldade para expressar, adequadamente, as suas emoções. Eles não conseguem entender determinadas convenções sociais, gestos e manifestações. Apesar disso, as pessoas com TEA têm emoções e sentimentos da mesma forma que acontece com as pessoas neurotípicas, como são chamadas aquelas que não têm transtorno; porém, é muito comum que tenham dificuldade em identificar, dar nome e expressar suas emoções. E isso pode dificultar que as pessoas com TEA consigam compreender as emoções dos outros (Marques, 2022).

O tempo passou, e eu não me lembrava mais daquilo, de alguma forma eu havia conseguido superar aquele trauma. Até que, no ensino médio, eu fui ter aulas no Senai no programa de menor aprendiz, e o reencontrei. Parecia até algo irônico, pois quando comecei no Senai lá estava ele e, em seguida, comecei a encontrá-lo na escola também. Ele frequentava o mesmo período que eu. Então, ficávamos durante a manhã na escola e à tarde no Senai. Eu tinha a impressão de que era um carma.

Não demorou muito para ele começar a ir atrás de mim na escola. Quando isso acontecia, as meninas tentavam me proteger, levando-me para longe. Às vezes, tínhamos de abraçar outro menino e dizer que era nosso namorado e esperar que ele fosse embora. Eu o encontrava inclusive no ônibus escolar, onde eu tinha de ficar na parte da frente e em pé perto do motorista para evitá-lo. Mesmo assim, ele às vezes se aproximava e só quando o Tony (apelido do nosso motorista) brigava com ele é que ele saía de perto.

No Senai, quando o encontrava, eu ia o mais rápido possível para a sala de aula. Às vezes, ele sumia da aula e ficava no banheiro com o celular vendo pornografia e, possivelmente, se masturbando. O motorista do ônibus era o mesmo dos outros anos da escola, de

forma que já era muito meu amigo. Ele sempre alertava para não cumprimentar com a mão. Ele vivia batendo a famosa “punheta”. Fiquei com muito nojo daquilo.

Certa vez, o menino veio de gracinha para cima de mim e, dessa vez, eu não fiquei calada e o enfrentei com ameaças. Até hoje não sei como consegui tomar aquela atitude. Depois daquilo, ele nunca mais ficou me seguindo.

O diretor do colégio, que era muito rígido, recebeu reclamações de outras alunas e chamou a família do garoto para conversar. Aquilo foi importante, pois o comportamento dele mudou. Parece que, com a idade, ele foi ficando mais tranquilo e, no seu último ano do ensino médio, nós até cantamos parabéns no palco da escola para ele.

A relação entre família e escola é fundamental para que o aluno com necessidades educacionais especiais seja tratado de forma inclusiva, de maneira que a família possa educá-lo a conviver com outras pessoas em parceria com a escola.

Depois de tanto tempo, parece que tudo de que ele precisava era orientação de que não se agarra as pessoas assim, não se pode abraçar alguém sem que a pessoa queira. Tenho a impressão de que são várias situações que poderiam ter sido evitadas se tivéssemos reclamado antes, ou se ele tivesse algum profissional que o orientasse. Talvez o convívio dele com outras pessoas pudesse ter sido melhor.

Ao refletir sobre minhas atitudes, percebo que poderiam ter sido muito diferentes, se eu tivesse metade do conhecimento que tenho hoje. Mas as coisas são assim, nossos erros são necessários para podermos ter uma visão mais ampla e diferenciada sobre qualquer tema. A escola poderia ter tido a iniciativa de fazer palestras sobre a inclusão, de trabalhar com debates sobre o assunto; assim teríamos sido alunos com capacidade de lidar melhor com situações como aquelas. Mas nada disso aconteceu, pois, à época, a escola e os professores não estavam preparados e as informações não circulavam da mesma forma que hoje. Agora é nossa vez de estar na escola, como professores, e fazer tudo isso acontecer de forma diferente.

VANESSA, NO ENSINO MÉDIO

Thaissa Cristine Bertoldi

O tema “educação especial e inclusiva” já era comentado entre alunos e professores com certa facilidade; mas, ao mesmo tempo, era uma questão que ainda gerava um pouco de curiosidade e muitas dúvidas para todos da comunidade escolar. Então, quando estávamos no quinto ano, conheci a Vanessa. Ela tem deficiência auditiva e usava aparelho auditivo. Na verdade, eu já a conhecia desde que éramos crianças, mas não sabia como me aproximar dela. No quinto ano, ela era acompanhada por outra professora que a auxiliava nas atividades. Assim, por intermédio dessa professora, eu comecei a entender mais sobre a surdez e a me aproximar da Vanessa.

Os professores sempre explicavam a matéria com muita calma, preocupados de que ela tivesse dificuldade para entender, mas Vanessa era muito inteligente e criativa. Em relação aos colegas, infelizmente, nem todos reagem do mesmo jeito. Muitos dos alunos não eram empáticos, tampouco a ajudavam ou apoiavam. Dessa forma, ela sofreu bullying, enfrentando piadas desnecessárias e de mau gosto.

A mãe só descobriu que Vanessa era diferente quando a menina estava com três anos. Quando era pequena, ela não se expressava muito e não escutava se a chamavam. Os pais desconfiaram que poderia ser uma deficiência e a levaram à fonoaudióloga, que fez alguns testes, mas não os concluiu, e a encaminhou para o otorrinolaringologista. O médico, ao examinar Vanessa, percebeu ter uma infecção gravíssima na orelha interna e avisou aos pais que havia a necessidade de se fazer uma cirurgia. Mas teve o cuidado de alertá-los de que não tinha como recuperar aquela área lesionada e que, por conta disso, a audição havia sido prejudicada definitivamente.

De acordo com Vieira, Mancini e Gonçalves (2009), as causas mais frequentes de perda auditiva são por doenças infecciosas, responsáveis por 25% (vinte e cinco por cento) das perdas auditivas profundas. O tratamento precoce e/ou a prevenção primária com os programas de

vacinação da população são estratégias importantes na área da saúde pública para controlar e erradicar essas doenças e suas sequelas.

Vanessa fez os exames e a cirurgia em Florianópolis. Depois da recuperação, os pais compraram o aparelho auditivo, com o qual ela iniciou a terapia para adaptar-se ao uso. Assim, aos 4 anos, começou a usar o aparelho auditivo definitivamente, mas precisa ir à clínica em Florianópolis, uma vez por ano, para fazer o acompanhamento para ajustes e exames.

Depois do quinto ano, devido à troca de turnos e turmas na escola, eu e Vanessa distanciamos-nos, de modo que não tive mais a oportunidade de estudar com ela até o Ensino Médio, quando ela mudou para o período noturno devido ao trabalho.

No primeiro ano do Ensino Médio, a turma passa a ser formada por alunos diferentes, não fica mais a mesma turma do ano anterior, como acontece no Ensino Fundamental. Por isso, esse foi o pior ano de estudo para Vanessa. Os alunos novos não gostavam dela e muitos deles não estavam acostumados com uma pessoa com deficiência na sala de aula. E, por ignorância, eles faziam bullying, eram preconceituosos, riam dela, excluía-na dos trabalhos e das provas coletivas; ou (se faziam algum trabalho com ela) era para ganhar uma nota boa. Nesse período, Vanessa sentiu-se rejeitada e, infelizmente, não sentia que os professores lhe davam a assistência de que precisava.

Na metade do primeiro ano, ela procurou o diretor da escola para informar que queria mudar de escola; e reclamou da situação de desrespeito pela qual passava só por ser surda, afirmando ainda que estava insuportável frequentar a escola. Vanessa estava decidida a sair da escola, mas o diretor resolveu tomar uma atitude (que já deveria ter sido tomada): ele foi falar com os alunos da sala. Depois, o diretor trouxe, para a escola, professores bilíngues, que deram aulas de Libras e auxiliaram os alunos a socializarem com Vanessa. Assim, a situação melhorou bastante.

No terceiro ano do Ensino Médio, foi o ano em que estudei novamente com Vanessa. Essa turma era a mesma que estudava no período matutino e, assim como eu, muitos já haviam estudado com

Vanessa em algum momento. A turma era divertida e, nas atividades, Vanessa participava sempre naturalmente. Os professores eram participativos e tinham muito cuidado com todos da sala de aula. Ela era incluída em todos os trabalhos, apresentações e atividades. Muitos alunos se comunicavam em Libras com Vanessa, e, além disso, ela tinha uma intérprete de Libras que a auxiliava nas atividades.

Quando os trabalhos eram passados, o nosso grupo já estava formado com ela junto, fizemos vários trabalhos com maquetes e slides. Nós nos divertíamos juntas. Um dia, ela nos disse que se sentiu acolhida, se adaptou com muita facilidade, que o terceiro ano foi o melhor que ela teve em todo seu percurso na escola.

De minha parte, eu confesso que fiquei feliz de poder estudar o último ano em uma sala com outros alunos dos anos passados, a maioria da manhã. Foi um reencontro. Éramos uma turma especial, que estava disposta a aprender e a ajudar mutuamente. A intérprete sempre nos ensinava alguns sinais novos em Libras para podermos nos comunicar ainda mais com Vanessa. Foi um ano especial para todos, estou certa disso. Fechamos o ciclo básico com chave de ouro.

UM CASO DE BULLYING NA ESCOLA

Rosiane de Syllos Hutiel Chiqueleiro

A pré-escola foi um período que me deixou marcas. Eu me lembro de que tinha uma professora muito rígida e autoritária, que gritava muito comigo por eu não conseguir fazer ondas com a letra C cursiva, ligando uma na outra sem tirar o lápis do papel. Era clara a minha dificuldade de coordenação. Todas as crianças conseguiam fazer o exercício facilmente, menos eu. A professora ficava muito irritada comigo e gritava demais. Eu ficava assustada e me achava uma péssima aluna. Ela dizia que eu tinha de fazer as ondas da mesma forma que os outros. Sem paciência, ela pegava na minha mão com força e fazia o movimento, depois mandava eu fazer sozinha. Mas daí eu travava e não conseguia fazer mais nada. Às vezes, ela ameaçava me deixar sozinha na sala na hora do lanche, mas eu não conseguia e era constrangedor.

Lembro-me de que tinha medo de ir para a escola, e não conseguia falar isso para ninguém. Dessa forma, fui desenvolvendo um bloqueio emocional. Levou muito tempo para que eu pudesse superar e tivesse vontade de estudar novamente.

Hoje sei que o que aconteceu comigo não foi bullying, foi assédio. Esses temas — bullying e assédio — são falados com muita frequência em cursos de capacitação e na mídia de forma geral. No Brasil de hoje, há leis que protegem as crianças de professoras assim. Como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e a Lei da Intimidação Sistemática (Brasil, 2015).

Estou estudando para ser professora, estou cursando Pedagogia, e tenho certeza de que serei uma professora melhor e farei a diferença na vida de crianças que tenham dificuldades como eu tive. Terei mais paciência e quero ter um olhar mais inclusivo, olhar cada criança como única, ensinar e aprender com suas diferenças e particularidades.

Afinal, como diz o ditado, “ninguém é tão burro que não possa ensinar nada; e ninguém é tão sábio que não possa aprender nada.” Aprendemos sempre e aprendemos muito com a diversidade.

EM BUSCA DE OPORTUNIDADES

Laura Karina Rodriguez Mota

Houve um tempo em que eu via meus filhos, Josué e Valeria, muito entretidos com os seus afazeres e brincadeiras, como se não se importassem com o que estava acontecendo ao seu redor. Eu pensava assim porque sempre os via brincando próximos a mim e, quando eu recebia uma visita em casa ou falava ao telefone com alguém, pareciam não prestar atenção ao que eu fazia. Mas a realidade era outra, eles estavam atentos a tudo e, quando a visita ia embora ou eu terminava a ligação, eles se aproximavam de mim e perguntavam: mamãe, quem foi roubado? Quem era aquela senhora? Por que você deu roupas para ele? Por que você deu comida para ele?

E eu lhes respondia e explicava que a situação em que essas pessoas estavam vivendo estava muito difícil. Foi dessa forma que

meus filhos tomaram conhecimento dos problemas econômicos, da insegurança e da falta de alimentos que a Venezuela estava passando naquele momento.

À época, eu estava trabalhando e tinha uma situação mais estável e tranquila e, por isso, podia ajudar. Porém, com o passar do tempo, esses problemas chegaram também à nossa casa. Meu salário foi desvalorizado, não dava mais para pagar todas as contas, então fomos obrigados a reduzir os gastos, primeiro diminuimos os gastos com lazer e consumo e depois com alimentação.

Apesar do aumento das dificuldades, continuávamos mantendo esperança de que as coisas melhorariam, por isso começamos a vender os poucos objetos de valor que tínhamos para sobreviver. Mas a situação não melhorou. Estávamos vivendo numa condição tão precária que a única saída que eu conseguia perceber era vir para o Brasil. Não foi fácil, mas tomei a decisão de deixar meu emprego, mudar minha vida e vir em busca de melhores oportunidades para mim e meus filhos.

No dia em que informei a meus filhos que iríamos partir, eles me perguntaram se toda a família iria também. E ao saber que apenas nós três partiríamos, eles começaram a chorar e me questionaram: “você quer dizer que eu não vou mais ver meus tios, meus primos, nem meus amigos?” Foi difícil vê-los sofrer assim. Eu tinha um nó em minha garganta, mas não podia vacilar, eu tinha de ser a força deles. Então eu lhes respondi com uma voz firme e forte que sim, mas que eles os carregariam em suas mentes e em seus corações. E no futuro, tudo poderia acontecer. Continuei com discursos motivacionais para animá-los até que chegou o dia em que deixamos o nosso amado país, a Venezuela, em busca de um futuro melhor.

Chegar ao Brasil implicou entrar em uma nova cultura, uma nova língua e uma sociedade que não conhecíamos. Chegamos a Boa Vista, no estado de Roraima, onde morava meu irmão. Ele nos recebeu e, nos dias que se seguiram, nos acompanhou para organizar os documentos e estar legalmente no Brasil.

Nas visitas que fizemos às entidades encarregadas do protocolo de legalização, pudemos conversar com outros venezuelanos que nos contaram como foram excluídos naquela comunidade brasileira. Falaram-nos de suas experiências, contando que, quando passavam jogos de futebol na televisão em bares ou restaurantes, eles se animavam para ir ver e sentir a emoção do jogo, mas eram expulsos com gritos e palavras humilhantes. O mesmo acontecia quando eram contratados para fazer trabalhos diários de limpeza em alguma casa ou jardim e não os pagavam. Isso dificultava o pagamento do aluguel, que acabava atrasando e, quando informavam aos locadores essas situações, eles não os entendiam, tampouco davam um prazo maior para honrarem seus compromissos financeiros. Em vez disso, os donos das casas colocavam todos os seus pertences na rua e os queimavam, deixando-os sem nada.

Havia tantos venezuelanos imigrando para Boa Vista, que suas ruas estavam cheias de compatriotas em busca de trabalho. Alguns andam a pé, outros de bicicleta, mas todos correndo o mesmo risco. Pois havia xenófobos que os atropelavam. Foram muitos casos, alguns tiveram a sorte de permanecer vivos, outros não.

Para resolver esse problema, a ação social do governo de Roraima começou a enviar imigrantes para outros estados com trabalho e casa alugada por três meses para lhes dar a oportunidade de se estabilizarem e, assim, conseguirem sua inclusão no Brasil.

Fiquei tão assustada com a situação de vida que os venezuelanos naquele lugar contaram que, quando finalmente obtivemos nossos documentos, comprei uma passagem para uma cidade do sul do Brasil, onde um de meus sobrinhos morava. Acreditei que, dessa forma, estaria longe de um lugar tão xenófobo e excludente. Então, em lágrimas, despedimo-nos de todas as pessoas que nos haviam acompanhado naqueles primeiros dias em terras distantes.

Durante a viagem, pensei em tudo o que meus compatriotas haviam vivenciado e pedi a Deus que tirasse todo o mal de meu caminho. Quando chegamos a Florianópolis, fomos recebidos por meu sobrinho, com quem íamos morar. Da capital, seguimos para uma cidade mais

no interior do estado e, logo nos primeiros dias, pude perceber que era um lugar totalmente diferente daquele que eu havia conhecido. Era outro Brasil.

Graças a Deus, meus filhos foram muito bem recebidos em sua nova escola. Estão felizes e rapidamente fizeram novos amigos. Eles estão evoluindo na aquisição da língua portuguesa também. E eu estou feliz, não só por isso, mas porque estou trabalhando, estou estudando e sei que com a ajuda de Deus teremos dias melhores. Aqui fui acolhida e percebi haver um futuro à minha frente, há oportunidades.

REFERÊNCIAS:

BANDEIRA, Gabriela. **Comorbidades no autismo:** entenda como outras condições podem afetar a vida de pessoas com TEA. Site Genial Care. Publicado em: 23/01/2024. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/comorbidades-no-autismo/> Acesso em: 13 jul. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Documento Orientador Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais.** Brasília: MEC, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11037-doc-orientador-multifuncionais-pdf&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em 20 out. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade – TDAH.** Webpage Biblioteca Virtual em Saúde. Publicado em junho de 2014. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/transtorno-do-deficit-de-atencao-com-hiperatividade-tdah/> Acesso em: 20 jan. 2024.

BRUNA, Maria Helena V. **TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade)** Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/tdah-transtorno-do-deficit-de-atencao-com-hiperatividade/> Acesso em: 8 out. 2021.

CARVALHO, Monica Vieira Portugal de. **O desenvolvimento motor normal da criança de 0 a 1 ano:** orientações para pais e cuidadores. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Saúde e Meio Ambiente do UniFOA. Volta Redonda: UniFOA, 2011. Disponível em: https://sites.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecsm/a/arquivos/37.pdf Acesso em: 12 jun. 2022.

FERNANDES, Sherilyn Yasmine; GRAY, Marjorie Caroline Fernandes; DYONÍSIO, Andrea da Costa e Silva. Síndrome de De Morsier: relato de dois casos na cidade de Petrópolis. **Residência Pediátrica** - a revista do pediatra. Petrópolis. Volume 10 - Número 1- Ano 2020. Disponível em: <https://residenciapediatria.com.br/detalhes/442/> Acesso em: 12 jun. 2022.

GARCIA, Stefanie **O que são níveis de suporte no TEA e como eles podem auxiliar no diagnóstico.** Publicado em 8 de fevereiro de 2024. Site Autismo e Realidade. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2024/02/08/o-que-sao-niveis-de-suporte-no-tea-e-como-eles-podem-auxiliar-no-diagnostico/> Acesso em 13 jul 2024.

LEME, Luciana. **O que é TDAH?** Webpage ABDA – Associação Brasileira do Déficit de Atenção. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/> Acesso em: 3 dez. 2021.

MARQUES, Isabela. **Emoções no autismo:** como a fonoaudiologia ajuda crianças a reconhecer expressões faciais? Publicado em 29 de novembro de 2022. Site Genial Care. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/emocoes-no-autismo-e-expressoes-faciais/> Acesso em: 13 jul. 2024.

MELDAU, Débora Carvalho. **Síndrome de Monsier.** InfoEscola: Navegando e aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/doencas/sindrome-de-morsier/> Acesso em: 12 jun. 2022.

SUMMIT, Saúde e bem-estar. **2020**: o ano em que a pandemia da covid-19 parou o mundo. Publicado em 23 de dezembro de 2020. Jornal O Estadão. Disponível em: <https://summitsaude.estadao.com.br/desafios-no-brasil/2020-o-ano-em-que-a-pandemia-da-covid-19-parou-o-mundo/> Acesso em: 12 dez. 2021.

VIEIRA, Andrêza B. C.; MANCINI, Patrícia ; GONÇALVES, Denise U. Doenças infecciosas e perda auditiva. Aprovado em: 8 de julho de 2009. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, 2010. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/388> Acesso em: 14 jun. 2022.

CAPÍTULO 2

FATOS

"A inclusão é um superpoder que transforma diferenças em pontos fortes".

- Melinda Gates

Melinda French Gates é uma cientista da computação. Filantropa, empresária, autora e defensora de mulheres e meninas. Fundadora de @pivotal_ventures. Co-fundadora da @gatesfoundation. Mãe orgulhosa e avó.

Fonte: Instagram/@melindafrenchgates

A INCLUSÃO NA MINHA INFÂNCIA

Mônica Fischer Bianchini

Sou a Mônica e moro no mesmo bairro desde que nasci. Entrei no Pré-Escolar aos 6 anos e, na sala de aula, éramos 45 crianças. Era muito divertido, mas para o professor imagino que deveria ser assustador.

Meu pai foi sempre professor e diretor da escola, e nós morávamos perto e tínhamos um comércio varejista que, naquele tempo, era chamado de venda. Tínhamos tanta intimidade que a escola era como se fosse nossa segunda casa e segunda família, pois conhecíamos todos os professores que trabalhavam lá. Ela fazia parte de nós o tempo todo.

Assim, devido à venda e da escola, nossa família conhecia todos os moradores do bairro e todos nos conheciam. Na escola de bairro, anos atrás, estudavam todos os vizinhos, parentes e amigos. Um aparecia, já se sabia que era filho de fulano e neto de sicrano, e assim era.

Desde que entrei na escola, eu precisei usar óculos. Meu pai me levou ao oculista e lá estava eu com os óculos de 8 graus, no meio de uma garotada que gostava de zoar. Não preciso nem falar dos apelidos que recebi, mas nada impediu o meu crescimento. Em nossa sala de aula, havia mais quatro crianças com problemas além de mim: o Juca, que era um menino surdo, nós falávamos com ele por meio de sinais e mímica, ninguém conhecia Libras naquele tempo; o Carlos tinha problemas na fala e nas pernas, mas ele era muito divertido, quem queria se escapar da educação física era só correr um pouco com ele; a Sandra, que era uma menina-azul (como a chamávamos), ela tinha algum problema no sangue ou na circulação, talvez, porque todo o seu corpo era azulado. Ela faleceu muito jovem, aos 10 anos; lembro-me até hoje de seu funeral. E não podia faltar o serelepe da turma, o Alisson, que era um menino muito atrevido que resolveu soltar um foguete escondido dos pais, quando eles não estavam em casa, e acabou perdendo a mão e um pedaço do braço. Nós nos revezamos para copiar as matérias para ele até que aprendesse a escrever com a outra mão.

Todos da turma estavam sempre unidos com eles. Lembro que não havia deboches além das brincadeiras das quais eles mesmos participavam, ou até propunham. Talvez porque morássemos perto e nossos pais se conhecessem, ou porque nossa geração era mais forte, como diz meu filho. Com certeza, naquela escola, tínhamos uma família fora de casa.

Hoje, cursando Pedagogia e discutindo os processos de inclusão, percebi o quanto a minha escola foi diferenciada das demais. Fico assustada por viver num tempo em que a exclusão foi e é devastadora em muitos lugares e escolas, mas reconheço que em minha sala de aula houve uma magnífica inclusão, sem que jamais tivesse ouvido essa palavra tão significativa. As discussões em aula, na disciplina de Educação Especial e Inclusiva, fizeram-nos pensar nas diferenças, na diversidade e questionar o conceito de normalidade. As experiências relatadas pelos colegas foram marcantes e muito importantes para avaliarmos e mudarmos nossa maneira de ver, ouvir e pensar no outro.

Sou muito grata, porque mesmo desconhecendo o significado da palavra, eu percebo que de fato vivi a inclusão. E agora posso reconhecê-la e relatar essa extraordinária experiência.

PRINCIPAL SINTOMA: AMOR

Julia Nicoletti

Ao longo da minha vida, eu tive o prazer de conhecer e fazer amizade com três pessoas do espectro autista: Bruna, Guilherme e Enzo. Os três me mostraram e ainda me mostram diariamente o quão incrível o universo de uma pessoa com autismo pode ser.

O transtorno do espectro autista (TEA), de acordo com Ribeiro (2022), é um transtorno neurológico caracterizado por um comprometimento da interação social, da comunicação verbal e não verbal e do comportamento restrito e repetitivo; mas é importante ressaltar que o autismo não é uma doença, é um modo diferente de se expressar e reagir. Pude comprovar isso com cada um desses meus amigos que eram únicos.

A Bruna, eu a conheço desde que eu era muito pequena. Bru, como gosta de ser chamada, é uma menina sorridente e amigável, que mesmo com os seus 23 anos carrega nos olhos a inocência de uma criança. Desde que nasceu, ela se destaca em alguns aspectos: chegou a ficar internada algumas vezes, porém fechar o seu diagnóstico não foi nada fácil, e aconteceu recentemente. Bru é uma mulher que ama demonstrar o seu carinho, muitas vezes até exageradamente. Ela já começou a fazer algumas graduações, porém ainda não se encontrou em nenhuma. Ela ama fazer natação, ama crianças, faz amizade com todas as pessoas que vê na rua (todas mesmo) e vive a sua vida normalmente.

Já faz alguns anos que conheci o Guilherme (ou apenas Gui). Conhecemo-nos na catequese. Ele é um menino fabuloso que adora conversar e falar do que gosta. Ele é muito divertido e tem certa dificuldade de concentração, mas isso não afeta sua enorme inteligência. Gui concluiu o Ensino Médio e vive a sua vida normalmente: trabalha todos os dias em um mercado, frequenta a igreja, só não é muito amigo de lugares cheios e apertados. E ele é feliz assim.

Enzo é um garoto de apenas 4 aninhos que tem uma grande paixão por carros, caminhões e tratores — esse é seu hiperfoco. Ele é uma criança extremamente alegre e, às vezes, se empolga e vai além de seus limites.

Diferente de Bru e Gui, Enzo, apesar de ser uma criança ainda, não é uma pessoa tão fácil de fazer amizade. Ele precisa de um tempo para ter confiança e conseguir ter alguma interação e aceitar a relação de amizade. Ele tem curiosidade sobre tudo e está sempre questionando e querendo saber mais e mais sobre quaisquer de suas novas descobertas. Como professora, acompanhar o ritmo do Enzo não é uma tarefa fácil. Ele é muito intenso.

Cada TEA é único e precisa ter um jeito especial de lidar, pois cada um é diferente. Nem sempre é fácil, mas é preciso que se tenha muita paciência. Quando olho para trás e vejo minha trajetória, percebo que o contato com cada um deles me mostrou formas especiais de enxergar o mundo e me apresentou versões diferentes de tudo que eu

antes já conhecia, mas de uma maneira impressionantemente nova. Eles contribuíram em minha formação e eu na deles. E, com certeza, nossa amizade e o amor foram a principal sintonia.

“Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo. Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo”.

- Autism Topics.

(Pereira, 2020).

LEONARDO E O CROMOSSOMO DO AMOR.

Vitória Silva de Oliveira

Quando trabalhei como operadora de caixa num mercado da cidade onde moro, conheci Leonardo. Ele era um garoto de 28 anos com Síndrome de Down. A Síndrome de Down, segundo Santos (2022), é causada pelo excesso de cromossomos no par 21, no qual há três cromossomos ao invés de dois. As células do corpo humano possuem 46 cromossomos, que ficam dispostos em pares; no entanto, uma pessoa com esta condição tem 47. Isso faz com que uma pessoa com Síndrome de Down lide com várias dificuldades de aprendizagem, de sociabilidade e até mesmo para realizar tarefas do dia a dia (Santos, 2022).

O Leonardo, ou apenas Léo, como o chamamos, era tímido, mas muito esperto. Ele paquerava várias meninas e adorava “matar tempo” no refeitório. Apesar de todos os funcionários brincarem com ele e o tratarem bem, era perceptível a solidão do Down e sua dificuldade na expressão dos sentimentos.

Algumas vezes, quando algo lhe chateava, ele se isolava num canto e não falava com ninguém o resto do dia. Era uma situação difícil e todos ficávamos preocupados, mas não sabíamos como agir. Leonardo era o único funcionário PCD (pessoa com deficiência) na empresa, o único com Down, e todos percebíamos o quanto ele ficava deslocado. Apesar de gostarmos muito dele, não havia como

entender o que ele sentia, pois não éramos iguais a ele. E mesmo que fôssemos, não há um Down igual a outro, assim como não há uma pessoa igual a outra.

Mesmo tentando ser gentis, muitos clientes do mercado viam-no como uma aberração. Às vezes, as crianças o olhavam diferente, com curiosidade ou com medo. Os adultos, geralmente, tinham paciência, porque ele embalava as compras devagar. E quando nós, as operadoras, íamos ajudá-lo, ele ficava bravo e parava o que estava fazendo.

Leonardo é um em muitos, mais especificamente, em 300 mil brasileiros, de acordo com Santos (2022). E como todos, tem seu jeito único e próprio, sua forma de falar, de agir e de pensar. Dizem que as pessoas com Síndrome de Down têm um cromossomo a mais, o do amor. E muitos acreditam que o Down é uma limitação. Eu, contudo, acho que é apenas mais um detalhe que nos faz únicos dentre tantas pessoas nesse mundo tão gigante e diverso.

Afinal, um cromossomo a mais ou a menos pode virar nossa vida de cabeça para baixo, mas quem decide se isso será de forma benéfica ou não somos nós mesmos. Por isso, viva a diversidade! Viva o Down! E viva as pessoas que sabem o valor da vida! Nossa essência é algo único, que ninguém jamais conseguirá tirar, porque “enquanto houver amor, não haverá diferenças!” (Américo, 2019, *on-line*).

CONVIVÊNCIA E CONTATO COM A SURDEZ

Carla Daise Pereira Babolim

Quando eu frequentava o 2º ano do Ensino Médio, havia um menino, em minha turma, que tinha problemas na audição. Ele usava aparelhos em ambas as orelhas, mas não me lembro de alguém ter se referido à deficiência quando falava dele. E ele sempre contava, para quem quisesse escutar, a sua história de vida.

Ele contava que nasceu prematuro. Creio que a mãe dele ainda não estava no sétimo mês de gestação quando fez o parto. Ele diz que ficou 40 dias no hospital em Blumenau e sua mãe, que morava

em Brusque na época, em 2003, ia todos os dias até lá para vê-lo e para escutar o médico dizer a frase, que era recorrente: “infelizmente, é preciso que se prepare, pois de hoje ele não passa”. Isso porque ele era muito pequeno, tinha muito pouco peso e estava muito fraco. Daí aconteceu que, por tirá-lo da incubadora e sem ter o cuidado correto, ele teve apneia do sono e a falta de oxigênio acabou afetando sua visão, sua audição e a coordenação motora.

O nascimento é considerado prematuro quando ocorre antes do prazo final mínimo de gestação, que deve durar entre 37 e 42 semanas. Segundo dados do Ministério da Saúde (2023, *on-line*), “mais de 12% dos nascimentos no país acontecem antes de a gestação completar 37 semanas”. Isso mostra que a prematuridade dos partos não é nada tão rara. Mas o prazo mínimo para nascimento, cujos bebês são considerados “prematuros extremos”, é de 28 semanas. Antes desse período, há mais risco de vida, pois os bebês apresentam um estado de saúde muito frágil (Brasil, 2023).

Pelo relato de meu colega do ensino médio, é provável que ele tenha sido um caso de prematuridade extrema, ou tenha nascido antes mesmo desse prazo, visto a quantidade de problemas de saúde que ele desenvolveu e a frase dita pelo médico à mãe dele. Pois, para os bebês prematuros que nascem entre 22 e 23 semanas, as chances de sobrevivência vão de 2% a 40% (Nascimentos, 2023).

Devido aos problemas ocasionados pela prematuridade de seu nascimento, ele fez natação, fisioterapia e frequentou fonoaudióloga desde cedo. Fez duas cirurgias nos olhos, uma aos 2 e outra aos 4 anos. E aprendeu a falar e escrever naturalmente sem usar os aparelhos auditivos, apenas aos 7 anos sentiu uma necessidade de usá-los.

Quando ele começou a estudar em nossa escola, apenas tivemos de nos acostumar a falar um pouco mais alto perto dele. E, às vezes, tínhamos também que suprir a falta da segunda professora, que faltava por vezes, pois não era uma profissional muito competente. A melhor amiga dele, que sempre se sentava perto, às vezes ajudava-o mais do que a professora.

Segundo a lei estadual de Santa Catarina (2017), o Segundo Professor de Turma é o profissional com formação em Educação Especial que acompanha e atua com o professor titular em sala de aula. Ele atende os alunos com deficiência ou transtornos, matriculados na educação básica regular das escolas públicas do Estado de Santa Catarina. Dessa forma, no ensino médio, o Segundo Professor de Turma deve apoiar o professor regente com propostas de adaptação e flexibilização das atividades pedagógicas desenvolvidas conforme as especificidades do aluno com deficiência. No caso de um aluno com surdez, o bom conhecimento de Libras deveria estar entre as atribuições necessárias para a contratação desse professor.

Um dia, foi proposto que nossa turma tivesse aulas de Libras, por mais que nem mesmo ele tivesse muito conhecimento da língua de sinais; isso seria muito interessante. Parecia que a ideia era muito boa, mas, na prática, foi muito complicado, pois as aulas foram introduzidas de uma hora para outra, sem planejamento. Além disso, tinha de tomar tempo da aula de outros professores. Era tudo muito confuso e não conseguimos ter aula muitas vezes. Se tivemos 10 aulas naquele período, foi muito.

Esse garoto é meu amigo até hoje. E, apesar de todos os percalços, ele está na faculdade e cursa Engenharia. Nós sempre nos falamos. Ele é um amigo muito importante para mim e sua deficiência nunca o impediu de nada.

Hoje, refletindo sobre as experiências que tive na educação básica, percebo que ainda não temos uma sociedade inclusiva. Ainda há barreiras em todos os lugares, por faltarem rampas, pisos táteis, professores auxiliares fixos habilitados e dispostos a ajudar de fato. É preciso aprender que o respeito, a atenção e, principalmente, a empatia são a chave para romper as barreiras na escola; pois é lá que se forma a sociedade.

A educação transforma tudo. Estou na luta por uma sociedade inclusiva, não perco a esperança, pois as pessoas com deficiência não a perdem. Eles seguem sempre em frente, rompendo barreiras e ensinando a maior das lições: todos somos capazes.

DÉBORA E GUILHERME

Beatriz Batisti

Iniciei o ensino fundamental na mesma instituição de ensino na qual me formei no ensino médio. Durante minha trajetória escolar no ensino médio, estudei com duas pessoas que tinham deficiência. Uma era a Débora, cuja deficiência não sei definir ao certo, mas talvez fosse uma deficiência intelectual leve, pois coisas simples eram, para ela, muito confusas e ela sempre se perdia em determinadas atividades mais abstratas.

Segundo o Protocolo para o Diagnóstico Etiológico da Deficiência Intelectual do Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde, a deficiência intelectual pode ter a classificação de leve, moderada, grave e profunda. E no caso do nível leve, os comprometimentos cognitivos podem ser muito discretos (Brasil, 2020).

O outro aluno com deficiência que estudou comigo foi o Guilherme, ele era cadeirante. Eu não sei exatamente como o Guilherme ficou nessa situação, mas, ao que me consta, ele já tinha dificuldade motora desde muito novo; por isso acredito que tenha nascido com a deficiência física.

Débora foi uma amiga muito especial, ela era engraçada e gostava de escrever cartas. Era participativa e, embora não fosse a primeira a ser escolhida para trabalhos em dupla, eu realizei vários trabalhos com ela e aprendemos muitas coisas juntas. Ela tinha uma professora que a auxiliava e isso contribuía para desenvolver seus afazeres. Guilherme era um garoto muito ativo. Ele era fã do Bruscão, gostava de esportes e era paratleta. Na hora do recreio, gostava de sentar-se no banco do refeitório com os demais. Então, todos o ajudavam segurando a cadeira enquanto ele sozinho passava para o banco.

Havia pouco tempo que a nossa escola passara por algumas reformas. Muito provavelmente por conta do Plano Nacional de Educação (PNE), cuja meta 4 trata da universalização do “acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino” para os alunos com

deficiência, transtornos, altas habilidades ou superdotação, com a garantia de sistema educacional inclusivo e completamente acessível (Brasil, 2014, *on-line*).

Assim, na quadra esportiva, havia rampa numa área que dava para o refeitório; mas o segundo andar, que era onde havia mais salas, não era acessível, pois havia apenas escadas. Entretanto, as portas das salas eram mais largas e permitiam a locomoção de cadeira de rodas com mais facilidade do que as salas do andar térreo.

Lembro-me de que, certa vez, Guilherme desenvolveu uma síndrome do pânico. E ele não frequentou a escola por algum tempo, pois não conseguia ficar conosco na sala. Nesse período, uma psicóloga passou a frequentar as aulas conosco no turno da manhã. Na parte da tarde, ela o atendia com terapia, além de ensinar a ele os conteúdos que estávamos aprendendo. Depois de algum tempo, ele conseguiu retornar para a sala de aula. A psicóloga, então, continuou em sala, auxiliando-o e oferecendo suporte para todos nós.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5 - da Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), a síndrome ou transtorno do pânico (ansiedade paroxística episódica) é uma doença com causa em crises de ansiedade agudas marcadas por muito medo e desespero. Surgem com sintomas físicos e emocionais, como tontura, palpitação, calafrios, dificuldade de respirar, medo extremo, sensação de morte e/ou de estar enlouquecendo, entre outros.

As atividades, que desenvolvíamos, eram basicamente as mesmas para todos. De forma que tanto Guilherme quanto Débora eram participativos. As professoras auxiliares foram realmente muito essenciais e importantes nesse processo de aprendizagem. Assim, em nossa sala, acontecia a inclusão.

Acredito que as escolas precisem se adequar e estar preparadas para receber todos os alunos, sejam eles com alguma deficiência, distúrbio, transtorno ou não. Nesse sentido, a educação especial e inclusiva é uma chance de se proporcionar uma educação para todos, com profissionais especializados que possibilitem o desenvolvimento e a construção de conhecimentos. A inclusão de alunos com

deficiências em escolas regulares tem muita importância; pois, de um lado, possibilita o acesso ao conhecimento para todos os alunos indistintamente e, por outro lado, oportuniza a todos os alunos a possibilidade de conviver com o diferente, trocar experiências e aprender. E o aprendizado é imenso.

ENCONTROS E REENCONTROS

Poliana Caroline dos Santos

Durante a minha infância, sempre estudei em Brusque. E desde que entrei na educação infantil (creche), com apenas 6 meses, tenho tido contato com os chamados “alunos de inclusão”. Quando era criança, não via nenhuma diferença entre os alunos considerados típicos e atípicos. Para mim, éramos todos diferentes e, assim, alguns tinham mais dificuldades do que outros em certas tarefas. Essas dificuldades eram características como cor do cabelo, jeito de falar, ser bom em desenho, etc.

O período do qual tenho mais lembranças é do meu terceiro ano do ensino fundamental. Durante esse ano, havia um aluno em minha sala que se comportava de maneira mais infantil que os demais, que precisava de atenção o tempo inteiro, fazia brincadeiras em momentos inoportunos, ainda estava em processo de alfabetização (quando todos já sabiam ler e escrever) e, às vezes, era mais teimoso do que o esperado. Na época, eu pensava apenas que aquele menino tinha características mais diferentes que os demais, mas anos depois tive a consciência de que ele tinha deficiência intelectual.

Segundo Ke e Liu (2015), o Manual de Diagnóstico e Estatística (DSM) apresenta as características para o diagnóstico do transtorno de desenvolvimento intelectual que, conforme o documento, são dificuldades gerais, como resolução de problemas, abstração, raciocínio lógico, planejamento, julgamento “e a aprendizagem a partir da experiência com um QI de dois ou mais desvios-padrão abaixo da média da população para a idade e grupo cultural da pessoa (QI abaixo de 70)”. São déficits que prejudicam o funcionamento e limitam a

participação e o desempenho em um ou mais aspectos da vida diária, como a comunicação, a participação social, a produção na escola ou no trabalho, ou a independência em casa, ou na comunidade, resultando na necessidade de apoio (KE; LIU, 2015, p.17).

Lembro-me de um trabalho de grupo que a professora havia proposto, visando fazer o desenho de uma paisagem em que todos participassem. Essa atividade, para ele, foi muito difícil; pois ele tinha vontade de fazer tudo sozinho. Os demais alunos entendiam a situação, não o confrontavam e procuravam o máximo de paciência possível com a situação. Foi com essa atitude que conseguimos entregar o trabalho. Dessa maneira, o aluno também conseguiu compreender que um trabalho desse tipo deveria ser feito por todos, e essa era a riqueza de um trabalho em grupo.

Tempos depois, reencontrei o aluno que havia estado em minha sala na terceira série em outra escola. Dessa vez, ele não estava na mesma série que eu, pois havia reprovado um ano. Eu ainda conversava com ele vez ou outra, mas ele não tinha lembranças de mim da época em que estudamos juntos na terceira série. Confesso que no início fiquei um pouco magoada, mas depois entendi que era uma das dificuldades dele. Mas, como o mundo é mesmo muito pequeno, atualmente, na fase adulta, eu trabalho com Maria, a mãe desse aluno. Ela é monitora na mesma escola em que eu trabalho. Outra coincidência foi encontrar minha professora da terceira série. Ela também trabalha na escola e eu sou monitora na sala em que ela é regente. Hoje, com muito orgulho, somos colegas de trabalho!

Maria e eu conversamos muito e ela se lembra da época em que eu e seu filho estudávamos juntos na terceira série. Numa de nossas conversas, Maria contou-me como o filho era quando aluno. Ela me disse que a escola teve um papel fundamental na vida de seu filho, uma vez que foi com o apoio da escola que ela teve consciência do diagnóstico do filho, o que isso representava e como deveria agir com ele. Naquele tempo, com a ajuda da escola, a relação em casa melhorou, ele teve alguns avanços e aprendeu a lidar com as dificuldades dele e isso o ajudou a ter independência.

Em 1994, a Declaração de Salamanca, segundo Mazzotta e D'Antino (2010), representou um grande feito para a inclusão escolar. Esse documento influenciou a LDB de 1996 (Lei 9.394), que determina que é dever da escola acolher e tornar o espaço escolar passível de aprendizagem para todos os alunos de forma inclusiva, independente das capacidades do aluno, de sua condição social, raça ou classe; com destaque para a importância fundamental da conscientização e apoio da família, em cujo seio o papel de inclusão é inicial, para tornar a aprendizagem possível. A família é o primeiro local de convívio social que a criança tem, por isso também é função da escola orientar a família.

Maria também me contou que, quando seu filho era criança, era fácil levá-lo para a escola. Ele apenas relutava para acordar cedo, fazia um pouco de birra, mas depois que estava na escola não queria mais ir para casa. A escola e a interação com outros alunos foram fundamentais para que ele desenvolvesse aprendizados como respeitar as outras crianças, aprender a dividir e se sentir incluído.

O relato de Maria deixa claro que a escola não é simplesmente um lugar de repassar conteúdo. A escola também tem o importante papel de socializar, de mostrar à criança que há diferentes possibilidades de se aprender. Além disso, a escola é um espaço ímpar para desenvolver habilidades sociais como respeito, empatia, bondade e, acima de tudo, inclusão e tolerância. (Mazzotta; D'Antino, 2010).

Hoje, ao relembrar todos esses fatos, percebo como a inclusão em sala de aula é fundamental. Afinal, como seria a vida desse aluno se não tivesse tido a oportunidade de socializar com todos? Será que ele teria entendido o que é um pensamento coletivo sem a escola? E ainda, será que nós, alunos “típicos”, saberíamos como respeitar todas as diferenças se não tivéssemos tido contato com essas crianças na infância? Dificilmente. A inclusão necessita de olhares, é uma atitude não só dos alunos de inclusão, tampouco apenas dos alunos típicos, mas sim de toda a sociedade, de forma justa, respeitosa e empática.

MEU IRMÃO MAIS NOVO

Priscila Rocinski Venera

Meu irmão mais novo nasceu em 1996. No dia, minha mãe achou que seria mais um trabalho de parto tranquilo como havia sido dos outros dois filhos, mas não foi bem assim que aconteceu.

No dia anterior ao seu nascimento, minha mãe começou a sentir as primeiras contrações e dores, então esperou até aumentar um pouco mais para ir ao hospital. Ao chegar no hospital, naquele mesmo dia, o médico que estava de plantão realizou o primeiro atendimento, mas falou que o bebê estava bem e tudo corria para um parto normal. Ele pediu que minha mãe voltasse para casa e somente, quando tivesse mais contrações, voltasse ao hospital. Foi feito isso, mas quando a dor já não era mais suportável, voltaram ao hospital e a história novamente se repetiu, e foi apenas na terceira ida ao hospital que o médico resolveu internar. O médico demorou muito para tomar uma iniciativa e só depois de minha mãe implorar é que decidiu iniciar os procedimentos para o parto. E então meu irmão nasceu.

Meu irmão acabou ficando muito tempo no útero já sem líquido amniótico e, conseqüentemente, teve algum sofrimento. Isso resultou em problemas. Alguns desses problemas foram descobertos na hora e outros com o passar do tempo. Ao nascer, teve que permanecer alguns dias na incubadora, pois tinha dificuldade de respirar devido à demora do parto. Devido ao tempo na incubadora, ele desenvolveu dificuldades na visão. Por isso, desde muito cedo, ele precisou de óculos e corrigir o estrabismo com uso de tampão.

O sofrimento fetal pode ser caracterizado pela falta de oxigênio para o feto. Segundo Bentlin, Rebello e Barros (2019), mesmo que não tenha havido lesão cerebral, podem acontecer problemas no desenvolvimento em qualquer fase da vida. Os problemas descritos na literatura médica indicam que podem ocorrer “desde alterações mínimas de comportamento, déficit de atenção/hiperatividade, síndrome do espectro autista e dificuldades na aprendizagem, na leitura e na matemática, até alterações mais sérias, como paralisia cerebral” (Bentlin; Rebello; Barros, 2019, *on-line*).

Ao começar a fase escolar, foi percebida a dificuldade de se concentrar e realizar atividades que, para outras crianças, poderiam ser mais fáceis. Por isso, ele repetiu algumas vezes de ano, mesmo tendo sempre acompanhamento com fonoaudióloga, pois tinha dificuldade na fala. Ele conseguiu completar, com muito custo, o ensino fundamental na escola regular. O ensino médio, ele fez no programa de educação para jovens e adultos (EJA) mais tarde.

Outro problema foi quando ingressou no mercado de trabalho e sentiu muita dificuldade de se relacionar com as pessoas. Além disso, era difícil realizar as atividades necessárias no serviço. Foi quando minha mãe decidiu levá-lo a um psicólogo, para tentar entender o que, durante anos, os médicos pelos quais passou não perceberam, pois nunca deram um parecer ou um diagnóstico certo que pudesse ajudar. Na avaliação do psicólogo, foram feitos testes para avaliação cognitiva, entrevistas e algumas sessões, nas quais ele observou toda a trajetória de sua vida. Depois, fechou um parecer: meu irmão tinha transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) ao nível médio. A psicoterapia poderia minimizar e desenvolver seu potencial de crescimento, contribuindo para uma qualidade de vida na sociedade.

Esse diagnóstico, que era mais preciso, deixou claro, para a família, toda a dificuldade que ele havia passado por anos, inclusive em relação à saúde. Pois o nervosismo de tentar e não conseguir fazer o que lhe era proposto no trabalho causou-lhe um problema gástrico muito grave, que resultou em úlcera. Foram necessários meses de tratamento e, graças a Deus, não aconteceu nada pior.

O transtorno pode não estar tão visível para a família e para os profissionais, mas é importante persistir. Pois, sem o tratamento correto, o problema pode aumentar e acarretar outras dificuldades maiores para a pessoa. Com a terapia com o psicólogo, meu irmão teve sua vida transformada. Hoje ele dirige, trabalha e tem uma certa independência, apesar de precisar ainda da ajuda da minha mãe para determinadas atividades. Ele é um rapaz muito carinhoso e querido e, sempre que pode, quer ajudar.

VALENTINA

Karoline Cristina Nunes

Anos atrás, na minha infância, era tudo muito diferente. Não tínhamos acesso à informação como hoje. Quando eu estava com 5 ou 6 anos, tive meu primeiro contato com uma criança diferente de todas com quem eu havia me relacionado. Mas eu não a tratava diferente. Era uma criança que tinha praticamente a mesma idade que eu, porém agia de uma forma diferente, como se fosse mais nova. Na época, não se falava em deficiência, então para nós ele era “retardado”. Mas o tempo passou, a escola mudou e nunca mais tive mais qualquer contato com ele.

Hoje a situação é diferente. No ano passado, eu comecei a trabalhar numa escola de Educação Infantil, onde assumi a função de monitora escolar de crianças com deficiência. Foi lá que tive meu primeiro contato com uma criança com deficiência auditiva. Ela se chamava Valentina e se comunicava por gestos e alguns sinais da LIBRAS.

Segundo os pais, Valentina foi diagnosticada com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM) e com deficiência auditiva neurossensorial de grau profundo bilateral quando tinha apenas um ano e quatro meses.

O DNPM é um processo de desenvolvimento avaliado pelo pediatra desde o nascimento. Esse processo pode ser desenvolvido a partir de estímulos, para a criança adquirir as habilidades esperadas para sua idade. Tem um caráter progressivo, por isso a criança deve ser capaz “de realizar funções cada vez mais complexas” (Pediatria, 2020, *on-line*). Assim, quando o bebê consegue sentar-se e quer algo que está longe dele, ele busca uma forma de alcançar o que deseja e, para isso, ele rasteja e logo acaba aprendendo a engatinhar. O atraso na aquisição das funções esperadas para cada fase do desenvolvimento pode ser um indicativo de que há algum problema.

Em relação à surdez de Valentina, segundo o Instituto Auditivo (2021), a surdez neurossensorial é um dos tipos mais comuns. Essa surdez acontece na orelha interna quando as células ciliadas que

ficam na cóclea apresentam algum problema que impede que os sinais cheguem ao cérebro. Isso pode ocasionar uma perda auditiva uni ou bilateral, e pode variar de leve a profunda. Geralmente, para esse tipo de surdez, é recomendado o implante coclear.

O implante coclear é um dispositivo eletrônico feito para ser inserido por meio de cirurgia na orelha interna, na área da cóclea. Esse aparelho tem a função de produzir estímulos elétricos codificados diretamente ao nervo auditivo (Moreira, 2024).

Assim, por decisão dos pais, aos quatro anos, Valentina foi submetida à cirurgia para implante coclear no Hospital Universitário de Florianópolis; e hoje, ela se comunica muito bem oralmente e faz também uso contínuo de gestos. Na última avaliação com uma das fonoaudiólogas, foi observado que Valentina está com seu desempenho satisfatório. Consegue reproduzir as vogais, outros sons de linguagem e palavras do dia a dia, por exemplo: pai, mãe, mana, xixi, cocô, água.

Meu contato continua sendo diário com ela, e todo dia há a descoberta de um novo som. Foi surpreendente acompanhar toda a evolução desde o implante. Essa tem sido uma experiência muito significativa, pois Valentina é uma criança muito esperta e muito expressiva. É um verdadeiro furacão. Além disso, com a alegria e o sorriso, ela contagia todos que estão à sua volta.

Tenho aprendido muito com o convívio diário com crianças com deficiência e transtornos. Isso tem tornado esse ano um ano muito rico em conhecimento. Além disso, toda essa experiência com a Valentina e com as outras crianças com laudo que frequentam a creche fez-me recordar de meu colega de escola e da situação que vivenciei naquele tempo e que hoje, com toda a certeza, seria muito diferente.

ANGÉLICA, MINHA SOBRINHA

Luana do Amaral de Oliveira

Angélica nasceu pesando apenas 870 gramas e ficou muito tempo fora do oxigênio após o parto, pois não havia uma unidade de terapia intensiva neonatal (UTI neonatal) na cidade. Demorou um tempo até

que conseguissem uma vaga num hospital mais bem equipado na região. Angélica ficou internada na UTI por três meses, até atingir o peso de 2 kg. A falta de oxigênio em suas primeiras horas de vida afetou uma parte do cérebro e comprometeu o lado esquerdo do corpo da menina.

Segundo Barbosa (2021), dependendo do tempo de privação de oxigênio, o bebê pode desenvolver algumas sequelas, como distúrbios de aprendizagem, transtornos, paralisias cerebrais, crises convulsivas, entre outras. Tudo depende do tempo que “a criança ficou sem oxigenação e, para o prematuro, isso é muito mais deletério do que para uma criança de tempo certo” (Barbosa, 2021, *on-line*).

Assim, a hemiparesia no lado esquerdo, que só foi observada quando Angélica começou a engatinhar, foi a primeira das sequelas devido à falta de oxigênio no parto que foi observada na menina. A mãe observou que ela não conseguia dobrar as perninhas, porém, no início, não achou estranho, pois ela era um bebê e tinha tempo ainda. No entanto, o tempo foi passando e ela não conseguia ficar em pé, nem engatinhava. Então, a família começou a perceber que realmente algo não estava no padrão e a levou ao médico pediatra.

O médico pediatra fez alguns exames, mas não concluiu o diagnóstico. Ao invés disso, ele a encaminhou para um médico especialista. E só então foi que o diagnóstico de hemiparesia foi fechado.

Hemiparesia é uma deficiência motora e precisa de acompanhamentos de ortopedista e fisioterapeuta. Para Angélica, a fisioterapia será uma terapia contínua; será algo para o resto da vida.

Hoje, aos nove anos, Angélica tem dificuldades para lavar e amarrar o cabelo, ou fazer outras atividades, como algumas brincadeiras de criança. Às vezes, ela acaba caindo ao andar, pela falta de equilíbrio, já chegou a se machucar seriamente com essas quedas. Uma vez ela cortou a cabeça e levou pontos, outra vez ela quebrou um dos dedos.

Segundo a professora da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), Angélica é uma aluna que convive de forma cordial com os colegas, toma iniciativa de interação e não fica

desconfortável ao fazer um trabalho em grupo. Fala pouco nas aulas em sala, mas no intervalo e nas aulas de educação física, conversa mais. Ela desenvolve as mesmas atividades que os demais na maior parte do tempo, e, quando necessita, é oferecido auxílio e adaptações. Uma vez por semana, no contraturno, Angélica vem à sala de AEE para desenvolver atividades específicas de terapia motora como a marcha e de acompanhamento do desenvolvimento cognitivo. Atualmente, não necessita mais de adaptações nos instrumentos que utiliza para o desenvolvimento de atividades que envolvem coordenação motora fina, como recortar, desenhar, mas chegou a usar engrossador de lápis e tesoura adaptada no início de sua jornada escolar. As maiores dificuldades de Angélica são em relação à matemática e ao raciocínio lógico, que ela compreende, mas esquece com facilidade, principalmente quando envolve conhecimento de relógio e sistema monetário.

A mãe conta que hoje Angélica se vira bastante bem sozinha, mas ainda é preciso estar de olho com coisas que ela pode se machucar ou se cortar. É preciso ter um cuidado mais rigoroso em casa. Apesar disso, ela é uma menina muito carismática, sempre alegre. Na escola, todos a acolhem e ela é muito feliz!

SABRINA

Sabrina Suelen Siqueira dos Santos

Eu morava numa cidadezinha, no litoral norte de São Paulo, onde a educação era e ainda é muito precária, onde a desigualdade grita, onde o aluno de escola pública, ao se formar, tem como única oportunidade de trabalho um quiosque de beira de praia. Mas não é sobre isso que quero falar no momento, e sim de como uma aluna com Síndrome de Down mudou minha forma de olhar para a vida e de como somos muitas vezes ignorantes na forma de agir e pensar.

O engraçado dessa história é que ela tem o mesmo nome que eu, Sabrina. Eu a conheci quando ela se mudou para nossa escola. Poucos sabiam da sua história. O pai de Sabrina havia abandonado a mãe assim que receberam o diagnóstico de deficiência da filha. A mãe

cuidava de Sabrina com muito amor e carinho. Ela queria que sua filha tivesse a vida mais típica possível para sua idade e lutou muito para que isso acontecesse. Algumas escolas particulares da cidade haviam rejeitado sua matrícula, afirmando que não estavam preparadas para recebê-la; outras escolas aceitavam a matrícula, mas faziam com que a inclusão dela não fosse plena e ela se sentisse inferiorizada e não quisesse mais ir para a escola.

Mas, na nossa, foi diferente, sempre soubemos respeitar sua individualidade e o seu tempo para fazer as atividades que eram diferentes do nosso. O mais importante era saber que todos somos diferentes e temos nossas limitações, mas que isso não é uma desculpa para desistir. Sabrina tinha o sonho de ser artista. Ela passava horas desenhando em seus caderninhos e sempre se sentava na primeira carteira da sala.

A síndrome de Down (ou trissomia do cromossomo 21) é uma disfunção genética observada no par 21, o qual apresenta um cromossomo a mais. Isso significa “que as pessoas com síndrome de Down têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maioria da população” (Mano Down, 2024, *on-line*).

Conforme o Instituto Mano Down (2024, *on-line*), a síndrome de Down não tem níveis ou graus. O que há são “diferenças nas características físicas e no desenvolvimento físico e mental que são inerentes a todas as pessoas, além dos estímulos que a pessoa com T21 recebe”.

Acredito que Sabrina deve ter sido muito estimulada na infância, pois uma vez tive a oportunidade de fazer um trabalho em grupo com ela. E foi com esse trabalho que percebi a criança maravilhosa que ela era. Ela era curiosa, atenciosa, gentil e não via maldade em nada.

O tempo passou, e ela acompanhou nossa turma até o ensino médio. Foi tão gratificante e bonito vê-la se formando. Ela estava radiante. Acredito que tenha sido a maior alegria para sua mãe, que fazia questão de sempre estar presente apoiando a filha em suas escolhas. Agora, eu percebo que a oportunidade que tivemos de estar e de conviver com ela foi gratificante. Essa experiência me fez ver que todos somos capazes e que não importam as nossas limitações.

Hoje sabemos da importância da inclusão de alunos com deficiência na escola, mas como isso vem funcionando na prática? É importante aprender, entender e respeitar a todos igualmente. Afinal, todos somos diferentes!

FLORA, A FILHA DE ROSE

Andréia Hames

Eu ainda era criança, devia ter uns 11 anos, quando minha vizinha Rose engravidou. Logo nos primeiros exames de ultrassom, Rose ficou sabendo que seu bebê iria ter alguma deficiência ao nascer. Ou seja, seu bebê teria alguns impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que dificultariam sua vida.

Ao analisar os exames, os médicos cogitaram a hipótese de ela tirar o bebê, pois a malformação do feto estava nas orientações para a realização de um aborto legal, conforme prevê a legislação brasileira (Rodrigues, 2020).

Mas Roseli decidiu seguir com a gravidez e ter o bebê que ela e o esposo planejavam há tanto tempo. Assim, ela deu à luz a uma menina chamada Flora, que após nascer teve confirmado o diagnóstico de algumas deficiências, como os médicos já haviam deixado claro que poderia acontecer. Flora nasceu com hidrocefalia, autismo, deficiência intelectual moderada e tetraparesia espástica.

A hidrocefalia é caracterizada pelo aumento da cabeça do bebê, por conta do acúmulo de líquido nas cavidades internas do cérebro. Esse problema pode causar dificuldades cognitivas e perda de coordenação motora. Que estariam ligadas a outras deficiências de Flora, como a deficiência intelectual e a tetraparesia espástica, apresentada por uma anormalidade na coordenação motora e alterações de tônus muscular e de movimento (Falchek, 2023).

Recordo-me de que, quando era bebê, Flora chorava muito. Eu sempre a ouvia, pois morava na casa ao lado. Eu não entendia o que se passava com a menina, porque eu era muito criança. Sua mãe saía dificilmente com ela de casa, pois Flora não gostava de barulho. E estar entre pessoas deixava-a muito agitada e, então, ela chorava ainda mais.

O tempo foi passando e eu sempre via a Flora pequena, sem falar, sem se movimentar, apenas deitada no carrinho de bebê. Essa foi uma cena que me marcou muito, pois, como era criança, não entendia nada do que Flora vivenciava.

Flora não frequentava a escola regular ou qualquer outro lugar, ou instituição, na qual pudesse ter suas habilidades desenvolvidas. Naquela cidade do interior, não tinha nada disponibilizado para crianças com deficiência como ela. Assim, Flora dependia de alguém para tudo. Dessa forma, ela não desenvolveu a fala, nem a coordenação motora e seu corpo também não teve um grande desenvolvimento.

Depois de algum tempo, mudei-me para outra cidade, e meu contato com Flora e sua mãe passou a ser menos frequente. Vejo-as apenas quando visito minha família que ainda reside lá. Numa dessas idas, soube que Flora estava frequentando uma escola.

Flora já estava com 12 anos quando abriu uma APAE em nossa cidade e ela começou a frequentar a escola. Rose contou-me, um dia, que Flora gostava de ir à APAE, ela conseguia ver a alegria nos olhos da filha. Quando estava em casa, a menina gostava de ficar sozinha, ouvindo música ou vendo desenhos na TV.

Hoje, Flora já é uma moça, a quem sua mãe se dedica diariamente com muita paciência e carinho. Afinal, com Flora, Rose realizou o sonho de ter o primeiro filho, mesmo sabendo das circunstâncias difíceis. As dificuldades são muitas, tanto para a menina como para a sua família. Ainda não se tem acesso a muitas coisas naquela cidade, existe muito pelo que lutar. Mas Rose e Flora são felizes, pois a opção pela vida sempre vale a pena.

VICTOR

Jussara Melim

Desde que Victor nasceu, sua mãe percebeu que ele tinha algo de diferente. O menino chorava muito e não dormia bem, mas o que mais lhe chamou atenção foi o olhinho puxado dele, pois não era semelhante ao de seus irmãos.

Então, quando Victor tinha por volta de seis meses, sua mãe decidiu levá-lo ao oftalmologista. E, de fato, ele tinha um problema de visão, porém o médico encaminhou-o ao neurologista, pois acreditava que havia algum outro comprometimento além da visão. Assim, antes de ele completar nove meses, conseguiram uma vaga no neuropediatra e fizeram uma bateria de exames. Ao final, Victor foi diagnosticado com epilepsia, a qual é uma perturbação nas atividades de um grupo de células do cérebro que se comportam de forma hiperexcitável, que pode ser controlada com medicamentos geralmente (Bruna, 2022). Dessa forma, os pais iniciaram os tratamentos prescritos, os quais estão sendo feitos até hoje.

No início de 2021, com a epilepsia controlada, levaram Victor ao oftalmologista e, após examiná-lo, o médico confirmou o diagnóstico de que ele estava sofrendo de uma miopia degenerativa, com a qual ele pode perder totalmente a visão até os quinze anos. A miopia degenerativa, de acordo com Jampaulo (2021), é provocada por um alongamento excessivo do globo ocular, alterando o tamanho do globo, causando uma degeneração na retina.

Em vista desse quadro clínico, o médico deu a opção de iniciar um tratamento com o colírio de atropina, mas, caso o colírio não funcione, terão de colocá-lo na fila de transplante.

Durante todo esse período, Victor continuou fazendo consultas periódicas ao neurologista; por isso, quando ele tinha um pouco mais de um ano e meio, a médica observou que o menino estava apresentando traços de Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social e comportamento (Bruna, 2014).

Assim, foram feitos testes e estudos e, no final de 2021, a médica fechou o laudo e confirmou que o Victor tem TEA leve; pois, das características comuns que podem ser percebidas em crianças com TEA, ele apresentava estereotipia, andava na ponta dos pés, gritava, era seletivo, tinha disfunção intestinal e dificuldade motora, entre outros sintomas (Neurosaber, 2020).

Hoje, com quase cinco anos, Victor frequenta uma escola de educação infantil pública, sendo considerado por todos um mini-super-gênio. Pois ele já sabe falar os números até em inglês e fazer cálculos básicos de cabeça, sua inteligência é fascinante! Posso afirmar que ele um dia será um grande homem, e dará muito orgulho à sua mãe.

MOMENTOS DE INCLUSÃO

Shéríta Uana Prim

No decorrer da minha vida escolar, tive contato com duas pessoas que marcaram muito a minha vida. Uma delas foi uma colega de classe de quando eu estava no primeiro ano do ensino médio. Não me recordo qual o nome da deficiência que ela tinha, mas era possível que fosse uma deficiência intelectual. Ela estava com 15 anos e ia à quarta série do ensino fundamental, tinha dificuldades de relacionamento social, não respeitava os limites.

A deficiência intelectual, segundo a nova Classificação Internacional de Doenças (CID-11), está entre os distúrbios (ou transtornos) do neurodesenvolvimento que têm relação específica com o desenvolvimento intelectual. A pessoa com deficiência intelectual apresenta uma redução substancial das funções intelectuais, com déficits do comportamento adaptativo e limitações em habilidades sociais e práticas cotidianas (Brasil, 2020).

Lembro que ela era apaixonada pelo menino com quem eu estava me relacionando na época. Eu e ele estudávamos na mesma sala e estávamos sempre juntos na hora do recreio. Era nesse momento que ela tinha contato conosco e sempre falava que ele era namorado dela. Eu nunca liguei, pois sabia da situação. Até que um dia, no final da aula, fora do portão da escola, eu fui agredida pelas costas. Isso aconteceu porque eu estava indo pegar o ônibus e fui me despedir de meu namorado com um abraço. Então, do nada, senti um “tapaço” em minhas costas. Virei-me muito brava! Na hora, pensei: “O que foi isso?” Ou “quem fez isso?”. Estava pronta para revidar, mas quando

me virei e a vi atrás de mim, respirei fundo. Fiz de conta que não era nada e fui para o ônibus.

Isso me marcou muito. Fiquei sem reação nenhuma, pois era algo que eu não tinha o que fazer. Pensando atualmente, eu deveria ter relatado à professora dela, ter me informado melhor para auxiliar no aspecto comportamental. Talvez isso pudesse tê-la auxiliado na escola, na vida pessoal e na convivência com outras crianças.

A outra experiência que tive foi com um garoto que tinha deficiência física. Ele era paraplégico e usava cadeira de rodas. Lembro-me de algumas situações que me chamavam a atenção. Uma delas era a acessibilidade, que era bem precária na escola. Isso tornava a vida escolar uma dificuldade para ele. Sempre oferecíamos ajuda, e o ajudávamos em sua locomoção. Para ele, ir de um ambiente para outro era muito difícil às vezes. Outra situação difícil que ele passava era depender de uma servente para trocar sua fralda diariamente. Não havia um profissional especificamente para isso. No entanto, apesar de não ser sua função, aquela senhora realizava essa tarefa com muito carinho.

Ao analisar essas vivências hoje, percebo o quanto o sistema educacional tem um desempenho abaixo das expectativas por não oferecer suporte necessário para o desenvolvimento integral de muitas crianças e adolescentes que têm deficiência e que também passam por esse tipo de situação. Isso me mostra o quanto a educação precisava melhorar em nosso país. Aqui há leis que garantem o atendimento, mas falta vontade política, conhecimento, campanhas de conscientização e debates para promover a mudança de comportamento.

Apesar dessas dificuldades, contudo, podemos encontrar exemplos de pessoas com empatia, como o caso da turma e dos amigos que ajudavam esse meu colega e da servente da escola que, com certeza, foi uma pessoa que marcou sua vida.

Acredito que atualmente, com o mundo mais conectado e as informações mais acessíveis do que jamais estiveram, a escola esteja mais inclusiva. Apesar de sempre haver necessidade de mudanças. As escolas de hoje devem estar mais preparadas com espaços acessíveis

e devem ter mais flexibilidade para se adaptar e receber essas crianças. Gradualmente, novas tecnologias e projetos vão sendo enquadrados no âmbito escolar para levar a informação de forma mais plural para todos os alunos.

Presentemente, somos instigados a ressignificar nossos valores e abandonar de vez o preconceito e a discriminação a todo momento, pois esses comportamentos levam à exclusão e à segregação daqueles que não são iguais a nós. É preciso desenvolver a tolerância, para podermos dar espaço, aceitar, valorizar e respeitar todas as diferenças.

UM CROMOSSOMO A MAIS NÃO IMPORTA.

Iasmin Baron

Rafaela nasceu em 2002, mas a mãe já estava preparada para ter uma filha com Síndrome de Down. Ela descobriu a deficiência da filha durante a gravidez. Foi muito difícil receber esse diagnóstico do médico após fazer a amniocentese, o qual é o exame feito a partir da coleta de líquido amniótico durante a gravidez, no terceiro ou quarto mês, que possibilita o diagnóstico da Síndrome de Down (Movimento, 2022).

Houve receio sobre os cuidados no começo, mas a maior preocupação da mãe foi como faria para preparar aquela criança para a vida; quais cuidados teria que ter com a menina. Foram muitas dúvidas e medos, mas, quando Rafaela finalmente nasceu, foi uma enorme felicidade.

A chegada de Rafaela provocou uma mudança na vida dos pais, que antes se negavam a acreditar. Mas, depois do nascimento, começaram a pesquisar sobre a síndrome de Down e sobre os cuidados. Queriam saber tudo e tinham urgência.

Rafaela começou a frequentar a escola em 2008, aos seis anos. Ela foi matriculada num centro de educação infantil da rede pública. A menina sempre demonstrou gostar da escola, de seus colegas e professores. Ela era uma criança tímida, mas alegre e carinhosa. Todos os colegas gostavam dela e ela era respeitada por todos. Na maioria das vezes, Rafaela gostava de ficar sozinha, apenas observando os demais alunos.

Conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, os serviços de educação especial e o atendimento escolar devem ser assegurados aos alunos com necessidades educacionais especiais durante todo o período da educação básica — do ensino fundamental ao médio (Brasil, 2001). E, como Rafaela se enquadra nesse perfil de atendimento, ela sempre foi acompanhada por uma professora-II, e tinha dificuldade na aprendizagem. Mesmo assim, ela era uma aluna muito esforçada. Suas matérias favoritas eram arte e música, em cuja aula a menina fazia muitos desenhos criativos com guache. Ela também gostava de brincar com massinha e cantava muito. Suas músicas favoritas eram as de cantiga de roda. Além disso, ela gostava muito de brincar de boneca, mas tinha dificuldade em dividir seus brinquedos com as demais crianças.

A menina tinha uma amiga favorita: a lasmin. lasmin sempre a levava ao banheiro, penteava os cabelos de Rafaela e a auxiliava no que precisasse. Mas a escola e os professores também estavam preparados para orientá-la. Os professores sempre repetiam as orientações para a menina entender. Havia aulas bastante dinâmicas e materiais com várias ilustrações para entender os conteúdos.

A Rafaela gostava de andar pelo pátio da escola e não gostava muito de cumprir regras. Muitas vezes, os professores pediam à lasmin para sair e pediam para a Rafaela voltar para a sala. Assim, com calma e paciência, lasmin pedia e Rafaela sempre a ouvia e voltava para a sala.

Dessa forma, com a ajuda de lasmin e o apoio de outros amigos e professores, Rafaela nunca desistiu de sonhar, porque os amigos de verdade não contam cromossomos. Ela sempre estava com um sorriso que contagiava as pessoas e demonstrava o amor que tinha para dar às pessoas que a respeitavam e a apoiavam, ou seja, seus amigos. Quando uma pessoa não gostava dela, ou a olhava preconceituosamente, Rafaela sentia e ficava triste. Mas, esses momentos de tristeza, ela os superava rapidinho e logo voltava a sorrir, pois sempre foi uma pessoa forte, que vencida os obstáculos que a vida lhe apresentava.

O AMOR DE FERNANDO

Julia Gohr

No ano de 2019, eu completei o Ensino Fundamental numa escola e estava me mudando para outra para cursar o Ensino Médio. Quando cheguei à nova escola, logo no primeiro dia, senti-me muito deslocada e insegura. Estava tão deslocada que, assim que bateu o sinal, eu entrei na sala de aula; e foi nesse momento que avistei um aluno com sua professora auxiliar. Logo percebi que ele tinha alguma deficiência. Eu nunca havia vivenciado uma situação dessas. Não conheci nenhum aluno com deficiência na minha antiga turma, ou mesmo na escola. Por isso, fiquei tão admirada. E minha admiração cresceu quando percebi, durante a aula, como a equipe escolar e os colegas eram amorosos com aquele aluno.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica determinam que o atendimento escolar e os serviços de educação especial devem ser assegurados aos alunos com necessidades educacionais especiais em todo o curso da educação básica (Brasil, 2001). E para ter acesso a esse direito, o aluno precisa ter um professor auxiliar para atendê-lo. Por isso, a presença da professora indicava que aquele aluno tinha algum tipo de dificuldade ou deficiência.

Nosso primeiro contato partiu dele. Ele percebeu, no segundo dia de aula, como eu estava envergonhada e até um pouco excluída do restante da turma que já se conhecia há mais tempo. Então, ele chegou à sala e foi até mim, estendendo-me a mão num belo cumprimento e me disse “oi”. Ele comentou que se chamava Fernando e que tinha 15 anos (como eu) e perguntou meu nome. Respondi ao cumprimento e respondi à sua pergunta de forma tímida. Mais tarde, acabei procurando a professora auxiliar dele, que contou que ele tinha transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e deficiência intelectual.

O TDAH é um transtorno neurobiológico de causas genéticas, difícil de se diagnosticar, que se caracteriza pela tríade: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Essa tríade, segundo Brandão (2021),

manifesta-se geralmente na infância. Já a deficiência intelectual é caracterizada por limitações nas habilidades mentais gerais. As habilidades ligadas à inteligência são atividades que “envolvam raciocínio, resolução de problemas e planejamento, entre outras [...] Muitas vezes, essa pessoa se comporta como se tivesse menos idade do que realmente tem” (Pimenta, 2017, *on-line*).

Após nossa conversa, pude analisar essas características no Fernando e observei como a professora de apoio o incluía na sala de aula, fazendo com que ele participasse dos mesmos trabalhos que a classe, que ele conversasse com os outros professores durante a aula, respondendo ou fazendo perguntas; e participasse das danças da turma, além de outras atividades.

Daí por diante, em minha rotina, foi adicionada a felicidade de Fernando. Eu o cumprimentava diariamente. E ele começou a conversar ainda mais comigo, dava-me abraços e até um simples aperto de mão de forma muito especial. Ele não faltava um dia sequer, pois amava ir para a escola e todos os dias mandava um áudio no grupo da sala, desejando um bom-dia e falando que estava com saudades de todos nós. Ele não tinha esse contato somente comigo, mas com a turma toda.

Fernando acabou preenchendo nossas aulas com risos e carinhos e me aproximando de todos os colegas da sala. Um dos momentos mais importantes com ele foi em seu aniversário, quando preparamos uma surpresa para ele com balões, cartazes e um bolo. Fernando adorou a surpresa, mas de seu jeito. Eu pensava que ele iria pular de alegria quando chegasse à sala; mas, em vez disso, ele foi direto se sentar em seu lugar. Como fazia todos os dias, cantou os parabéns somente quando chegou ao seu lugar. Eu estranhei, mas depois pude sentir que, em qualquer local que ele estivesse, seria um espaço cheio de amor e alegria.

Outro momento marcante foi em nossa formatura, quando ele foi buscar seu certificado. Sua família estava toda presente e festejando muito. Fernando sentia-se protegido, amado, incluído e era um menino radiante.

Ao passar por essa experiência com Fernando, pude perceber a importância de atitudes inclusivas e de respeito e a influência positiva no desenvolvimento de uma pessoa com deficiência quando a escola, os colegas de classe e a família acolhem e aceitam a pessoa da forma que ela é. Sem preconceitos.

“Como as aves, pessoas são diferentes em seus voos, mas iguais no direito de voar”
(Judite Hertal).

REFERÊNCIAS:

AMÉRICO, Douglas Domingos. **Enquanto existir amor não haverá diferenças!** 21 de março de 2019. Facebook: Memórias do Coração. Disponível em: <https://www.facebook.com/Memorias.Coracao/posts/2236907883238058/> Acesso em: 15 jun. 2022.

APA – American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRANDAO, Rui. **TDAH: conheça os sintomas, causas e tratamento.** ZenKlub Blog. Publicado em 18 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://zenklub.com.br/blog/transtornos/transtorno-deficit-atencao-com-hiperatividade/> Acesso em: 23 maio 2022.

BARBOSA, Catarina. **Entenda os riscos que a falta de oxigênio pode causar aos prematuros no Amazonas.** Portal Brasil de Fato. Publicado em 15 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/15/entenda-os-riscos-que-a-falta-de-oxigenio-pode-causar-aos-prematuros-no-amazonas/> Acesso em: 11 jun. 2022.

BENTLIN, Maria R.; REBELLO, Celso; BARROS, Marina C. M.O que é sofrimento fetal e quais suas repercussões ao longo da vida. **Revista Veja Saúde**. Publicado em 9 set 2019. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/experts-na-infancia/o-que-e-sofrimento-fetal-e-quais-suas-repercussoes-ao-longo-da-vida> Acesso em: 13 jul. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria Conjunta N.º 21, de 25 de novembro de 2020**. (Protocolo para o Diagnóstico Etiológico da Deficiência Intelectual). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/pcdt/arquivos/2020/deficiencia-intelectual-protocolo-para-o-diagnostico-etilogico.pdf> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL. M. da Educação. **Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014**. Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP; 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> Acesso em: 12 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP; 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> Acesso em: 11 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. 17/11 – **Dia Mundial da Prematuridade: “Separação Zero: Aja agora! Mantenha pais e bebês prematuros juntos”**. Webpage Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/17-11-dia-mundial-da-prematuridade-separacao-zero-aja-agora-mantenha-pais-e-bebes-prematuros-juntos/> Acesso em: 28 dez 2023.

BRUNA, Maria Helena Varella. **Epilepsia**. Site Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauzioarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/epilepsia/> Acesso em: 11 jun. 2022.

BRUNA, Maria Helena Varella. **Transtorno do Espectro Autista**. Site Drauzio Varella. Publicado em: 30 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://drauzioarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/> Acesso em: 1.º jun. 2022.

FALCHEK, Stephen J. **Hidrocefalia**. (Revisado em julho de 2023). Webpage Manual MSD – Versão Saúde para a Família. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-infantil/defeitos-cong%C3%AAnitos-do-c%C3%A9rebro-e-da-medula-espinhal/hidrocefalia> Acesso em: 4 set. 2023.

INSTITUTO Auditivo. **Perda auditiva neurossensorial: conheça causas e tratamentos**. Publicado em dez 20, 2021. Disponível em <https://www.institutoauditivo.com.br/perda-auditiva-neurossensorial-conheca-causas-e-tratamentos/> Acesso em: 3 dez. 2022.

JAMPAULO, Dr. Mario. **O que é miopia degenerativa?** Site Viva Oftalmologia. Publicado em 23 de julho de 2021. Disponível em: <https://vivaoftalmologia.com.br/o-que-e-miopia-degenerativa/> Acesso em: 11 jun. 2022.

KE, Xiaoyan; LIU, Jing. **Tratado de Saúde Mental da Infância e Adolescência da IACAPAP**. Transtornos do desenvolvimento, Pequim, China, Cap. 01, p. 01-27, 2015. Disponível em “<https://www.dislexia.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Defici%C3%AAncia-Intellectual.pdf>” Acesso em: 3 dez. 2021.

MANO DOWN, Instituto. **O que é Síndrome de Down?** Disponível em: <https://manodown.com.br/o-que-e-a-sindrome-de-down/> Acesso em: 13 jul. 2024.

MAZZOTTA, Marcos J.S.; D'ANTINO, Maria E. F. **Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais**: cultura, educação e lazer. Saúde e sociedade, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/mKFs9J9rSbZZ5hr65TFSS5H/?lang=pt> Acesso em: 3 dez. 2021.

MIGLIAVACCA, Michelle. **Síndrome de Down**: Saiba o que, causas, características e exames indicados. Site Alta Diagnósticos. Disponível em: <https://altadiagnosticos.com.br/saude/sindrome-de-down>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MOREIRA, Luciano. **O que é o Implante Coclear?** Publicado em 16 de maio de 2024. Disponível em: <https://portalotorrino.com.br/o-que-e-o-implante-coclear/> Acesso em: 13 jul. 2024.

MOVIMENTO Down. **Síndrome de Down**: o que é. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/> Acesso em: 10 jun. 2022.

NASCIMENTOS de prematuros ainda são preocupação global. Jornal Estado de Minas. **Seção Saúde e Bem Viver**. Publicado em 8 de agosto de 2023 Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/08/08/interna_bem_viver,1542604/nascimentos-de-prematuros-ainda-sao-preocupacao-global.shtml Acesso em: 28 dez. 2023.

NEUROSABER, Instituto. **O que é Transtorno do Espectro Autista?** Publicado em 23/04/2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/o-que-e-transtorno-espectro-autista/> Acesso em: 1.º jun. 2022.

PEDIATRIA de A a Z. Desenvolvimento Neuropsicomotor (DNPM). Publicado em 31 de julho 2020. **Webpágina Observatório da Saúde da Criança e do Adolescente**. Disponível em <https://www.medicina.ufmg.br/observaped/desenvolvimento-neuropsicomotor-dnpm/> Acesso em: 3 dez. 2021.

PEREIRA, Claudia. **10 frases sobre o autismo**. Site EducaMais. Publicado em 2 de abril de 2020. Disponível em: <https://educamais.com/10-frases-sobre-autismo/> Acesso em: 1 jun. 2022.

PIMENTA, Tatiana. **Deficiência Intelectual**: principais características, sintomas e tratamento. Vittude Blog. Publicado em 9 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/deficiencia-intelectual-caracteristicas-sintomas/> . Acesso em: 12, abr. 2022.

RIBEIRO, Sani Santos. **O que é o transtorno do espectro autista (e como identificar)**. Site Tua Saúde. Publicado em maio de 2022. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/transtorno-do-espectro-do-autismo/> Acesso em: 1.º jun. 2022.

RODRIGUES, Suzana. **Aborto legal**: entenda quando é permitido interromper a gravidez no Brasil. (Atualizado em 13 maio 2020). Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/aborto-legal-quando-e-permitido-interromper-a-gravidez-no-brasil/> Acesso em: 4 dez. 2021.

SANTA Catarina. **Lei n.º 17.143, de 15 de maio de 2017**. Disponível em: <http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/2017/017143-011-0-2017-001.htm> Acesso em: 4 dez. 2021.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Síndrome de Down**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/sindrome-de-down.htm> Acesso em: 15 jun. 2022.

CAPÍTULO 3

MITOS

"O preconceito é um fardo que confunde o passado, ameaça o futuro e torna o presente inacessível".

- Maya Angelou

Maya Angelou é reconhecida como grande poetisa e figura influente da cultura afroamericana, lutou pelos direitos civis e pela igualdade após superar um trauma na infância. Foi a primeira mulher negra a ser estampada em uma moeda americana.

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil>

A DESCOBERTA DA DIVERSIDADE

Daiane Hasse da Luz

Quando minha filha começou a frequentar a creche, ela tinha três anos. Nos primeiros meses, quem a levava e buscava era eu, mas depois ela começou a ir de transporte coletivo (Topic).

No início, ela gostava muito da escola, mas depois de um mês indo de Topic, ela começou a reclamar, dizendo que não queria mais ir para a escola. Fiquei preocupada e fui até a escola para conversar com a professora e entender o que estava acontecendo. Minha filha não conseguia me dizer, mas estava claro para mim que alguma coisa acontecia.

A professora ficou surpresa com a reclamação de minha filha e me disse estar tudo bem, que ela havia se adaptado bem, brincava com as outras crianças sem qualquer problema. A professora então a chamou e, juntas, nós conversamos bastante com ela. Ao ser confrontada, minha filha ficou séria e, apesar de perguntarmos o que estava acontecendo, minha menina só falava que não queria mais vir para a creche.

Conversei, então, com a “tia da Topic”, que também é a madrinha da minha filha. Pedi que ela ficasse de olho para ver como minha filha se comportava na Topic. E, algum tempo depois, minha comadre percebeu que sempre que chegava na APAE para pegar as crianças que lá estudavam, minha filha falava: “Dinda, quero ir para casa”. E ela começou a observar mais, percebendo que a menina ficava tensa com a aproximação de algumas crianças com deficiência. Sobre tudo de um menino que tinha Síndrome de Down. Ela estava com medo dele, porque, algumas vezes, ele chorava e gritava muito. E isso a deixava assustada.

O medo infantil é uma questão que toda criança enfrenta, principalmente ao se encontrar em uma situação nova, que, às vezes, pode representar uma possível ameaça. Assim, é considerado normal que ela se assuste com coisas que não compreende ainda. Como o escuro, animais, pessoas desconhecidas ou com comportamentos

estranhos. (Pimenta, 2021b). Por isso, o choro e os gritos da criança da APAE a assustavam.

Ao perceber isso, eu conversei bastante com ela. Expliquei que todas as crianças são diferentes, que algumas podem ter mais dificuldades e ficar mais assustadas que outras ao estar fora de casa. Era preciso conhecer e respeitar essas pessoas, pois talvez aquele menino estivesse muito assustado.

Depois da conversa, minha filha deixou de dizer que não queria mais ir para a escola. E, na Topic, ela começou a observar todos os colegas e, principalmente, o aluno com Síndrome de Down. Lentamente, a “tia da Topic” observou que ela foi se aproximando e, algum tempo depois, já estava até sentada ao lado dele, puxando conversa. Assim, minha filha percebeu que ser diferente é normal e o mundo é muito diverso!

INCLUSÃO NA INFÂNCIA

Leila Flores Firmo

Minha história de inclusão começa bem cedo. Quando nasci, minha mãe já tinha uma filha com cinco anos. Cresci entre tios e primos. Éramos uma família grande e morávamos todos perto uns dos outros. Assim, fomos criados praticamente juntos, como irmãos.

Tínhamos uma tia que ficou viúva muito cedo, pois meu tio (irmão de minha mãe) tinha muitos problemas de saúde. Ele tinha epilepsia e, possivelmente, depressão, pois aos 27 anos tirou sua própria vida, deixando sozinha a esposa, três filhos pequenos e um a caminho para nascer. Foi muito sofrido na época, porém eles não foram abandonados em nenhum momento. A família se uniu para dar-lhes todo suporte.

Entre os quatro filhos de minha tia, havia um em especial que apresentava problemas para se desenvolver. Ele tinha dificuldades tanto para andar, para falar e, na escola, para aprender. Como fiquei sozinha com as crianças, ela decidiu morar próxima de seus pais em outro bairro da cidade. E, dessa forma, perdemos um pouco o contato.

O tempo foi passando e todos começaram a seguir seus rumos: uns pararam de estudar quando terminaram o ensino fundamental e outros

seguiram em frente com os estudos. Um de meus primos, ao terminar os estudos, optou por fazer o magistério e conseguiu emprego na APAE de Brusque. E, assim, com a experiência que adquiriu ao trabalhar com pessoas com deficiência, começou a observar com outros olhos esse primo que não conseguia se desenvolver.

Ao observá-lo mais de perto, percebeu que ele tinha o que se chamava na época de retardo cognitivo, porém nunca ninguém havia aceitado isso. Esse meu primo tentou por várias vezes levá-lo para atendimento na APAE, pois não tinha inclusão nas escolas naquele tempo. Nas escolas, os alunos diagnosticados ou somente observados com algum problema no aprendizado eram logo encaminhados para a APAE. Não se tinha acesso a exames, terapias; tampouco se tinha conhecimento da importância das técnicas de estímulo para o desenvolvimento cognitivo da criança com deficiência intelectual.

Há uma variedade de estímulos que podem auxiliar o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. Os programas de estimulação envolvem terapias tradicionais, como fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia, e são benéficos a “qualquer recém-nascido de risco que apresente [...] agravos de saúde que interfiram no seu desenvolvimento neuropsicomotor, como a prematuridade, a paralisia cerebral, doenças congênitas, entre outras” (Xavier, 2016, *on-line*).

A família nunca aceitou que ele fosse encaminhado para a APAE, pois havia muito preconceito, porque se pensava que as pessoas que frequentavam essa instituição eram “retardadas” ou “deficientes”. E esses eram termos muito pesados que envergonhavam a família. Por outro lado, minha tia nunca levou meu primo ao médico para ter um diagnóstico mais específico. Talvez tivesse medo de saber.

Enfim, foi se passando o tempo e esse meu primo não conseguiu acompanhar a escola, e acabou por desistir de estudar. Hoje, aos 35 anos, ele continua não sendo alfabetizado, como consequência da não aceitação da família de que ele recebesse atendimento na APAE e, agora, nem mesmo ele tem disposição para isso. Ele se casou e é pai

de uma menina, mas passa dificuldades para ficar empregado e, até mesmo, para conseguir novas colocações no mercado de trabalho.

Nós da família nunca o discriminamos, sempre o tratamos como uma pessoa com limitações, é claro, mas igualmente a qualquer outra pessoa. Se, na época, nossos pais (e praticamente todos da família) não tivessem tido esse pensamento preconceituoso sobre a APAE, talvez hoje ele não estivesse encontrando tantas dificuldades. O preconceito é a maior das barreiras para o desenvolvimento.

LAURA E VITOR

Kauane Marinho da Rosa

Conheci Laura e Vitor no primeiro ano do Ensino Médio, ambos com TEA (transtorno do espectro autista). No começo, eu estranhei um pouco, pois nunca havia tido em classe colegas que tivessem essa condição. O transtorno do espectro autista é, de acordo com Polakiewicz (2020), um transtorno que afeta o desenvolvimento neurológico. As pessoas com esse transtorno costumam apresentar dificuldades de comunicação e de interação social e têm interesses específicos e movimentos repetitivos.

Cada um de meus colegas com TEA tinha sua rotina. O diagnóstico, para ambos, foi feito cedo, por isso puderam ser trabalhados individualmente e se desenvolveram, conquistando uma certa independência. Victor era muito sociável e Laura era muito esforçada. Eles estavam sempre aprendendo e ensinando muitas coisas a quem os rodeava. Eram colegas de sala e bons amigos há muitos anos, pois as famílias se conheceram em atividades relacionadas à inclusão fora da escola e mantiveram o vínculo.

Os dois tinham personalidades totalmente distintas: ela era muito tímida e ele muito falante e espontâneo. Um tinha o outro para dar suporte, de modo que não se sentiam completamente isolados. Tinham uma professora 2 que os auxiliava em sala de aula. Além disso, depois do período de aula na escola regular, eles participavam de projetos na Apaee. Era mais uma atividade, na qual estavam juntos.

Em nossa turma, eles sempre foram muito acolhidos por todos com quem se relacionavam diretamente; mas também se davam muito bem e tinham um ótimo convívio, além de muita amizade com os demais. Quando estávamos no segundo ano, com os questionamentos e comparações, Laura começou a perceber que muitos de nossos colegas estavam em relacionamentos amorosos. E, um dia, ela veio até minha mesa com dúvidas sobre quando chegaria a sua vez, quando ela teria um namorado. Fiquei sem saber o que falar e apenas mudei de assunto. Achei que dessa forma ela esqueceria.

Dias depois, no entanto, escutei-a fazendo a mesma pergunta para a sua professora, que lhe deu uma resposta direta: “estudos primeiro, mocinha!” Essa havia sido a resposta que pensei em dar, mas naquele momento considerei que ela estava se comparando aos demais. E, como se sentavam muito próximos de mim, a professora pediu-me para “ficar de olho” se escutasse conversas sobre esse assunto. Ela estava preocupada e com razão, pois não demorou muito para que Vitor também comesse a fazer perguntas sobre isso. E, certo dia, ele chega com um par de brincos para Laura, que fica toda feliz com a surpresa.

Assim, todo dia, ele fazia um agrado diferente para chamar a atenção de Laura para além da amizade. Até que um dia, ele chegou com flores e chocolate e a pediu em namoro diante da sala toda. Todos ficamos em suspense, sem reação, apenas ficamos em silêncio. Não sabíamos o que fazer e falar. Laura aceitou e a aula simplesmente continuou.

Foi um momento rápido que acredito que tenha passado batido, porque muitos da classe e professores levaram como uma brincadeira. Quando os pais ficaram sabendo, acharam que, além de brincadeira, era também apenas uma fase e não deram muita importância. Mas o namoro continuou firme. Muitos dos colegas da sala, que namoravam e terminavam seus relacionamentos, começaram a se comparar com eles. Havia algo que eles demonstravam ter que era especial. Assim, surgiu a dúvida de como era um relacionamento entre eles. Como eu estava sempre perto, podia revelar um pouco desse mistério. O relacionamento deles era cheio de risadas, brincadeiras e amizade, algo que deveria existir em todo casal.

O ano era 2020 (estávamos no terceiro ano), e muitos acharam que o relacionamento deles chegaria ao fim, pois iriam ficar afetados com as dificuldades da pandemia. No entanto, mais uma vez houve uma surpresa. Tudo continuou exatamente como era.

Até hoje, Laura e Vitor são um casal que agora divide uma vida adulta e não mais adolescente. Claro que eles contam com muitos conselhos e cuidados dos familiares mútuos. E, assim, conseguiram cultivar e manter um relacionamento que muitos levaram como uma brincadeira, no início, pela forma infantil como os viam. Mas eles provaram que era para valer e continuam fazendo tudo juntos e são muito felizes.

EXPERIÊNCIAS E CONEXÕES

Luana Dalbosco

Numa sociedade conectada, com muito conhecimento sendo compartilhado e adquirido, pode-se perceber que a conscientização e a inclusão se fazem presentes em diversos ambientes de forma mais efetiva do que se for comparado há momentos passados. Não é preciso muito para perceber essa diferença. Eu me lembro que, quando eu era criança, pouco se falava sobre os transtornos e as deficiências e, quando eu ouvia algo sobre o tema, eram comentários preconceituosos e piadas grotescas.

O primeiro contato com uma pessoa com deficiência, do qual me lembro, eu tinha mais ou menos 12 anos, foi quando tive uma colega de classe com Síndrome de Down. Eu não compreendia muito bem o que era aquilo e nunca havia tido qualquer informação sobre as deficiências ou os transtornos, portanto, ficava receosa sobre o que deveria fazer para interagir com ela. Tinha muito medo e, apesar de essa colega ter uma professora auxiliar, nunca tive coragem de perguntar alguma coisa para essa professora.

Desde então, só voltei a encontrar pessoas com deficiência quando já era adulta e comecei a trabalhar na escola, onde havia quatro crianças com transtorno do espectro autista (TEA) e uma com nanismo que estudavam lá. A criança mais velha, com TEA, tinha 5 anos e estava

na pré-escola. Na época, apresentava funções cognitivas e motoras bem afetadas, pois não se comunicava verbalmente e compreendia somente comandos básicos, além de ter frequentes crises em que chorava, gritava e empurrava tudo aquilo que estava em sua frente. Já dois dos outros alunos com TEA, com idades entre 2 e 3 anos, também pouco se comunicavam e nada falavam, porém, não entravam em crise como o mais velho. E o menor deles, de 2 anos, conseguia pronunciar algumas palavras básicas.

A aluna com nanismo, também na mesma faixa de idade, não tinha nenhuma interferência em relação à comunicação e aprendizado. As dificuldades que tinha eram devido à sua baixa estatura, a qual é uma característica desse tipo de deficiência física. Além disso, havia uma verdadeira parceria entre a escola e a família. Para todos os alunos com deficiência ou transtornos, era necessário a produção de relatórios sobre progressos e/ou regressos de cada um.

Ao contrário de minha primeira experiência, nesse caso não tive problemas ou temores para conhecê-los, pois, dessa vez, eu já tinha mais maturidade e conhecimento para lidar com situações adversas. Os alunos com TEA foram os mais desafiadores, pois precisei pesquisar para conhecer melhor as questões relacionadas ao transtorno, as estratégias e adaptações possíveis; principalmente no caso do menino mais velho, ao ser necessário compreender e buscar a forma mais adequada para interagir e estabelecer contato. Afinal, cada caso e situação são únicos.

MINHA PRIMA

Andréia RODRIGUES

Tenho uma prima com deficiência, mas não sei dizer exatamente que tipo de deficiência ela tem, pois, algum tempo atrás, as pessoas com deficiência eram tratadas como doentes ou simplesmente incapazes. Quando minha prima nasceu, o médico disse para minha tia que quanto mais velha ela ficasse, mais mentalidade de criança ela iria ter. É possível que ela tivesse algum nível de deficiência intelectual; mas não posso afirmar, pois esse tema não era falado em nossa casa.

A principal característica da deficiência intelectual é que as habilidades cognitivas não correspondem à média esperada para a faixa etária. Pode-se dizer que o indivíduo com deficiência intelectual tem uma compreensão infantilizada sobre os fatos. Mas o diagnóstico pode ser certificado apenas por um profissional de saúde, e cada caso é um caso específico (Neurosaber, 2017).

O médico também disse para minha tia que minha prima não iria andar, o que poderia indicar uma deficiência física, porém ela andou. E não só andou, como também falou e entendeu as coisas; mas nunca conseguiu aprender a ler, nem escrever. Minha prima chegou a frequentar a escola, mas não conseguia se desenvolver. E, como na época a escola regular não era obrigatória, minha tia a tirou da escola e a colocou na APAE.

Lembro-me de que a gente sempre brincava juntas de boneca. Isso era o que ela mais gostava de brincar. Lembro-me também que, quando ela ia à minha casa, eu escondia a minha boneca favorita para que ela não a pegasse, tinha medo de que a estragasse.

Frequentando a APAE, minha prima adquiriu alguns conhecimentos, mas ainda assim, minha tia sempre teve muito trabalho com ela, principalmente quando teve a primeira menstruação. Foi muito complicado explicar para ela essas questões relacionadas ao corpo feminino. Ela tinha muita dificuldade com a higiene.

Com a ajuda e os ensinamentos da APAE, minha prima trabalhou por muito tempo num supermercado, onde ela trabalhava de empacotadora. Depois foi trabalhar numa cozinha industrial, onde trabalha atualmente.

Hoje, minha prima tem 42 anos, ele tem certa autonomia, mas está sentindo muito a ausência de sua mãe, que faleceu durante a pandemia por complicações da Covid 19. Ela está sofrendo bastante, pois sempre foi minha tia quem cuidou dela, elas eram muito próximas. Minha tia era referência de lar, de tranquilidade e de acolhimento. Agora ela está aos cuidados de sua irmã, que apesar de ser carinhosa e ter de procurar suprir a ausência da mãe, encontra muitas dificuldades. Ambas estão sofrendo, e, para minha prima, não é o mesmo, ela tem dificuldade de entender e sente muito a falta da mãe.

EDUARDO E A APRAXIA DE FALA NA INFÂNCIA

Juliana Aparecida França Vieira

Eduardo foi meu segundo filho. Quando ele nasceu, sua irmã, Franciele, tinha três anos e meio, então achei que tudo seria mais fácil. Ele teria a irmã que o estimularia para se desenvolver, mas não foi bem assim que aconteceu. À medida que ele foi crescendo, o atraso para andar e falar foi nos deixando preocupados. E depois de muitas consultas, exames, diagnósticos, laudos equivocados, ainda não tínhamos certeza dos motivos que acometiam o atraso em sua fala.

Meu filho chegou a ser diagnosticado com macrocefalia, hidrocefalia e acidúria glutárica tipo 1, mas nada era conclusivo. Os exames apontavam indicadores, mas não eram o suficiente para fechar qualquer desses diagnósticos.

Quando ele tinha três anos, fomos finalmente chamados para a consulta com a fonoaudióloga do SUS. Achei que teríamos a resposta, mas foi só mais uma decepção. Foram 18 sessões, uma vez por semana, e não tivemos nenhum resultado. Do jeito que ele começou o tratamento, ele saiu. Na última sessão, ela me disse ser preguiça, que uma hora ele ia encontrar uma maneira de se comunicar. Mas meu coração me dizia que não podia ser só isso.

Então, eu e meu esposo nos sentamos e conversamos sobre o que poderíamos fazer para ajudá-lo. E decidimos então mudar de escola. Assim, eu o matriculei na escola que a irmã já frequentava. Depois de algum tempo, percebemos que, por mais que as professoras o amassem, elas não o faziam se esforçar. Elas já sabiam de suas dificuldades e facilitavam o caminho para ele. Pensavam estar ajudando, mas isso estava atrapalhando o desenvolvimento de Eduardo.

Com os dois estudando na mesma escola, economizamos no transporte escolar e foi possível investir no serviço de uma fonoaudióloga particular. Eu não tinha nenhuma indicação, então escolhi a fonoaudióloga pelos endereços num site de buscas pelo celular. Tanto a clínica, como a fonoaudióloga que atendia lá, foram escolhas aleatórias. Para mim, todo esse processo foi guiado pelo meu

coração. Marquei uma avaliação. E em meia hora de consulta, após ouvir meu relato, ver os exames e avaliar o Eduardo, a fonoaudióloga já me disse que tudo indicava que era um caso de apraxia de fala. Esse era mais um diagnóstico novo, depois de tantos que eu havia recebido. Eu nunca ouvi falar naquilo, mas quando ela começou a me explicar, tudo fazia sentido.

A apraxia de fala da infância (AFI) é um distúrbio motor na fala que acontece e afeta a habilidade de produção e sequencialização dos sons da fala. A criança, que tem esse distúrbio, tem conhecimento do que está falando, sabe o que quer falar, mas há uma falha na execução do processo. Isso acontece porque “ao programar a sequência de movimentos/gestos motores da mandíbula, dos lábios e da língua para produzir sons para formar sílabas, palavras e frases”, o cérebro da criança não funciona da forma padrão. Por exemplo, a criança quer falar “bola”, mas o cérebro envia os sinais e sai “má” (Bonfante, 2021, *on-line*).

As crianças com apraxia, geralmente, compreendem bem a linguagem, mas não conseguem se fazer entender, sendo vistas como crianças com deficiência intelectual ou como crianças preguiçosas. Falar é um grande desafio para elas, pois os movimentos para a produção da fala são limitados, tornando difícil a compreensão, principalmente de palavras complexas.

Devido ao caminho torto e às avaliações equivocadas dos profissionais que examinaram Eduardo antes, esse diagnóstico saiu tardiamente, pois ele já estava para completar quatro anos, e esse distúrbio é possível de se ter o diagnóstico aos dois anos. Apesar disso, Eduardo iniciou o tratamento e as terapias de fala e, graças a Deus, tudo deu certo.

Hoje ele consegue falar quase tudo, é muito dedicado em seu treinamento, aceita as tarefas de exercícios. Ele vai uma vez por semana à fonoaudióloga, mas seu treino continua em casa e tem que ser feito diariamente. É muito importante o envolvimento da família para ele fixar bem cada palavra que aprende a falar. Permanecemos engajados para que ele se desenvolva e consiga enfrentar todos os desafios que surgirem em sua vida de forma autônoma e segura.

UMA CONEXÃO

Ediéle Jardim

Durante uma visita à minha família, que mora no Rio Grande do Sul, aproveitei a oportunidade para conhecer meu sobrinho, que já tinha 5 anos. Eu já sabia que ele tinha o transtorno do espectro autista (TEA) com nível 3 de suporte, por isso estava preparada. Quando o encontrei, percebi que ele não mantinha contato visual com as pessoas que estão próximas e era não verbal; características que são nesse nível de suporte.

Como fiquei hospedada na casa de minha irmã, pude passar alguns dias com ele, e sempre me apresentava como tia Edi, repetindo várias vezes. Ao final de minha visita, quando faltavam algumas horas para eu vir embora, ele chamou a mãe dele (minha irmã) como “tatcha”. Ficamos surpresas, mas logo percebemos a associação feita, pois eu a chamo de Tati, e a chamei assim durante toda a minha estadia.

Vim embora à noite, e na manhã seguinte ele me procurou e não me viu. Então, começou a gritar no pátio “tia”. Minha irmã gravou-o me chamando e me enviou o vídeo pelo WhatsApp, e todos que ali estavam ficaram surpresos, pois ele nunca havia chamado por ninguém antes.

Fiquei extremamente emocionada, pois sendo ele uma criança com TEA, nível 3, que não mantém contato visual e nem era verbal, eu pensei que ele não estivesse compreendendo nada do que eu estava fazendo ou falando. Foi um momento único e especial perceber que ele não só reconhecia minha presença, mas também havia guardado e, de certa forma, compreendido quem eu era.

O fato de ele ter falado para me chamar foi algo que me tocou profundamente e emocionou toda a família. Além disso, saber que, de alguma forma, eu consegui estabelecer essa conexão com ele foi muito gratificante e mostrou a importância de nunca subestimar a capacidade de compreensão e de comunicação das crianças com TEA, mesmo quando elas não se expressam verbalmente. Provavelmente, meu jeito expansivo e a frequência com que eu falava e brincava com

ele foram estímulos que, de alguma forma, o conectaram a mim. Estou ansiosa para poder voltar e reencontrá-lo, agora com mais bagagem e conhecimento. E, não importa o que for, será lindo.

O CARINHO DE FRANCE

Micaeli Taís Kaefer

Durante a minha trajetória escolar, eu tive contato com muitas pessoas com deficiência, muitas delas não tinham o acompanhamento de um profissional capacitado na área para apoio escolar, e tinham muita dificuldade com a aprendizagem e com a relação com os colegas. Essas crianças não tinham ideia de que estavam perdendo oportunidade de desenvolvimento cognitivo devido à falta desse profissional. Além disso, elas também não tinham o auxílio dos pais, que não se preocupavam em manter o uso da medicação de que elas necessitavam e, muitas vezes, não tinham sequer condições de manter o acompanhamento médico. Isso interferia na dinâmica das aulas, prejudicando o desenvolvimento de aulas teóricas e práticas na turma. Isso frustrava os professores que não haviam sido preparados para lidar com essa situação.

No início do Ensino Fundamental, eu pude ter o prazer de ter perto de mim uma menina que me encanta até hoje. Ela era uma criança alegre, de bem com a vida, apesar de ter momentos conturbados, mas nunca deixava de ser carinhosa com quem queria somente o seu bem. France tinha Síndrome de Down, ela tinha uma professora II ao seu lado que lhe dava todo suporte necessário. France e eu tínhamos uma forte ligação, pois eu me sentava muito próxima a ela, e ela sempre me pedia as coisas emprestadas. Dessa forma, eu acabei me aproximando dela e nós duas acabamos por estabelecer uma relação de confiança. Foi muito bom, pois nos primeiros dias de aula, eu percebi que France era muito desconfiada; possivelmente por sofrer com brincadeiras preconceituosas em outros espaços que ela havia frequentado antes. Mas conosco foi diferente, depois de alguns dias de proximidade, ela pôde perceber que eu não queria seu mal e, a partir de então, ela não se desgrudava de mim. Ela sempre demonstrava seu carinho

me abraçando, mexendo e ajeitando o meu cabelo, coisas simples, mas que para ela fazia com tanta suavidade que me era prazeroso também. Com o passar dos anos, acabamos perdendo o contato, porque ela deixou de frequentar a escola regular e seguiu apenas com os atendimentos na APAE.

Hoje, já fazendo a faculdade de pedagogia, reencontrei a professora que acompanhava France na escola e pude questioná-la sobre essa experiência. Ela me relatou que o encontro com France havia acontecido no início de sua carreira na docência. Ela era muito nova e praticamente não sabia o que fazer. E, em seu primeiro ano, já teve o desafio de trabalhar com a inclusão e de poder acompanhar o desenvolvimento da France, quando ela tinha apenas 7 anos. A professora conta ainda que precisou procurar informações e orientação de como trabalhar com uma aluna com Síndrome de Down. Não foi fácil. Por ela ter uma visão muito diferente sobre os sindrômicos, precisou ressignificar e desconstruir muitos mitos nos quais acreditava antes de encontrar a France. Ao final, foi um trabalho apaixonante. France, apesar de muito esperta, tinha muita dificuldade de entendimento, e a professora precisava sempre buscar estratégias e recursos mais concretos para os conteúdos serem significativos para a menina. Nem sempre os resultados haviam sido satisfatórios. Por isso, a professora precisou fazer cursos, ler muito, aprender na prática e ter muita paciência. Ela conta que só depois de algum tempo ela conseguiu entender que o processo de ensino-aprendizagem de France era diferente. A professora ficou quatro anos acompanhando-a e buscava incessantemente por estratégias que pudessem ajudá-la a evoluir, tanto na escola regular quanto na APAE, onde France continua frequentando até hoje.

France saiu da escola quando cursava o quarto ano do Ensino Fundamental, e a professora teve oportunidade de reencontrá-la, depois de sete anos, quando foi lecionar na APAE. Nesse reencontro, a professora percebeu que France não havia conseguido ser alfabetizada. Porém, havia obtido ganhos significativos em sua vida acadêmica, pois sua educação tinha como base o currículo funcional natural, o

qual é uma proposta pedagógica que visa desenvolver habilidades e competências para o aluno poder sobreviver da forma autônoma e o mais independente possível. Esse processo é estimulado por meio da aquisição de habilidades funcionais desenvolvidas em contextos naturais (Santa Catarina, 2020, p. 83). Hoje, France consegue se alimentar, tomar banho, se vestir e fazer sua higiene básica sozinha. Ela é independente.

A professora que acompanhou France acredita que, para a inclusão ser efetiva, o professor precisa enxergar seu aluno, entender suas necessidades e lutar para ser inserido na sociedade e ter oportunidades. Para que isso seja possível, é muito importante que os educadores tenham consciência de sua responsabilidade social. Ela é extremamente grata por ter essa oportunidade com a France e por hoje continuar trabalhando com educação e inclusão, que continuam sendo um desafio incrível, no qual ela sente que faz o seu melhor para contribuir com a felicidade e a inclusão de todos na sociedade.

KAYKE

Mariah Wiederkehr Tisse

Quando recebi o desafio de fazer um relato sobre um caso de inclusão, pensei em várias pessoas e possibilidades de relatos diferentes. E foi muito estranho perceber que o único que não me havia chamado a atenção naquele momento havia sido a história de meu primo Kayke, com quem convivo diariamente desde que ele nasceu. Acredito que isso tenha acontecido por ele ser tão íntimo que não o percebo como alguém com singularidades.

Kayke é um pré-adolescente, ele tem doze anos, sendo diagnosticado aos quatro com a Síndrome de Asperger. As queixas da mãe eram, principalmente, um certo atraso na fala e dificuldades ao se comunicar e se relacionar com outras pessoas. Essa síndrome, segundo Tamanaha e Perissinoto (2021), foi descrita em 1944 por Hans Asperger, mas, em 2013, passou a compor o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual é um transtorno neurobiológico e pode afetar como

a pessoa enxerga o mundo e interage com outras pessoas. Além disso, as pessoas com TEA costumam “mostrar padrões restritos e repetitivos de comportamento, como foco de interesse fixo, movimentos contínuos e alteração de sensibilidade a estímulos sensoriais auditivos, visuais, táteis” (Tamanaha; Perissinoto, 2021, *on-line*).

Quando decidi fazer este relato, conversei com meu primo e pedi sua permissão. Ele consentiu e me relatou momentos difíceis em sua vida, nos quais vivenciou a exclusão, e que eu nem fazia ideia do quanto ele havia sofrido.

Kayke contou-me que muitas vezes foi rejeitado por colegas na escola, e que se sentiu excluído de brincadeiras e trabalhos em grupo porque possuía certa dificuldade de aprendizagem e uma péssima coordenação motora. Às vezes, ele se revoltava e era taxado como um menino agressivo que não tinha paciência por conta de ter gagueira. Isso o deixava triste, porque ele não entendia o que estava fazendo de errado.

Disse-me também que, hoje, ele entende que sair de sua rotina é algo que afeta seu temperamento e o torna agitado, e ele ainda tem muita dificuldade para controlar seus sentimentos e emoções. Quanto mais ele fica agitado, mais dificuldades tem para falar e, então, as coisas vão piorando.

Quando lhe perguntei sobre as coisas que mais gostava de fazer, sua resposta me surpreendeu, pois ele me disse adorar passar a maioria do seu tempo sozinho, brincando com seus Lego e jogos. Isso foi uma surpresa para mim, pois sempre que o via sozinho achava que ele estava triste. Falou também que gostava de ajudar nossos avós na malharia, onde passa a maioria do dia, pois isso o distraía. E não esqueceu de citar que gostava muito de jogar Rummikub com a avó, pois sempre ganhava.

Kayke passou por muitas outras situações, no entanto, o que mais me chamou a atenção e me fez perceber sua evolução foi quando seus irmãos nasceram. Há dois anos, ele ganhou um casal de irmãos gêmeos e se apaixonou. Naquele momento, ele perdeu o papel de filho único e ganhou o de irmão mais velho, precisava ter mais responsabilidades.

Ele me disse que na hora ficou muito confuso, pois não entendia seus sentimentos e nem conseguia imaginar como seria ter responsabilidade em ajudar seus pais com aqueles bebês. Ele não se sentia preparado para isso. Por várias vezes, passou por dias ruins, nos quais só queria ficar em seu quarto sozinho para voltar a ser ele mesmo. Isso gerou conflito, pois comumente não era compreendido nem mesmo por seus pais.

Por fim, ele conseguiu superar os entraves e se tornou um menino mais responsável, que tenta auxiliar o máximo que pode as pessoas ao seu redor. E não se importa com o que vão pensar dele. Kayke evoluiu e está abrindo cada vez mais portas na vida. Hoje ele percebe que tem um futuro à frente e que pode ser e estar onde ele quiser!

"EU SOU UM MILAGRE"

Tuani Habitzreuter

Conheci uma pessoa muito especial, ele se chamava Caio. Nós nos conhecemos na igreja quando eu era criança. Mesmo sendo bem mais velho, ele adorava estar entre os mais novos, fazendo uma bagunça. Ele era a alegria da criançada. O que mais chamava a atenção nele era sem dúvida sua risada alta e divertida. Ele era cheio de uma alegria inabalável, estava sempre contando piadas e transbordando o amor que tinha em seu coração por todos que o cercavam, principalmente por sua família.

Quando nasceu, os médicos falaram que ele não sobreviveria muito tempo. Ele tinha uma limitação no funcionamento do rim. Muitos problemas renais em recém-nascidos talvez pudessem representar algum risco de morte na época do nascimento de Caio. Hoje, a hidronefrose é o problema mais comum em bebês, mas não representa risco de morte (Kidney, 2016).

Com o tempo, o problema se agravou e ele teve de passar a se locomover com o auxílio de muletas. Isso não o fez mudar quem era. Ele sempre falava: "Eu sou um milagre!". Ele se tornou um exemplo para todos que o conheciam. Não havia tempo ruim para Caio, sua perseverança o tornou um homem de muita garra.

Lembro-me dele como alguém que, mesmo com suas limitações, estava o tempo todo tentando auxiliar as pessoas; seja com palavras de incentivo, com oficinas de artesanato para as crianças, com uma piada para alegrar, ou se oferecendo para encontrar emprego.

Um sobrinho de Caio relatou certa vez que, depois de uma temporada no hospital, Caio estava saindo ainda muito debilitado pelo que havia acabado de enfrentar e, com o que tinha de forças, ele o olhou e disse: “Me importo muito com a felicidade dos meus sobrinhos”. Ele sempre dizia isso para aquele sobrinho, mas aquela vez havia sido diferente. Ele havia acabado de sair do hospital e ainda estava muito fraco. Mas Caio era assim, mesmo nos momentos mais difíceis, ele nunca esquecia das pessoas que amava.

É também dessa forma que me lembro de Caio, era um artesão de mão cheia, trabalhava com muitos materiais, transformando objetos descartados em peças úteis e belas. Ele estava sempre fazendo piada consigo mesmo, da sua condição física, e claro com quem o rodeava, enquanto trabalhava. Fico emocionada ao ver sua foto agora, no momento em que escrevo este relato, pois ele realmente foi um ser humano incrível. E eu tive o privilégio de fazer parte de sua história.

Lembra-se de que os médicos o desenganaram? Então, esse guerreiro viveu, foi feliz e trabalhou até os 53 anos, e sempre repetindo: “Eu sou um milagre!”.

GABRIEL: AUTISMO NÍVEL 1 DE SUPORTE

Cristiania do Nascimento Batista

A minha história se inicia quando descobri a gestação do meu terceiro filho, que não havia sido planejado. Nessa época, eu morava em Camboriú, trabalhava doze horas por dia e já tinha dois filhos, o mais novo com 11 anos. Esta nova gestação foi um choque para mim. Fiquei até um pouco depressiva quando a descobri.

Depois do nascimento do Gabriel, decidimos nos mudar para outra cidade, onde logo voltei a trabalhar e o Gabriel começou a frequentar a creche. E, assim, parecia que tudo estava transcorrendo dentro da normalidade.

Quando Gabriel tinha três anos, aconteceu um episódio na creche. Gabriel agrediu a coordenadora. O problema era que ele não gostava de ser contrariado. Precisei intervir para melhorar a convivência com ele naquele ambiente; pois, depois do acontecimento, ele não queria mais ir para a creche. Mas eu tinha de mantê-lo lá até o final do ano porque eu precisava trabalhar.

No ano seguinte, ele começou na Educação Infantil. E logo começaram a me chamar na escola devido à agitação na roda de conversa e por machucar outras crianças. Considerando a minha experiência de mãe com os outros dois filhos, eu acreditei que, com o tempo, Gabriel fosse amadurecer e mudar o comportamento. Que isso não passava de uma fase. Então, no ano seguinte, durante o período de pandemia da Covid-19, grande parte dos estudos ocorreu remotamente. Dessa forma, Gabriel ficou tranquilo, pois estava em casa.

Ao iniciar o ano seguinte, no entanto, Gabriel começou no primeiro ano e as dificuldades voltaram a acontecer. As maiores queixas eram a falta de disciplina, a agitação durante as aulas e a dificuldade de aprendizado. Além das queixas de comportamento da escola, ele também tinha dificuldade de falar a letra R, por isso decidi levá-lo a uma consulta com uma fonoaudióloga.

Depois de algumas sessões, a fonoaudióloga alertou-me, pois os comportamentos que ele apresentava pareciam traços de transtorno do espectro autista (TEA) e sugeriu que eu consultasse um neuropediatra para uma investigação. Então juntei os relatórios da escola, da fonoaudióloga e levei Gabriel à consulta com a neuropediatra; que, depois de algumas avaliações, chegou ao diagnóstico de autismo leve, como era classificado na época. Hoje, o DSM V classifica o transtorno do espectro autista em níveis de suporte. Assim, Gabriel tem TEA nível 1 de suporte. (APA, 2014). Confesso que fiquei muito assustada, pois não conhecia nada sobre o assunto e imaginava um futuro muito pesado, sem perspectivas para meu filho.

Com o laudo, Gabriel teve direito à dinâmica educacional especializada e, alguns meses após o laudo, foi possível perceber a evolução dele. Gabriel tem feito terapia e isso tem ajudado muito

na adequação de seu comportamento. Ele não tem tanta dificuldade em aprender, é um dos melhores alunos na sala. Sua maior dificuldade ainda é comportamental. Ele tem dificuldade em aceitar os comandos: tem dias que faz tudo, mas tem dias que não. O convívio com as crianças também é outra dificuldade, devido ao hiperfoco. Gabriel gosta muito de conversar sobre os mesmos assuntos que são os que ele tem domínio. Isso acaba dificultando a interação dele com outras crianças. Além disso, ele é muito artista, faz bichinhos de papel alumínio e esculturas, possui boas habilidades manuais, sem contar que tem uma memória impecável, quando se trata do tema de seu hiperfoco.

Tem sido um desafio para mim. Tenho pesquisado para entender a singularidade dele e estou aprendendo a reeducá-lo. É um aprendizado diário. Estar na faculdade de Pedagogia, que já era uma vontade, tem sido um grande apoio. Estou entendendo melhor o meu filho e, dessa forma, consigo ajudá-lo. Além disso, ao trabalhar na escola, posso ajudar outras crianças com dificuldades semelhantes e percebo que cada um tem um jeito e necessidades diferentes. E finalmente entendo que o futuro de uma criança com TEA é tão grandioso e cheio de possibilidades como o de qualquer outra criança! Isso me tranquiliza e me deixa muito feliz!

PAULO, O DANÇARINO SURDO

Raquel Maria Cardoso Pedroso

Paulo nasceu surdo, sendo criado com os irmãos em Ceilândia, uma cidade satélite de Brasília. Os quatro irmãos de Paulo eram mais velhos que ele e eram apaixonados por futebol. Havia um campinho de terra no bairro, onde os irmãos e outros garotos da vizinhança se reuniam para jogar. Paulo acompanhava-os e ficava sentadinho num banquinho assistindo e observando os movimentos. Ele ficava fascinado com os movimentos dos dribles, que lhe pareciam uma luta.

Os irmãos de Paulo tinham idades próximas, com um ano de diferença. Além disso, havia gêmeos entre o mais velho e o mais

novo, antes de Paulo. Assim, com 12, 11 e 10 anos, eles tinham a responsabilidade de cuidar de Paulo, que tinha apenas 5 anos e não ouvia nada.

Durante a gravidez de Paulo, a mãe teve, o que acreditou ser, um sarampo. Ela teve um pouco de febre e ficou com algumas manchas rosadas, ficou assim por duas semanas, depois passou. As crianças, que eram bem mais novas, também ficaram doentinhas da mesma forma. O único que não pegou foi o pai, que era pedreiro e trabalhava noutra cidade e ficava no alojamento da obra durante a semana, e nesse período foi avisado para não vir para casa. Assim, ele não ficou doente também. É provável que a mãe e os meninos tenham tido rubéola, a qual é uma doença viral e contagiosa e, segundo o Ministério da Saúde, quando contraída durante a gravidez, a rubéola pode afetar o desenvolvimento do bebê, deixando sequelas, e uma delas é a surdez (Brasil, 2023).

No mesmo campinho de futebol, um dia, teve uma apresentação de capoeira. Paulo prestou tanta atenção aos movimentos, que quando a mãe chegou do trabalho, ele ficou mostrando para ela a “dança” dos capoeiristas. Mas foi aos 7 anos, quando Paulo estava na escola, que ele viu a apresentação de um grupo de dança que ele percebeu ser aquilo que ele queria.

O grupo de dança era formado por um grupo de adolescentes que participavam de um projeto cultural promovido pela prefeitura de Ceilândia e estava se apresentando nas escolas para convidar as crianças para participarem do projeto no contraturno.

Naquele tempo, Paulo não conhecia a Libras. Ele se comunicava em casa com os irmãos e com a mãe por meio de gestos caseiros que eles desenvolveram, mas era uma comunicação muito limitada. Depois da apresentação, uma das professoras do projeto fez o convite para os alunos, mas Paulo não ficou sabendo do convite. Ao final, os membros do grupo de dança saíram entregando um folheto para cada aluno e Paulo recebeu um também.

Quando chegou em casa com o papel e o entregou à sua mãe, foi que Paulo entendeu do que se tratava. O panfleto informava das

inscrições para os alunos num Espaço Cultural que tinha no centro da cidade e que atendia os alunos da rede pública no contraturno da escola. Lá, os alunos teriam um tempo para fazer as tarefas com apoio pedagógico e depois participavam de grupos de diversas atividades. Tinha teatro, dança, caratê, capoeira e futebol.

Os irmãos de Paulo gostaram da parte que falava do futebol e já manifestaram querer ir. A mãe percebeu ser uma oportunidade para os meninos ficarem num lugar tranquilo e protegido enquanto ela ainda estava no trabalho e concordou que eles fossem. Então ela perguntou para o Paulo o que ele queria. E ele apontou a foto que tinha um grupo dançando. Naquele momento, a mãe ficou preocupada e explicou para Paulo que tinha música, que precisava ouvir a música para dançar, mas Paulo não entendeu. Ela tentou explicar novamente, sem sucesso, até que o irmão mais velho disse para ela que era melhor deixá-lo ir e ver do que se tratava. Lá, ele iria perceber que não podia dançar. E assim foi feito.

No dia seguinte, a mãe passou no centro e fez a inscrição dos cinco filhos, e, à tarde, eles já estavam lá e muito animados. Paulo sorria e pulava de contentamento. Ele estava muito ansioso para a dança, mas primeiro tinha de passar pela sala de apoio pedagógico para fazer as tarefas da escola. A professora da sala de apoio já estava preparada e já sabia da surdez de Paulo, pois ao preencher a ficha a mãe havia informado. Então, havia um professor surdo na sala com ela. Esta foi a primeira vez que Paulo teve contato com a Libras. Quando viu a professora da sala conversando com as mãos com o outro professor, Paulo ficou paralisado. Ele não entendia o que falavam, mas estava claro que se comunicavam. Depois, o professor se aproximou de Paulo e, com gestos simples, falou que também era surdo e que tinha um grupo de surdos que também frequentavam o Espaço Cultural. Paulo não era o único.

Dessa forma, Paulo passou a frequentar a sala do professor surdo, onde além de fazer as tarefas, também aprendia Libras e trocava informações com os novos colegas surdos que estavam no mesmo grupo. Todos tinham idades próximas. Os irmãos de Paulo também

participavam, duas vezes por semana, de aulas com o professor surdo. Assim, eles aprenderam Libras e rapidamente já estavam conversando em Libras com o Paulo. Quando chegavam em casa, os quatro ensinavam à mãe. Ela tinha um pouco mais de dificuldade, mas com o tempo também aprendeu, de modo que a comunicação em casa melhorou muito.

Quanto à dança, incentivados pelo professor, Paulo e algumas das crianças surdas entraram para o grupo de dança. No começo foi muito difícil, mas lentamente Paulo conseguiu perceber que entendia a dança de uma forma diferente dos outros. A dança de Paulo era feita com movimentos e envolvia mais expressão e ritmo do corpo.

Paulo cresceu e fez a graduação em Educação Física, este era o curso mais próximo de dança que ele podia fazer, pois tinha a ver com o movimento do corpo. Após formado, Paulo começou a trabalhar em academias de dança e formou o primeiro grupo de dançarinos surdos do Distrito Federal. Paulo explica que ele precisa adaptar a dança, porque as músicas não são naturais para os surdos. É uma relação com a música diferente da que há com os ouvintes. Os surdos percebem, sentem a vibração e usam a percepção visual para acompanhar o ritmo na música.

Ele conta que a Libras é a sua primeira língua, apesar de ele só ter tido contato com ela aos 7 anos. Mas foi somente a partir desse momento que ele conseguiu entender o mundo e as coisas passaram a fazer sentido para ele. Era como se, antes de saber a Libras, fosse tudo um emaranhado de fios de várias cores, tipos e tamanhos que não faziam sentido. A língua de sinais ajudou-o a organizar esses fios.

Uma das informações mais chocantes que Paulo entendeu após a língua de sinais entrar em sua família foi a morte do pai. O pai havia falecido após um acidente de trabalho quando Paulo tinha apenas 3 anos. Como era muito pequeno, a mãe não o levou ao velório. Ele havia ficado aos cuidados de uma vizinha, amiga de sua mãe. Na época, ele não entendeu por que era colocada uma faixa preta na porta de casa, tampouco porque a mãe, durante um tempo,

acendia vela diante do retrato daquele homem de quem ele lembrava vagamente como uma memória boa. Também não entendia por que ele nunca mais foi visitá-los.

Paulo conta ainda que, para se tornar profissional da dança, teve muitas dificuldades devido às barreiras de comunicação com professores e outros profissionais. Faltava qualidade de comunicação, muitas vezes os intérpretes não sabiam Libras direito, ou nem tinham intérpretes. Mas ele prestou muita atenção e trabalhou duro para se desenvolver, sempre com o apoio da comunidade surda.

No Brasil, há muitos bailarinos e dançarinos surdos, mas poucos deles atuam profissionalmente. Ainda há muito preconceito e Paulo destaca que a luta para incluir os surdos na sociedade deve ser uma luta de todos, não só dos surdos. Ele acredita que, um dia, todos entenderão que o surdo não é limitado, que, do seu jeito, ele pode fazer o que quiser, quando e onde quiser. Afinal, um surdo pode sonhar e realizar sonhos como qualquer outra pessoa.

CONVIVÊNCIA COM A SÍNDROME DE DOWN

Carla Daise Pereira Babolim

Durante toda a minha vida, tive contato com pessoas com deficiência. Antes mesmo de iniciar minha vida escolar, eu já tinha tido contato com a sobrinha da minha avó que tem Síndrome de Down. E, apesar dos cuidados especiais que se deve ter com quem tem essa síndrome, ela nunca “deu trabalho”. Sempre foi uma menina carinhosa, doce e muito atenciosa.

A Síndrome de Down, que também pode ser chamada de trissomia 21, é um atraso observado no desenvolvimento, das funções motoras do corpo e das funções mentais, causado pela presença de um cromossomo a mais no par 21, que tem três cromossomos ao invés de dois. O bebê que tem essa condição é pouco ativo e hipotônico (“molinho”). Os indivíduos que têm Síndrome de Down podem ser chamados de trissômicos, ou pessoas com deficiência; outras formas de se referir a esse público são inadequadas (Silva, 2023).

Quando íamos à casa dela, minha mãe me orientava a brincar com ela, dar-lhe atenção normalmente e relevar se ela falasse ou fizesse algo de diferente, sem julgar ou repreender. Foi dessa maneira que cresci, já aprendendo que a melhor maneira de a tratar era igualmente como tratamos todas as pessoas. Vejo que, por ter essa experiência, eu cresci olhando para as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência da mesma forma que olho para as pessoas que não têm nenhuma deficiência, chamadas de típicas.

Quando entrei no 6º ano, uma das colegas que eu tinha na sala de aula também tinha Síndrome de Down. Lembro-me de que ela era muito engraçada e pregava várias peças nos professores durante as aulas. Jogava seus lápis de cor pela janela, dormia no meio da explicação e dava desculpas para não fazer as tarefas com a professora que a acompanhava. Eu já percebia, na época, que, de todos da sala, eu era a que mais dava atenção para aquela menina. Provavelmente porque, para mim, estar com uma pessoa sindrômica não era uma novidade. Eu sabia como agir com ela devido à minha experiência familiar.

Lembro-me também de que alguns alunos caçoavam de mim por andar junto e conversar com ela. Mas eu nem ligava, sabia que eu estava fazendo o que era certo e, se eles não faziam, eles é que estavam errados e praticando alguma forma de preconceito contra ela.

Ao entrar no 7.º ano, aquela menina já não estava mais em nossa escola. Porém, havia um aluno novo que também tinha algum tipo de deficiência. Não me recordo o nome da deficiência que ele tinha, mas lembro que ele apresentava dificuldades na fala, no raciocínio, na maneira de escrever ou desenhar e na visão. Ele não enxergava nada sem seus óculos.

Eu percebia que o garoto se sentia confortável em estar em nossa sala de aula e me sentia bem presenciando aquilo. Recordo-me das risadas conjuntas que dávamos na classe com ele, das brincadeiras e de como ele gostava da aula de educação física, pois sempre participava dos jogos, mesmo com suas limitações.

Naquele ano, os meus colegas de sala estavam dando mais atenção para ele do que deram à menina do 6º ano. Acredito que a

experiência do ano anterior os fez entender melhor a condição das pessoas atípicas. Eles estavam mais tolerantes. Era nítida a diferença de respeito no comportamento da classe em relação a ambos. Fiquei feliz ao perceber que a turma havia amadurecido.

SONHO DE MENINA

Eliane Santos Cunha

— *Mãe, eu quero morar na cidade grande, ter muitos amigos e ser rica.*

— *Filha, a cidade é diferente da roça!*

Essa era a fala da minha mãe, quando me ouvia falar o tempo todo de meu desejo de ir para a cidade, de ver as inúmeras lojas e carros, as luzes e prédios, as escolas separadas por turma. Eu estava ansiosa para entrar na escola, seria a minha oportunidade de mudança.

Enfim, o grande dia chegou. Com apenas 7 anos, fui para a cidade grande. O meu coração estava cheio de sonhos, e eu acreditava que estava pronta para viver grandes aventuras. Eu não fazia ideia de que havia pessoas que me deixariam triste, nem que sentiria tanta falta da roça.

No primeiro dia de aula, toda animada, eu vesti minha roupa e fui para a escola. Ao chegar, deparei-me com crianças muito diferentes. Algumas me olhavam e diziam: “essa menina veio da roça, olha como a roupa dela é!”. Outras me olhavam e comentavam que meu cabelo era ruim. Eu não entendia o que poderia haver de errado com minhas roupas ou meu cabelo. Eu nunca havia ouvido aquilo antes. Para mim, era para ser lindo.

Eu não entendia, mas, segundo Pimenta (2021), qualquer tipo de comportamento ou fala que faça distinção, exclusão, restrição ou preferência motivado pela raça, nacionalidade, ascendência, cor ou etnia é considerado discriminação racial. Era isso que estava acontecendo comigo, eu estava sofrendo discriminação.

Os dias foram passando e eu não conseguia fazer amigos, e eu me sentia muito mal. Então, falei com minha mãe e pedi para

mudar de escola; minha mãe mudou e foi pior. Na nova escola, eu só usava o cabelo preso, porque meu cabelo “era ruim”. Depois mudaram e começaram a implicar com minha roupa, porque eu não tinha muitas roupas diferentes. Então, como meus pais não tinham dinheiro, eu aceitei a ajuda de minha professora; e assim, comecei a trabalhar aos 9 anos, fazendo faxina na casa dela aos sábados em troca de roupas. Era para ser um segredo, mas alguém da escola ficou sabendo e contou para todos, daí começaram a me chamar de “escravinha da professora”.

Eu não tinha idade para entender o que era trabalho infantil, tampouco meus pais tinham conhecimento disso. Trabalhar desde criança na faxina era visto como “normal” para uma criança preta. Tanto pela sociedade, de modo geral, quanto pela própria família. Eu acreditava que a professora estava me ajudando realmente, mas hoje percebo como fui explorada e que minha infância foi roubada.

Até aquele momento, eu continuava sem amigos e triste. O sentimento de revolta fez morada em mim e, no lugar do que era belo, de meu sonho de menina, só tinha raiva de tudo. Precisei aprender a sobreviver com aquela dor e me tornei uma criança amarga.

O tempo foi passando e, aos 12 anos, descobri que havia a possibilidade de alisar os cabelos. Dessa forma, eu alisei o meu cabelo na esperança de agradar, de ser aceita como qualquer outra menina. Mas o procedimento exigia o uso de um produto químico forte demais. O cabelo ficava lindo, na minha percepção, mas o cheiro incomodava na sala e os alunos reclamavam. No intervalo, um dos meninos puxou meu cabelo e me chamou de fedorenta, gritando que eu tinha de voltar para o lugar de onde havia saído. A dor e a raiva cresceram em mim.

Depois desse dia, eu não queria mais voltar para a escola. Eu me odiava e odiava tudo que tinha em mim. Mas, ainda assim, com toda a dor e tristeza que tinha dentro de mim, eu voltei no dia seguinte e continuei. Eu me encolhi, fiquei focada nas aulas, com a cara fechada. Eu estava certa de que, daquela forma, ninguém mexeria comigo. Assim fui vencendo. Passei todo o processo da escola até terminar o Ensino Médio.

Como uma jovem adulta, eu trabalhava e podia manter o cabelo alisado, para ninguém falar nada. O procedimento de alisamento já tinha evoluído, os produtos químicos já não tinham o cheiro tão forte.

Aos 21 anos, tive a oportunidade de me mudar para Santa Catarina. Acreditei que seria a oportunidade de me reinventar, de reescrever minha história num lugar diferente, onde as pessoas ainda não me conheciam. Eu não fazia ideia de que aqui seria ainda mais difícil. Estava preparada para sofrer o preconceito por ser uma mulher preta, nordestina e, ainda por cima, ser baiana. Essas marcas já haviam formado em mim uma casca de proteção.

Quando cheguei, coloquei meu currículo numa agência para trabalhar e ouvi de uma pessoa a quem havia pedido informação:

— Vocês, que vêm de fora, têm que entender que vão ficar com o que sobra...

Isso me magoou muito, foi um soco no estômago, mas segui em frente. Logo fui chamada e comecei a trabalhar no caixa de um supermercado.

Infelizmente, no ambiente de trabalho, não era muito diferente dos outros lugares por onde passei, pois eu ouvia de clientes e de colegas de trabalho coisas do tipo:

— Essas negras vêm aqui para dar e ter casos com os nossos maridos, são interesseiras.

Crianças que choravam ficavam apavoradas e se negavam a ser atendidas por mim devido à minha cor. E clientes salientes que faziam comentários e piadinhas com conotação sexual.

— O que a baiana tem, será que é quente mesmo?

Passei por outras situações constrangedoras, como ser seguida em supermercado pelo segurança, como se fosse uma ladra; não ser atendida nas lojas, ser ignorada por acharem que não teria condições de comprar algo. E, para piorar ainda mais o meu lado emocional, a

raiz do cabelo cresceu e não tinha profissionais especializados em cabelos afros na cidade. Recorri a uma moça, que tentou fazer o alisamento para mim, mas meu cabelo caiu com força total. Perdi mais da metade do meu cabelo. Ficou horrível! Assim, eu fui forçada a deixar meu cabelo crescer, mas o deixava preso. Passava creme para deixar bem baixinho. Pegava os ônibus só quando não tinha muita gente, não queria ouvir ninguém falando de como meu cabelo era. Andava de cabeça baixa, triste, cheia de ansiedade, deprimida mesmo.

O tempo foi passando e eu percebi ter dois caminhos: ser uma pessoa frustrada e triste ou ser quem nasci para ser, uma vencedora, forte e linda. Escolhi a segunda opção, tomei coragem e decidi mudar. Soltei meu cabelo, ergui minha cabeça e, desde então, nada mais me abalou. No começo, tinha vontade de recuar algumas vezes, mas segui firme. Hoje, não me preocupo com o que vão falar de mim, se gostam da minha cor, da minha roupa ou do meu cabelo. E quando acho que tenho que falar, eu falo, não me escondo mais, nem baixo a cabeça. Vou à luta pelo que quero. Amo a minha cor, amo o meu cabelo, amo ser do jeitinho que sou.

Depois de tanto sofrimento, eu descobri a minha verdadeira identidade. Hoje sei quem eu sou. Sou mais uma filha amada de Deus, e eu acredito que foi Deus quem me deu força para viver todo o processo e hoje estar na luta e aproveitando as oportunidades de aprendizagem e crescimento. Afinal, o meu lugar é onde quero estar!

O QUE ACHA DE TENTAR ALGO NOVO?

Gabrielly Souza Soares

Todos nós já tivemos, em algum momento, contato com uma pessoa com deficiência. Isso é algo comum no nosso dia a dia atualmente. Tive contato com uma menina chamada Ana. Minha amiga Ana tem TEA (transtorno do espectro autista) de nível 1. E isso raramente atrapalhou seu desenvolvimento. Ela sempre foi interessada em aprender, não importava o assunto, ela só queria saber mais e mais. Isso era uma das coisas que chamava a atenção nela. Por anos, ela sempre se mostrou uma das pessoas mais fortes e impressionantes que já conheci.

O transtorno do espectro autista (TEA) de nível 1 de suporte pode não ser facilmente percebido. Segundo Brites (2019), a forma mais eficaz de o transtorno ser diagnosticado é por meio da observação de pais e professores. Porém, muitas vezes, algumas características como introspecção e dificuldade de interação social podem ser consideradas simplesmente como timidez. Por isso, o diagnóstico de TEA de nível 1, geralmente, ocorre somente na adolescência ou na fase adulta.

Mesmo percebendo que muitos colegas não falavam com ela, por conta do preconceito em se aproximar de uma pessoa com deficiência, Ana jamais se deixou abalar com isso. Pelo contrário, ela sempre demonstrou estar muito bem.

Com o passar do tempo, Ana provou para todos nós que não existia nada que pudesse impedir alguém de alcançar seus objetivos. Na escola, ela desenvolveu diversos trabalhos excepcionalmente e deixou todos impressionados. Sua dedicação na apresentação e no desenvolvimento, desde o mais simples dos trabalhos, não importando a disciplina, fazia com que a turma toda sentisse vontade de fazer parte na elaboração da atividade. Foi assim que Ana conquistou a todos e, desse momento para frente, ela fez muitas amizades. Algumas interesseiras, apenas pela nota; mas outras por perceberem o quão especial e incrível era ela. Isso só foi possível, porque todos deram uma segunda chance para o novo, romperam o preconceito e perceberam que o novo também era bom.

Em nosso último ano, Ana demonstrou muita animação para os preparativos da formatura. E nos projetos para arrecadar dinheiro para o evento. Por isso, no grande dia, não poderíamos sair sem agradecer à Ana por tudo que ela fez para a turma durante os anos em que estivemos juntos. Nós lhe preparamos uma homenagem, que foi muito bonita. Todos nós nos emocionamos; e sabíamos que, apesar de não demonstrar os sentimentos, Ana também estava feliz e emocionada.

Hoje, Ana segue interessada em aprender cada vez mais. Ela está cursando direito, que sempre foi seu maior sonho. E não tenho dúvidas de que minha amiga será uma ótima advogada, talvez até juíza. O que ela quiser ser, tenho certeza de que será com excelência.

REFERÊNCIAS:

APA – American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BONFANTE, Cíntia. **O que você precisa saber sobre Apraxia de Fala da Infância (AFI)?** Publicado em: 3 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.fonocintiaBonfante.com.br/post/o-que-voc%C3%AA-precisa-saber-sobre-apraxia-de-fala-da-inf%C3%A2ncia-afi>. Acesso em: 13 jul. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Rubéola**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/rubeola> Acesso em: 15 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 1.º nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. Última atualização em: 25 de março de 2021. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/> Acesso em: 1.º nov. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Definição – Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. Página Linhas de Cuidado. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/> Acesso em: 15 nov. 2021.

BRITES, Clay. **Quais os principais sintomas do autismo leve?** Site NeuroSaber. Publicado em 27 de março de 2019. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/quais-os-principais-sintomas-do-autismo-leve/> Acesso em: 14 jun. 2022.

BRUNA, M. H. V. **Covid-19**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/covid-19/> Acesso em: 1.º nov. 2021.

KIDNEY Health Australia. **Deteção de Problemas Renais antes de o Bebê Nascer**. Publicado em outubro de 2016. Webpage APIR. Disponível em: <https://www.apir.org.pt/wp-content/uploads/2017/04/Dete%C3%A7%C3%A3o-de-problemas-renais-antes-do-beb%C3%A9-nascer.pdf> Acesso em: 6 dez. 2021.

NEUROSABER. **O que é Deficiência Intelectual?** Publicado em 29 de junho de 2017. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/o-que-e-deficiencia-intelectual/> Acesso em: 4 dez. 2021.

PEREIRA, Gisele B.F.; OLIVEIRA, Francismara N.; CALSA, Geiva C. O jogo de regras Rummikub e as possibilidades de negociação interpares. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**. n. 16 (2). Dez 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/9KYLmK7mCZftygpKLHy65Qc/#> Acesso em: 4 abr. 2024.

PIMENTA, Tatiana. **Medo infantil: como trabalhar com a psicologia**. Publicado em 20 de agosto de 2021b. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/medo-infantil-como-trabalhar-psicologo/> Acesso em: 15 jun. 2022.

PIMENTA, Tatiana. **O que é discriminação racial e como ela se apresenta no dia a dia?**. Publicado em 22 de março de 2021a. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/o-que-e-discriminacao-racial-como-e-no-dia-a-dia/> Acesso em: 15 jun. 2022.

POLAKIEWICZ, Rafael. **Como identificar o Transtorno do Espectro Autista**. Portal PEBMED. Publicado em 14 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/como-identificar-o-transtorno-do-espectro-autista/> Acesso em: 15 jun. 2022.

SANTA CATARINA, Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE). **Diretrizes dos centros de atendimento educacional especializados em educação especial**. São José/SC: FCEE, 2020. Disponível em: <https://www.fcee.sc.gov.br/informacoes/biblioteca-virtual/publicacoes-da-fcee> Acesso em: 25 jul. 2024.

SILVA, Ivana. **Síndrome de Down**. Portal Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <https://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/sindrome-down.htm> Acesso em: 28 dez. 2023.

TAMANHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy. **Síndrome de Asperger, conhecer para compreender**. Escola Paulista de Enfermagem - Departamento de Saúde Coletiva. São Paulo. 2021. Disponível em: <https://sp.unifesp.br/epe/desc/noticias/sindrome-de-asperger-conhecer-para-compreender> Acesso em: 15 jun. 2022.

XAVIER, Juliana. **A importância da estimulação precoce em crianças com sequelas neurológicas**. Publicado em 15/06/2016. Webpage Fiocruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/importancia-da-estimulacao-precoce-em-criancas-com-sequelas-neurológicas> Acesso em: 13 jul. 2024.

sobre as

autoras

Os textos sobre cada uma das autoras que compõem este item foram elaborados a partir de informações coletadas com as próprias autoras por meio de formulário *on-line*, no qual responderam às questões:

- *Qual o seu nome e onde nasceu?*
- *Como e por que veio para Brusque?*
- *Por que escolheu fazer Pedagogia? Pretende atuar na área, ou pensa em fazer outro curso? Qual?*
- *Como você vê a inclusão hoje? O que você pensa sobre isso?*

As informações, de responsabilidade das autoras, revelam muito de cada uma, de seus projetos de vida e de como entendem a inclusão, que é tema desta coletânea de relatos. Vale a pena conhecê-las!

1. ADRIELLI VILAMOSKI KORMANN

Adrielli nasceu em Brusque, e toda a sua família também é natural dessa cidade. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque apesar de ser formada em Administração, ela tem uma grande paixão pela educação. Para Adrielli, a inclusão é algo indispensável, pois todos, independentemente de sua condição, merecem respeito e o direito de participar ativamente da comunidade onde vivem.

E-mail: adriellikormann@gmail.com

Instagram: @_adriellivkormann

2. ANDRÉIA RODRIGUES

Andréia nasceu em Rio Negrinho, aqui em Santa Catarina, e morou naquela cidade por muito tempo. Após estar casada, os pais de Andréia vieram para Brusque, mas ela só veio se juntar a eles depois que se separou, e isso já faz 13 anos. Ela escolheu fazer Pedagogia para aproveitar a oportunidade da bolsa de estudos, mas não pode continuar e, no momento, não está mais fazendo. Sobre a inclusão, Andréia observa que é um tema ainda pouco abordado na sociedade, é preciso melhorar muito e continuar discutindo e lutando para que se torne uma realidade.

E-mail: andrei2040556@gmail.com

Instagram: @andrea_20rodrigues

3. ANDRÉIA HAMES

Andreia nasceu na cidade de Angelina, em Santa Catarina, e veio para Brusque com a família em busca de melhores condições de vida. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque teve de parar de estudar por algum tempo para trabalhar e ajudar a família, mas manteve sempre viva a vontade de voltar a estudar. Assim, quando apareceu a oportunidade da bolsa para o curso de Pedagogia, ela loga se inscreveu, porque era na área das ciências humanas e isso sempre lhe despertava muito interesse. Andréia planeja atuar na

área e continuar na carreira acadêmica em busca de formação e conhecimentos, como uma especialização, mestrado e doutorado; ela está atenta para aproveitar as oportunidades de formação. A inclusão, para Andréia, é um tema que está sendo bastante discutido para que se possa desenvolver e criar possibilidades na escola para aqueles que têm alguma necessidade educacional especial. E, nesse processo, a conscientização do profissional é uma importante aliada para concretizar o objetivo da inclusão não só na escola, mas na sociedade na totalidade.

E-mail: andreia.hames@unifebe.edu.br

Instagram: hamesandrea

4. BEATRIZ BATISTI

Beatriz nasceu na cidade de Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque quer estar na escola e ser professora. Além disso, ela tem interesse em fazer Psicopedagogia depois. Para Beatriz, a inclusão é extremamente necessária e precisa ser aceita em todos os lugares. Não se pode pensar numa sociedade que não seja inclusiva.

E-mail: beatriz.batisti@unifebe.edu.br

5. CARLA DAISE PEREIRA BABOLIM

Carla nasceu em Brusque, mas mora em Guabiruba. Ela escolheu fazer Pedagogia porque ser professora sempre foi um sonho de criança. Ela planeja atuar na área e, talvez um dia, cursar História, por ser uma paixão. Para Carla, a inclusão deveria sempre estar entre nós, afinal todos devemos e podemos fazer tudo que almejamos. Todos somos capazes, pois somos iguais. Apesar do que nos torna diferentes.

E-mail: carla.babolim@unifebe.edu.br

Instagram: @carla_babolim

6. CRISTIANIA DO NASCIMENTO BATISTA

Cristiania nasceu em Joinville, Santa Catarina, e veio para Brusque com sua família. Ela escolheu fazer Pedagogia por ganhar a bolsa de estudos. Para Cristiania, falta muito para melhorar para implantar a inclusão na escola e na sociedade.

E-mail: cristianiacnb@gmail.com

Instagram: @Cris Batista

7. DAIANE HASSE DA LUZ

Daiane nasceu em Lages, no oeste catarinense, e veio para Brusque com apenas um ano. Ela foi adotada por um casal de Brusque. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque é uma paixão tardia. Trabalha na educação como monitora escolar, mas quer ser professora. Daiane reconhece que a inclusão avança com políticas e práticas mais abrangentes, mas ainda há desafios em sua implementação, na garantia de recursos adequados e na formação de profissionais especializados. Muitas escolas trabalham para criar ambientes mais acessíveis e acolhedores, mas a desigualdade ainda é muito grande.

E-mail: daiane.luz@unifebe.edu.br

Instagram: @hassedaiane

8. EDIÉLE JARDIM

Ediéle nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, e veio para Brusque com um namorado da época, para trabalhar e estudar. O namoro acabou, mas ela decidiu ficar. Ediéle escolheu fazer Pedagogia, porque já atuava como monitora escolar e se identificou com o ambiente da escola. Ela planeja continuar na educação e quer fazer pós-graduação em Neurociências. Sobre a inclusão, Ediéle acredita ser um tema essencial e necessário na educação ao ir além da mera integração física de alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas. Ela

envolve a criação de um ambiente educacional onde todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. A inclusão deve ser vista como um compromisso contínuo de toda a comunidade escolar, que inclui professores, gestores, pais e os próprios alunos. É fundamental proporcionar recursos adequados, formação continuada para os educadores e adaptar o currículo para atender às diversas necessidades dos alunos. A inclusão é uma responsabilidade coletiva e uma prática que deve ser constantemente aprimorada e valorizada, visando uma educação mais justa e equitativa para todos.

E-mail 1: ediele.jardim@unifebe.edu.br

E-mail 2: edyj0210@gmail.com

9. ELIANE SANTOS CUNHA

Eliane nasceu em Una, na Bahia, e veio para Brusque por incentivo do irmão mais velho, porque na região onde morava não tinha muita oferta de emprego. Eliane escolheu fazer Pedagogia, porque acredita que a educação é o único meio de transformação; pode transformar a vida de qualquer um e também transforma a sociedade. Ela já atua como monitora de ensino na educação infantil e quer continuar os estudos e se especializar em Psicopedagogia ou em Neuropsicopedagogia. Eliane observa que a inclusão, na prática, é aplicada menos do que na teoria. Por isso, é importante continuar a promover as habilidades inclusivas na escola para transformar a sociedade.

E-mail: eliane.cunha@unifebe.edu.br

10. GABRIELLE VICTORIA PEREIRA

Gabrielle nasceu em Brusque e havia escolhido fazer Pedagogia devido ao incentivo da bolsa, mas percebeu que esse não era o seu lugar. Por isso, hoje, estou cursando Técnico em Qualidade

e Design Gráfico em outras instituições. Gabrielle percebe que inclusão é mais do que apenas incluir pessoas em grupos sociais; inclusão é respeitar e tratar com igualdade todos, independente de suas condições.

E-mail: gabrielle_v_pereira@estudante.sc.senai.br

Instagram: @Gaby_victoria_pereira

11. GABRIELLY SOUZA SOARES

Gabrielly nasceu em Fênix, no Paraná, e veio com minha mãe e meu irmão para Brusque, quando ela tinha 8 anos. Gabrielly escolheu fazer Pedagogia inicialmente, mas hoje está cursando Educação Física – Licenciatura, porque gosta muito de esportes e adora trabalhar com crianças. Ela acredita que, hoje, a inclusão está se tornando algo cada vez mais natural, pois as pessoas começaram a entender e respeitar as diferenças e as dificuldades dos outros. Dessa forma, há um movimento para trabalhar e acolher cada pessoa da maneira que elas são.

E-mail: gabrielly.soares@unifebe.edu.br

Instagram: @gaby._szs

12. IASMIN BARON

lasmin nasceu em Brusque, mas atualmente mora em Guabiruba. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque gosta de estar com as crianças, gosta de ensinar, e planeja continuar atuando na área e se especializar em Educação Especial, quem sabe até fazer mestrado ou doutorado. Para lasmin, a inclusão tem o objetivo de incluir todas as pessoas em um ambiente e não excluir nenhuma.

E-mail: iasmin.baron@unifebe.edu.br

Instagram: @ias_b12

13. JOSEANE DOS SANTOS GARCIA

Joseane nasceu em Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque sempre foi meu sonho. Ela planeja atuar na área e continuar

estudando. Quer fazer uma pós-graduação em Psicopedagogia. Sobre a inclusão, Joseane acredita que, infelizmente, ainda é preciso realmente aplicar o que se tem na teoria. Há muitas leis que garantem a inclusão, mas de fato ela acontece muito pontual e lentamente.

E-mail: joseane.garcia@unifebe.edu.br

Instagram: @garcia cristiano josiane

14. JULIA GOHR

Julia nasceu em Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque este é um sonho de criança. Ela sempre brincava de escolinha com meus bichinhos de pelúcia que eram meus alunos, e sempre teve o apoio dos pais para seguir essa profissão. Julia quer atuar em sala de aula; porém, planeja buscar novas formações na área, quem sabe um mestrado ou doutorado. Atualmente, ela está trabalhando como estagiária num Centro de Educação Infantil e sente que já está onde quer estar: trabalhando com a educação de crianças. Sobre a inclusão, Julia acredita que é uma conduta essencial em todas as áreas, mas principalmente na educação, onde se está formando cidadãos que promovam ambientes equitativos e acessíveis, e uma sociedade inclusiva. Julia também reconhece que, apesar de avanços, como a aprovação de políticas de diversidade e maior acessibilidade, ainda há desafios, incluindo barreiras físicas e atitudinais. A conscientização e políticas inclusivas indicam progresso, mas a inclusão plena exige esforços contínuos.

E-mail 1: julia.gohr@unifebe.edu.br

E-mail 2: jugohr2004@gmail.com

Instagram: @jugohr

15. JULIA NICOLETTI

Julia nasceu em Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque essa foi sempre a minha única opção. É com as crianças que ela

encontra paz e felicidade; e cada dia que passa, ela tem a certeza de que fez a escolha certa. Para Julia, a inclusão, sem dúvida, é necessária e precisa fazer parte do nosso cotidiano. Só assim as crianças poderão crescer sem preconceitos e construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

E-mail: nicoletti.julia@unifebe.edu.br

Instagram: @juu_nicoletti

16. JULIANA APARECIDA FRANÇA VIEIRA

Juliana nasceu em Balneário Camboriú, morou em Itajaí e depois veio para Brusque devido ao trabalho do marido. Ela escolheu fazer Pedagogia porque foi sempre o que quis, mas nunca havia tido oportunidade antes. Juliana cogita trabalhar na Educação Infantil, porque tem mais afinidade com os pequeninos; mas ela quer também se especializar em Libras e Educação Especial, porque ela gosta e percebe haver falta de especialistas para essas áreas.

E-mail 1: juliana.vieira@unifebe.edu.br

E-mail 2: julianafranvieira@gmail.com

Instagram: @julianafranvieira09

17. JUSSARA MELIM

Jussara nasceu e se criou em Canelinha, cidade onde continua morando e trabalhando. Ela vem para Brusque todos os dias de ônibus para estudar. Jussara escolheu fazer Pedagogia, porque ser professora sempre esteve no coração dela. Contudo, ela confessa que, inicialmente, essa não era sua primeira opção. Apesar disso, Jussara sabia que seria uma boa escolha e se encontrou totalmente no curso e na profissão. Sobre a inclusão, ela destaca que um olhar inclusivo não deve ser um olhar com pena, pois todos são capazes!

E-mail: jussara.melim@unifebe.edu.br

Instagram: @jusmlm

18. KAROLINE CRISTINA NUNES

Karoline nasceu em Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque já trabalhava na escola como monitora e teve a oportunidade da bolsa de estudos. Karoline acredita que a inclusão é algo extremamente necessário.

E-mail: karoline.nunes@unifebe.edu.br

Instagram: @karolcnuness

19. KATIA MAURER

Katia nasceu em Brusque. O pai dela também é natural daqui, mas a minha mãe é natural de Blumenau. Como a família de Brusque era maior, decidiram fixar residência aqui, em vez de ficar em Blumenau. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque a educação, o aprender e o ensinar sempre me despertaram curiosidade. E continuarei a estudar essa área cheia de ramificações. Quem sabe fazer mestrado ou doutorado. Em relação à inclusão, Kátia diz que, ao longo dos anos, refletiu bastante, e continua refletindo, sobre suas ações e reações, já que na escola, os professores têm grande influência e a sociedade tende a negar tudo que se mostre um pouco diferente e sem questionar os porquês; apenas fazendo o que a maioria dita como certo. Valores como a empatia, o amor e o respeito são difíceis de se desenvolver por dependerem de exemplo e reflexão. Talvez por isso a inclusão esteja caminhando de forma tão lenta para dentro das escolas e em qualquer ambiente social. Kátia acredita que a educação seja questão de hábito, é preciso desenvolver habilidades; assim, quando todos estiverem habituados a respeitar, amar e cuidar do outro sem nem pensar o porquê o fazem, viveremos numa sociedade inclusiva de verdade. E a escola tem um papel fundamental na influência dessa mudança e no desenvolvimento das habilidades e competências necessárias.

E-mail: katia.maurer@unifebe.edu.com.br

Instagram: @maurerkatia6

20. KAUANE MARINHO DA ROSA

Kauane é natural de Quedas do Iguaçu, no estado do Paraná. Ela veio para Brusque com a mãe e duas irmãs, depois do falecimento do pai. A mãe veio em busca de emprego e oportunidade de uma vida melhor. Kauane escolheu fazer Pedagogia, porque sua brincadeira favorita sempre foi escolinha; mesmo assim, confessa que quando começou o curso pensou que seria algo momentâneo, não conseguia se ver nessa profissão. No entanto, quando começou o estágio, tudo mudou e ela se apaixonou de vez. Hoje, Kauane ama a sala de aula, esse é o universo a que ela pertence. Ela cogita continuar estudando após formada e fazer uma pós em psicopedagogia ou em educação especial. Para Kauane, a inclusão precisa ainda melhorar, em diversos pontos. Mas ela acredita que estamos no caminho, pois se for comparar com a sua experiência de aluna na escola regular, já houve muitas mudanças. O preconceito, infelizmente, é algo que sempre existe e sempre será o maior problema em sala de aula, na escola e fora. Ela está feliz com a oportunidade de estar em sala como monitora de inclusão e de entender e aprender cada dia mais com as crianças. Kauane espera fazer a diferença na vida de seus alunos, da mesma forma que eles fizeram e fazem em sua vida, com uma bagagem enorme de conhecimento.

E-mail: kauane.marinho@unifebe.edu.br

Instagram: @kauumarinho_

21. LAURA KARINA RODRIGUEZ MOTA

Laura nasceu em Jusepín, na Venezuela, onde trabalhava na indústria petroleira PDVSA, e veio para Brusque, em 2020, com os filhos, fugindo da crise econômica que assolava seu país, em busca de oportunidades melhores para a família. Laura escolheu o curso de Pedagogia porque gosta de ensinar, mas quer fazer uma licenciatura de espanhol ou de inglês para ser professora de

língua estrangeira. Para Laura, a inclusão é um processo que está adquirindo cada vez mais importância, pois todos têm direitos que se deve saber respeitar.

E-mail: laura.mota@unifebe.edu.br

Instagram: <https://www.instagram.com/laurakrodri/>

22. LEILA FLORES FIRMO

Leila nasceu em Brusque e a pedagogia sempre foi uma paixão, por isso foi uma escolha lógica. Ela acredita que, como pedagoga, poderá influenciar positivamente a vida das crianças, auxiliando na construção de sonhos e de um futuro digno, além de contribuir para um mundo melhor. Para Leila, o processo de inclusão precisa melhorar muito ainda, a inclusão é essencial para nossa sociedade, ao tornar as pessoas mais independentes e autônomas, por terem acesso de forma igualitária a tudo que a sociedade pode oferecer, sem distinção de qualquer espécie. A inclusão é a construção de um mundo justo para todos.

E-mail: leila.firmo@unifebe.edu.br

23. LUANA DO AMARAL DE OLIVEIRA

Luana nasceu em Brusque, mas seus pais vieram da pequena cidade Anita Garibaldi, no interior de Santa Catarina, em busca de uma melhor qualidade de vida. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque se identifica com a sala de aula e gosta de trabalhar com crianças. Sobre a inclusão de modo geral, Luana pensa que todos nós temos muito o que aprender ainda, e é preciso mudar muitas coisas para termos uma sociedade inclusiva para todos.

E-mail: luana.amaral32@unifebe.edu.br

Instagram: [@luanaamaral908132](https://www.instagram.com/luanaamaral908132)

24. LUANA DALBOSCO

Luana é natural de Guabiruba, onde continua morando, mas vem para Brusque todos os dias para trabalhar e estudar. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque já atuava na área. Para Luana, hoje já se tem uma melhor compreensão sobre a inclusão, no entanto, ainda há um longo caminho a percorrer até que se tenha uma sociedade inclusiva de fato. É importante pensar na inclusão como um caminho para o respeito, sem ultrapassar os limites do outro; principalmente na Educação. Afinal, é por meio da escola que se formam cidadãos.

E-mail: luanadalbosco24@gmail.com

Instagram: @dalbosco_luana

25. MAÍZA CRISTINA FERREIRA AURÉLIO

Maíza nasceu em São João Batista, cidade de Santa Catarina que é próxima de Brusque, por isso ela estuda em Brusque, mas continua residindo e trabalhando em sua cidade natal. A escolha de fazer Pedagogia na Unifebe foi um grande desafio por questões de logística e gerenciamento de tempo. Mas o fato de a instituição ser muito boa e de possuir professores qualificados pesou na minha escolha. Além disso, ela sente uma conexão muito forte com crianças. Maíza conta que começou a faculdade com um pouco de incerteza, mas se apaixonou pelas aulas e, agora quase concluindo o curso e passando pelo processo de estágio, vê que realmente as crianças a encantam e trazem leveza. Ela cogita explorar ainda mais a Psicologia, sempre teve muito interesse nessa área. Quem sabe essa seja sua próxima graduação. Para Maíza, a inclusão é algo necessário ainda em processo na sociedade. E, apesar de políticas já implementadas a respeito disso, é ainda muito negligenciada. Precisamos unir forças para mudar esse cenário!

E-mail: maiza.aurelio@unifebe.edu.br

Instagram: @maizaaurilio

26. MARIAH WIEDERKEHR TISSE

Mariah nasceu e cresceu em Brusque. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque sempre teve uma paixão por crianças e pela educação. E planeja atuar na área e, quem sabe, fazer pós-graduação para aprofundar seus conhecimentos. Para Mariah, a inclusão é essencial na educação por ser importante que todos os alunos, independentemente de suas condições, tenham as mesmas oportunidades. Ainda há muito que melhorar, mas estamos no caminho certo para tornar as escolas mais acolhedoras e justas para todos e, assim, construir uma sociedade mais tolerante e inclusiva.

E-mail: mariah.tisse@unifebe.edu.br

Instagram: @mariah.tisse

27. MARIVANI FATIMA DE MELLO WALMARATH

Marivani nasceu em São Miguel do Oeste, no estado de Santa Catarina. Ela veio para Brusque de carro e sozinha, em busca de uma vida melhor e de mais oportunidades. Marivani escolheu fazer Pedagogia, porque ser professora é um sonho de infância. Para Marivani, nas escolas, os professores estão cada vez mais empenhados em proporcionar o melhor para o aluno, e a inclusão faz parte desse melhor.

E-mail: marivani.walmarath@unifebe.edu.br

Instagram: @marivani__mana

28. MICAELI TAÍS KAEFER

Micaeli nasceu em Boa Vista do Buricá, no Rio Grande do Sul, e veio para Brusque em busca de novas oportunidades de trabalho. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque sempre gostou muito de trabalhar com crianças. Ela já está trabalhando na escola e planeja continuar na área, mas quer se especializar em alguma área da pedagogia e buscar sempre evoluir mais. Para Micaeli, a inclusão está muito presente no seu dia a dia, pois já trabalhou com a

inclusão, mas observa também que é uma área muito importante e delicada que precisa de atenção e pessoas qualificadas.

E-mail: micaeli.kaefer@unifebe.edu.br

Instagram: @michelitais_

29. MICAELLA MANTOVANI DANELUZI

Micaella nasceu em Viradouro, no estado de São Paulo. Meus pais tinham uma lanchonete em Viradouro e, em algum momento, se sentiram sobrecarregados e insatisfeitos com a situação em que estavam vivendo e decidiram mudar as coisas; como já conheciam Brusque, porque meus tios moram aqui e gostavam daqui, decidiram vender tudo lá e vir para cá. Micaella tinha o sonho de cursar Biomedicina, mas o curso estava fora de seu orçamento. E, então, apareceu a Pedagogia por meio de uma amiga que disse que ela tinha jeito com crianças e talvez devesse dar uma olhada no curso. Micaella começou o curso e passou a amá-lo com o tempo. Ela planeja atuar na educação, mas também quer cursar biologia como segunda graduação, pois gostaria de trabalhar com os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio! Para Micaella, a inclusão é algo totalmente necessário. É muito falado, mas pouco praticado. E nem todos sabem como agir diante de um aluno com necessidades educacionais especiais. Além disso, Micaella observa que as pessoas hoje estão preocupadas com o “seu próprio nariz” e não têm capacidade de olhar ao redor e perceber a dificuldade do outro. E, dessa forma, não têm tolerância com as diferenças.

E-mail: micaella.daneluzi@unifebe.edu.br

30. MIRIAM BORGES ALLES

Miriam nasceu em Lages, no estado de Santa Catarina, e veio para Brusque com apenas 5 anos com a mãe, que buscava melhores oportunidades na vida profissional. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque desde que começou a trabalhar em escolas

como monitora de inclusão na rede municipal, ela se apaixonou pela educação e desejou ser professora. Assim, quando surgiu a oportunidade de concorrer a uma bolsa de estudos, inicialmente ficou receosa e pensou que não conseguiria, mas seus colegas de trabalho incentivaram-na a se inscrever. Eles viram nela um potencial e acreditaram que ela poderia alcançar esse objetivo. Dessa forma, com o apoio e a motivação deles, Miriam decidiu se candidatar e hoje está prestes a se formar. Ela aproveitou essa oportunidade e se dedicou a aprofundar seus conhecimentos para fazer a diferença na educação e planeja ser uma ótima professora. Para Miriam, a inclusão é um aspecto essencial da educação que visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, tenham acesso igualitário ao aprendizado e às oportunidades, pois a inclusão promove um ambiente escolar mais justo e acolhedor, onde cada indivíduo deve ser valorizado por suas capacidades únicas. Miriam acredita que a inclusão é fundamental não apenas para o desenvolvimento acadêmico, mas também para o crescimento social e emocional dos alunos, por ensinar o respeito, a empatia e a colaboração, preparando as crianças para viverem numa sociedade diversa. No entanto, para a inclusão ser realidade, é necessário investimento contínuo em formação de professores, recursos adequados e políticas que deem suporte às práticas inclusivas. Afinal, é o compromisso e o esforço de todos os envolvidos na educação que podem promover o avanço significativo na direção de um futuro melhor para todos os alunos.

E-mail: miriam.alles@unifebe.edu.br

Instagram: @miriamborgesalles29

31. MÔNICA FISCHER BIANCHINI

Mônica nasceu em Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque é a realização de um sonho que tinha desde criança. Ela reconhece que tem o dom de ensinar, porque sempre esteve envolvida de

alguma forma com o ensino, pois atuava na igreja com grupos de estudos bíblicos, desde maternal até com adolescentes. Mônica entende que, como pedagoga, poderá contribuir não só com a escola e a sua família, como também com a formação da sociedade. Ela destaca que se sente realizada com o curso, pois estar ocupada aprendendo algo que agrega valores, isso é muito importante. Mônica quer atuar como pedagoga após formada, e se propõe a buscar mais conhecimento e criatividade nas abordagens para as crianças poderem ser estimuladas a ter prazer pelo ensino. Para Mônica, a educação, a saúde, o trabalho e o lazer são necessidades essenciais para todos e todos devem promover a aceitação da diversidade, pois a inclusão também é um direito básico, independente da condição do sujeito. Todos merecem dignidade e respeito!

E-mail 1: monica.bianchini@unifebe.edu.br

E-mail 2: monicafbianchini@hotmail.com

Instagram: @monicafbianchini

32. POLIANA CAROLINE DOS SANTOS

Poliana nasceu em Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque foi trabalhar na escola e queria se aprimorar, além de ter o estímulo de aumento do salário para exercer a mesma função e a bolsa de estudos. Ela trabalha na escola como monitora de inclusão, colocando o aluno como protagonista do seu processo, incentivando essencialmente sua autonomia. Por isso, Poliana acredita que a inclusão, por si só, tem mais efeito pedagógico do que a sequência didática, por exemplo; porque as relações e a interação entre crianças, com condições diferentes, podem deixar marcas significativas de respeito e tolerância na formação dos estudantes.

E-mail: poliana@unifebe.edu.br

Instagram: @polianasantos.psc

33. PRISCILA ROCINSKI VENERA

Priscila nasceu em Brusque. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque quer levar para as crianças um jeito diferente de olhar para a escola e tudo que nela é ensinado. Além de mudar aquele ensino engessado com o qual ela foi ensinada, a trazer novas possibilidades e principalmente ouvi-las, pois muito se fala das crianças, mas pouco é feito para escutá-las. Priscila não pensa em fazer outro curso de graduação, mas quer investir em pós-graduação na área da neurociência ou neuropsicopedagogia. Ela quer estudar sobre o sistema neurológico da aprendizagem, acredita que um conhecimento é importante para quem se dedica à educação de crianças. Para Priscila, a inclusão hoje já é vista com outros olhos, principalmente na sala de aula, mas ainda há muito para trabalhar, é preciso que todos tenham consciência de que somos iguais, e que todas as crianças merecem ser tratadas com dignidade, atenção e respeito.

E-mail: priscila.venera@unifebe.edu.br

34. RAQUEL MARIA CARDOSO PEDROSO

Raquel nasceu em Imaruí, no sul de Santa Catarina, mudou-se para Brusque aos cinco anos com a família, acompanhando o pai, que era servidor público municipal. Ela sempre gostou de ouvir e criar histórias, por isso sua primeira graduação foi Letras (Português-Inglês). No entanto, por sentir necessidade de aprofundar os conhecimentos, mais tarde também se graduou em Pedagogia e Letras-Libras. Durante a atuação de professora, foi em busca de mais conhecimento, fazendo vários cursos de pós-graduação e o mestrado em Linguística, na área de Linguística Aplicada. Hoje, Raquel é professora aposentada de Língua Portuguesa pela Prefeitura Municipal de Brusque. Atua no ensino superior como professora de Linguística e Língua Portuguesa, Educação Especial e Inclusiva, Cultura e Cidadania e LIBRAS. Para ela, a inclusão deve ser um processo contínuo de formação,

discussão e pesquisa, pois a pesquisa produz conhecimento, e o conhecimento quebra preconceitos e reelabora conceitos. E isso torna o ser humano mais tolerante e o mundo mais inclusivo.

E-mail: raquelpedroso@unifebe.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0684532478174007>

35. ROSIANE DE SYLLOS HUTIEL CHIQUELEIRO

Rosiane nasceu em Campinas, no estado de São Paulo, e veio para Brusque ainda criança, com apenas 9 anos, com a mãe, porque sua avó já morava aqui e gostava muito da cidade. Rosiane escolheu fazer Pedagogia, porque ama estudar e ama ensinar. Ela planeja ser professora e buscar sempre o conhecimento para ser uma ótima profissional. Para Rosiane, a inclusão é fundamental para haver uma sociedade mais justa.

E-mail: rosiane.chiqueleiro@unifebe.edu.br

Instagram: @rosianeivan

36. SABRINA SUELEN SIQUEIRA DOS SANTOS

Sabrina nasceu em Caraguatatuba, no estado de São Paulo. Ele veio para Brusque com a família porque o pai havia passado num concurso público. Sabrina havia escolhido fazer Pedagogia, porque o ensinar é transformador, mas ela se encontrou na Arte. Hoje, tem intenção de fazer licenciatura em Artes Visuais. Em relação à inclusão, Sabrina acredita que está caminhando para a direção certa.

E-mail: bibi.solitoral@gmail.com

Instagram: @sahsiqueiraa

37. SHÉRITA UANA PRIM

Shéríta nasceu em Brusque. E escolheu fazer Pedagogia, porque já atua na área e gosta de estar na escola. Ela planeja fazer outros cursos, mas não sabe ao certo o que fazer. Talvez uma pós-graduação, ou mestrado; ou mesmo outra graduação. Para

Shéríta, a inclusão é algo extremamente necessário no cotidiano de todas as pessoas. Não se pode entender a vida sem inclusão.

E-mail: sherita_uana@unifebe.edu.br

Instagram: @Shéríta_Uana

38. SUÉLLEN DE TOFFOL

Suéllen nasceu em Lages, no estado de Santa Catarina, e veio para Brusque com a família. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque gosta muito de trabalhar com a educação. Para Suéllen, a inclusão cresceu muito, porém ainda há muito que se evoluir. Socialmente, a inclusão representa o reconhecimento de igualdade de direitos e oportunidades para todos os indivíduos diferentes que habitam determinada sociedade. E que bom que somos todos diferentes!

E-mail 1: suellen.toffol@unifebe.edu.br

E-mail 2: suellendetoffol.@hotmail.com

39. THAISSA CRISTINE BERTOLDI

Thaissa nasceu em Brusque e escolheu fazer Pedagogia, porque teve professoras que a motivaram. Ela gosta de estar na escola e ama o que faz. Em relação à inclusão, Thaissa destaca que todos têm direito de aprender e de se desenvolver, independentemente das suas diferenças. Além disso, a inclusão é essencial para construir um mundo no qual todos tenham oportunidade de viver com dignidade, respeito e igualdade de condições.

E-mail: thaissacrisber@gmail.com

Instagram: @thaissa_bertoldi

40. TUANI HABITZREUTER

Tuani nasceu em Brusque. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque se interessa profundamente pelo desenvolvimento humano e pelo impacto positivo que, por meio da educação, pode-se ter na formação das futuras gerações. Tuani sabe que a inclusão

na educação assegura que todas as crianças possam participar e aprender juntas, independentemente de suas diferenças ou necessidades, e acredita que a construção de uma sociedade inclusiva é possível.

E-mail: tuani.habitzreuter@unifebe.edu.br

Instagram: @tuanihabitz

41. VITÓRIA SILVA DE OLIVEIRA

Vitória é nascida em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e veio com a família para Santa Catarina em busca de uma vida melhor, com estabilidade e tranquilidade. A família se estabeleceu na pequena cidade de São João Batista, e depois de um ano vindo para Brusque para estudar e trabalhar, Vitória conseguiu estabelecer moradia aqui. Ela escolheu fazer Pedagogia, porque, desde pequena, sempre amou falar, explicar e ensinar. Ela fez cursos de teatro e o grupo fazia várias apresentações em escolas, centros culturais, teatros, eventos, etc. Foi seguindo esse rumo que ela se encontrou na profissão docente por amar falar e ensinar, e amar crianças! É surreal poder participar da formação integral de um ser e deixar uma marca positiva na vida de um ser. Isso a encanta! Vitória sempre foi muito cuidadosa e gentil com pessoas com deficiência ou transtornos, mesmo quando era muito pequena e não entendia nada sobre inclusão. Na faculdade, os debates sobre inclusão abriram-lhe os olhos mais ainda, e o desejo de fazer mais por esse público está comigo. Na turma com a qual Vitória trabalha na escola, há dois alunos com transtornos, e ela sente satisfação em poder entendê-los e ver um lado diferente da educação. Ela observa que a inclusão traz situações para as quais não estamos preparados, mas para as quais devemos sempre buscar a capacitação e conhecimento para auxiliar no desenvolvimento de todos os alunos. É um processo contínuo e fascinante!

E-mail: vitoria02.sjb@gmail.com

Instagram: @prof.viic